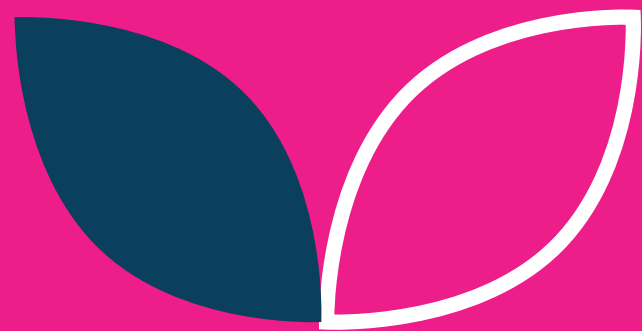




MULHERES
QUE RECICLAM
FUTURO





MULHERES
QUE RECICLAM
FUTURO

HÁ LIVROS QUE NASCEM PARA REGISTRAR UM RECORTE NO TEMPO e há livros que nascem para transformar o que esse tempo registra. **Mulheres que Reciclam o Futuro** nos oferece os dois: guarda a memória das mulheres que atuam na reciclagem no Brasil e, ao mesmo tempo, revela a potência de um trabalho que molda territórios, economias e vidas. Para a Novelis, é uma honra apoiar a publicação desta obra que reconhece o valor das profissionais que fazem o ciclo da reciclagem acontecer.

A Novelis é líder mundial em laminação e reciclagem de alumínio, mas nosso propósito vai além: *Juntos, Criamos um Mundo Sustentável*. Sustentável não apenas em tecnologia e inovação, mas em relações, em respeito e em colaboração. Por isso, escolhemos caminhar ao lado das cooperativas, catadores e catadoras, que são agentes transformadores na cadeia de reciclagem. Todas essas pessoas permitem que o alumínio siga seu ciclo infinito de renascimento, devolvendo-o para a indústria após seu uso e descarte adequado.

Nosso compromisso é claro: queremos apoiar o desenvolvimento e o crescimento do setor e a melhoria da qualidade de vida de catadores e catadoras. Investimos continuamente em iniciativas que fortalecem cooperativas, ampliam sua capacidade de gestão, promovem oportunidades de formação e valorizam as pessoas.

Ao apoiarmos a criação desta obra, reconhecemos o protagonismo feminino que há décadas impulsiona a reciclagem no Brasil. Que este livro inspire novas mulheres, novas alianças e novos olhares!

Novelis

SOME BOOKS ARE MEANT TO REGISTER A MOMENT IN TIME; others are meant to transform it. **Mulheres que Reciclam o Futuro** does both: it preserves the memory of women working in recycling across Brazil while revealing the power of a labor that shapes territories, economies, and lives. For Novelis, it is an honor to support the publication of this work, which recognizes the value of the professionals who make the recycling cycle happen.

Novelis is the world leader in aluminum rolling and recycling, but our purpose goes further: *Together, we create a sustainable world.* Sustainable not only in technology and innovation, but also in relationships, respect, and collaboration. That is why we choose to walk alongside cooperatives and waste pickers, who are the transformative agents of the recycling chain. They are the ones who allow aluminum to continue its infinite cycle of rebirth, returning it to the industry after its use and proper disposal.

Our commitment is clear. We want to support the development and growth of the sector and improve the quality of life for waste pickers. We continuously invest in initiatives that strengthen cooperatives, expand their management capacity, promote training opportunities, and value people.

By supporting the creation of this work, we recognize the female leadership that has driven recycling in Brazil for decades. May this book inspire new women, new alliances, and new perspectives.

Novelis

INTRODUÇÃO

Introduction



12

Aquelas que reciclam o futuro

Those who recycle the future

VOZES DA MUDANÇA

Voices of Change



18

Fran: coragem e transformação no coração do Acre

Fran: courage and transformation in the heart of Acre

ACRE → **Francione Mendes de França**

Cooperativa Catar

26

Vânia: a força que nasce da necessidade

Vânia: the strength that is born from necessity

ALAGOAS → **Ivanilda da Conceição Gomes**

Coopvila – Cooperativa de Trabalho dos Catadores de Materiais Recicláveis da Vila Emater

32

Suelen: resistência em meio às águas da Amazônia

Suelen: resistance amidst the waters of the Amazon

AMAZONAS → **Suelen Cardoso Ramos**

Nova Recicla



38

Chiquinha: da falta de oportunidades à força da liderança coletiva

Chiquinha: from lack of opportunities to the strength of collective leadership

BAHIA → Elizabeth dos Santos Santana

Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis Recicla Jacobina

46

Camila: juventude, força e continuidade na reciclagem

Camila: youth, strength and legacy in recycling

CEARÁ → Camila Alves

Ascajan – Associação dos Catadores do Jangurussu

52

Aparecida: da vulnerabilidade à força da coletividade

Aparecida: from vulnerability to the strength of collectivity

DISTRITO FEDERAL → Aparecida Ferreira de Maria

Reciclo

60

Maria do Carmo: entre a dureza da vida e a esperança

Maria do Carmo: between the hardness of life and hope

ESPÍRITO SANTO → Maria do Carmo Cantílio Felipe

Associação de Catadores Economia Solidária Recuperlixo

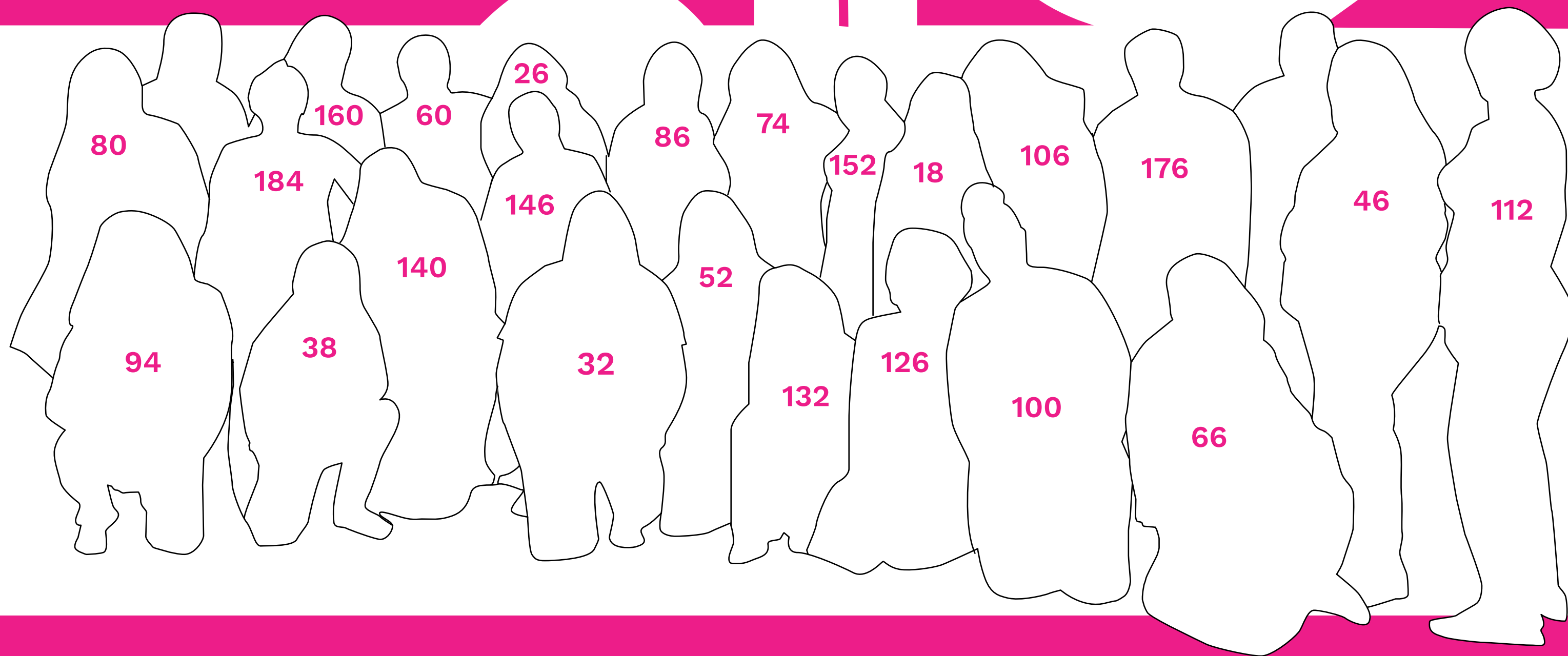
66

Dulce: a voz que transforma a invisibilidade em força coletiva

Dulce: the voice that transforms invisibility into collective strength

GOIÁS → Dulce Vale

Cooper Rama – Cooperativa de Trabalho dos Catadores de Material Reciclável Reciclamos e Amamos o Meio Ambiente



74

Egrinalda: da infância dura à voz firme do movimento

Egrinalda: from a hard childhood to the firm voice of the movement

JOÃO PESSOA → **Egrinalda dos Santos Silva**

Catajampa – Associação de catadores e catadoras de materiais reutilizáveis de João Pessoa

80

Dona Maria: uma vida dedicada à reciclagem e à transformação social

Dona Maria: a life dedicated to recycling and social transformation

MARANHÃO → **Maria José Castro**

Cooresoma – Cooperativa de Resíduos Sólidos do Maranhão

86

Valquíria: transformar o que sobra em futuro

Valquíria: transform what remains into future

MATO GROSSO → **Valquíria Pereira de Barros**

ATMARAS – Associação dos Trabalhadores de Materiais Ascavag – Associação de Catadores de Várzea Grande

94

Gilda: coragem, fé e transformação pelo trabalho coletivo

Gilda: courage, faith and transformation by collective work

MATO GROSSO DO SUL → **Gilda Macedo**

ATMARAS – Associação dos Trabalhadores de Materiais Recicláveis dos Aterros Sanitários de MS

100

Madá: reciclando vidas e inspirando mulheres a acreditarem em si mesmas

Madá: recycling lives and inspiring women to believe in themselves

MINAS GERAIS → **Maria Madalena Rodrigues Duarte Lima**

Coopert – Cooperativa de Reciclagem e Trabalho

106

Trindade: da sombra do lixão à luz da resistência

Trindade: from the shadow of the landfill to the light of resistance

PARÁ → **Maria Trindade Santana de Araújo**

Associação Cidadania Paratodos

112

Verônica: da infância humilde à liderança transformadora

Verônica: from a humble childhood to transformative leadership

PARANÁ → **Verônica Cardoso Costa de Souza**

COOPER REGIÃO

118

Roberta: a vida inteira entre lutas e reciclagem

Roberta: an entire life between struggles and recycling

PERNAMBUCO → **Roberta de Santana Pessoa Cardoso**

Cooperativa de catadores e catadoras profissionais do Recife

126

Márcia: educar, reciclar e semear futuros

Márcia: educate, recycle and sow futures

PIAUI → **Marcia Regina de Alencar**

COOPCATA 3Rs – Cooperativa de Trabalho em Economia Solidária dos Catadores de Materiais Recicláveis do Território Norte

132

Ana: entre o chão do aterro e o horizonte das possibilidades

Ana: between the landfill floor and the horizon of possibilities

RIO DE JANEIRO → **Ana Karla Gonçalves de Araújo**

Coop Soluções Maricá

140

Lena: da superação pessoal à liderança no mundo da reciclagem

Lena: from personal overcoming to leadership in the world of recycling

RIO GRANDE DO NORTE → **Rosileide Manço do Nascimento Santos**

Cocamar - Cooperativa de Materiais Recicláveis e Desenvolvimento Sustentável

146

Maria Tugira: raízes de luta, flores de esperança

Maria Tugira: roots of struggle, flowers of hope

RIO GRANDE DO SUL → **Maria Tugira da Silva Cardoso**

ACLAN – Associação de Catadores Amigos da Natureza

152

Charana: a borboleta que nasceu do lixão

Charaba: the butterfly that was born from the landfill

RORAIMA → **Charana Mery Souza Kams**

Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis Terra Viva

160

Gê: da dor à liderança na reciclagem

Gê: from pain to leadership in recycling

SANTA CATARINA → **Genilda Bete de Lima**

COOPERITAPEMA – Cooperativa de Trabalho dos Catadores de Materiais Recicláveis de Itapema

168

Margarida: a vida que floresceu da reciclagem

Margarida: the life that flourished from recycling

SÃO PAULO → **Margarida Maria Nascimento**

COOPERCAPS

176

Do Lixo ao Luxo: a trajetória de Socorro

From Trash To Luxury: Socorro's trajectory

SERGIPE → **Socorro Soares dos Santos Alves**

Cooperativa dos Agentes autônomos de reciclagem de Aracaju

184

Edileuza: entre raízes e horizontes

Edileuza: between roots and horizons

TOCANTINS → **Maria Edileuza Soares Mendes**

Ascampa – Associação de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis da Região Centro Norte de Palmas

196

Referências bibliográficas

Bibliographic references

200

Equipe Editorial

Editorial Staff

Aquelas que reciclam o futuro

Kátia Rocha

HÁ HISTÓRIAS QUE CHEGAM DEVAGAR, quase silenciosas, mas que sustentam o mundo. Não nascem dos grandes feitos, nem dos nomes que ocupam os livros escolares, mas de vidas que, simplesmente por existirem em seu tempo e território, revelam algo essencial sobre o país. Este livro nasce dessa vontade de olhar de perto — tão perto que os detalhes começam a falar.

As histórias de vida reunidas aqui são fragmentos de trajetórias de mulheres que vivem em mais de vinte cidades brasileiras. Suas experiências compõem um mosaico onde trabalho, família, informalidade, cuidado, reciclagem e cooperativismo deixam rastros que valem mais do que muitos monumentos. É no gesto aparentemente pequeno que se encontra a chave para compreender a força coletiva das mulheres que seguram o país pelo avesso e pelo direito.

Entre tantas formas de existir, este livro assume um recorte claro: olhar para as mulheres que sustentam a reciclagem no Brasil — as catadoras. São elas que transformam o que a cidade descarta em possibilidade, renda e dignidade. Muitas organizam cooperativas, constroem redes de apoio e reinventam o trabalho urbano. Catador de Ma-

teriais Recicláveis é uma ocupação reconhecida oficialmente pelo Ministério do Trabalho desde 2002, mas a atuação dessas mulheres é muito mais antiga. Surgiu da necessidade, da inteligência prática e da capacidade de reorganizar o mundo a partir do pouco que chega às suas mãos. Aqui, o foco do nosso olhar são essas mulheres que reciclavam muito antes de serem reconhecidas.

Ao longo da história brasileira, quase tudo foi narrado “a partir do alto”: as grandes datas, os grandes nomes, as grandes instituições. Basta olhar mais de perto para perceber que a maior parte do país ficou fora desse enquadramento. As mulheres — sobretudo as negras, indígenas e periféricas — sustentaram famílias, ruas, mercados, redes comunitárias e economias inteiras, enquanto permaneciam invisíveis nos registros oficiais.

E, ainda assim, é impossível contar a história do Brasil sem elas. Em 1920, menos de um terço das mulheres brasileiras sabia ler e escrever — entre mulheres negras, esse número era ainda menor. Um século depois, as marcas dessa exclusão continuam visíveis: quase metade das mulheres em idade ativa segue na informalidade, com índices ainda maiores entre as mães negras.

Na reciclagem de resíduos, cerca de 70% dos trabalhadores são mulheres — presença decisiva, mas quase nunca reconhecida.

A dificuldade de acesso à escolarização formal resulta de trajetórias marcadas pela informalidade e pela urgência da sobrevivência cotidiana. A pobreza não apenas limitou o acesso à educação, como redefiniu seus tempos, formas e espaços, deslocando o aprendizado para fora da escola e fazendo do cotidiano um campo permanente de formação.

A trajetória dessas brasileiras que atuam na coleta e na reciclagem sempre oscilou entre duas polaridades: a invisibilidade institucional e a centralidade estrutural. Elas são invisíveis nos arquivos, mas indispensáveis para que a vida aconteça. Desde os tempos coloniais, mulheres de diferentes origens mantiveram vivas práticas de cuidado, religiosidade, oralidade e transmissão de saberes. Muitas trabalharam nas ruas, como as antigas regateiras da Bahia, que cruzavam a cidade com cestos e tabuleiros, abastecendo mercados e famílias. Foram empreendedoras muito antes de o país aprender essa palavra.

Mesmo quando algumas poucas consegui-

ram avançar para espaços de educação formal, a regra permaneceu outra: a maioria continuou à margem, sustentando o cotidiano enquanto a modernização prometia um futuro que não chegava para elas. A divisão sexual do trabalho reforçou hierarquias rígidas, definindo o que era “saber” e o que era apenas “tarefa feminina”. A cultura ajudou a moldar essa separação, difundindo imagens da mulher como frágil, dócil ou naturalmente vocacionada ao cuidado — estereótipos que serviram mais para limitar do que para descrever.

Mas, mesmo em silêncio, elas criaram caminhos. Muitas alfabetizaram os filhos com livros encontrados na coleta; outras transformaram resíduos em renda, arte e comunidade; outras, ainda, organizaram bibliotecas caseiras, cozinhas coletivas, grupos de apoio e espaços de aprendizagem. Guardam fotografias, roupas, cadernos — objetos que se tornam pequenos símbolos arqueológicos de resistência.

Este livro olha para essas vidas com atenção. A fotografia, quando observada com cuidado, revela mais do que mostra: a postura do corpo, a relação com o espaço, o enquadramento esco-

lhido por quem registra e, sobretudo, o que ficou fora da imagem. Durante muito tempo, o corpo feminino pobre foi fotografado a partir de olhares externos, revelando mais sobre quem usava a lente do que sobre a mulher retratada. A pobreza virou estética; a sobrevivência, espetáculo; a força, fetiche. Hoje, novos projetos visuais vêm invertendo essa lógica, devolvendo às mulheres a posição de narradoras de si.

As histórias que compõem este livro, portanto, não são apenas textos: são presenças. Tratam-se de narrativas que resgatam a dignidade e a complexidade de vidas que carregam o futuro enquanto reciclam o presente. Aqui as mulheres constroem economias circulares, cuidam de territórios, formam redes, educam crianças, criam novos modos de solidariedade. Aqui as mulheres são protagonistas, mesmo quando o país insiste em lhes oferecer o papel de coadjuvantes.

A metodologia escolhida para contar as histórias de vida nos permite enxergar o que os grandes panoramas deixam escapar. Aqui, vida e imagem caminham juntas. Não buscamos heroínas, mas mulheres reais, com contradições, cansaços, esperanças e invenções. Cada uma delas oferece

um recorte de mundo — e, somadas, revelam que o Brasil é mais vasto do que supõem os arquivos.

A história do Brasil não estará completa enquanto essas vozes permanecerem nas margens. Este livro é uma travessia: um esforço para reparar ausências, reconstruir memórias e registrar aquilo que sempre esteve vivo, mas raramente escrito. É também um gesto de restituição: devolver às mulheres recicladoras — de matéria, de memória e de mundo — o lugar que lhes pertence na narrativa social.

Elas se reconheceram. Se escolheram. E, nesse gesto silencioso, adotaram umas às outras — e adotaram também um país para cuidar. Porque entendem o mundo como casa e o trabalho da reciclagem como uma forma de atuação social e humana necessária.

Leitor e leitora, siga adiante com delicadeza. As páginas não entregam apenas fatos: abrem passagens para mundos inteiros. Em cada vida aqui narrada, emerge uma verdade simples e profunda — o futuro do Brasil sempre esteve nas mãos de quem sustentou o cotidiano sem plateia e que, com coragem silenciosa, educou gerações para a reciclagem.

Those Who Recycle the Future

By **Kátia Rocha**

THERE ARE STORIES THAT ARRIVE SLOWLY, almost silently, yet sustain the world. They are not born from grand deeds, nor from names that fill school textbooks, but from lives that—simply by existing in their time and territory—reveal something essential about the country. This book is born from a desire to look closely—so closely that the details begin to speak.

The life stories gathered here are fragments of women's journey living in more than twenty Brazilian cities. Their experiences form a mosaic where work, family, care, informality, recycling, and cooperativism leave traces that worth more than monuments. It is in seemingly small gestures that one finds the key to understanding the collective strength of the women who hold the country together, inside and out.

Among so many ways of existing, this book takes a clear perspective: it looks at the women who sustain recycling in Brazil—the catadoras (waste pickers). They're the ones who transform what the city discards into possibility, income, and dignity. Many organize cooperatives, build support networks, and

reinvent urban labor. While "Recyclable Material Collector" has been an officially recognized occupation by the Ministry of Labor since 2002, the work of these women is much older. It arose from necessity, practical intelligence, and the ability to reorganize the world from the little that reaches their hands. Here, we put women who were recycling long before they were recognized at center stage.

Throughout Brazilian history, almost everything has been narrated "from above" perspective: the major dates, the great names, the powerful institutions. One only needs to lower their gaze to realize that most of the country was left out of that frame. Women—especially Black, Indigenous, and marginalized women—sustained families, streets, markets, community networks, and entire economies, while remaining invisible in official records.

Yet, it is impossible to tell the story of Brazil without them. In 1920, less than a third of Brazilian women could read and write—among Black women, that number was even lower. A century later, the marks of this exclusion remain visible: nearly half of women of working age remain in

the informal sector, with even higher rates among Black mothers. In waste recycling, about 70% of workers are women—a decisive presence, yet almost rarely acknowledged.

The difficulty of accessing formal education results from trajectories marked by informality and the urgency of daily survival. Poverty did not just limit access to education; it redefined its timing, forms, and spaces, shifting learning outside the school and turning everyday life into a continuous space of learning.

The trajectory of Brazilian women working in waste collection and recycling has always oscillated between two poles: institutional invisibility and structural centrality. They are invisible in the archives, but indispensable to everyday life. Since colonial times, women of different backgrounds have kept alive practices of care, religiosity, orality, and the transmission of knowledge. Many worked in the streets, such the ancient regateiras of Bahia, who crossed the city with baskets and trays, supplying markets and families. They were entrepreneurs long before the country had learned that word.

Even when a few managed to gain access to formal education spaces, the rule remained different: the majority continued on the margins, sustaining daily life while modernization promised a future that never arrived for them. The sexual division of labor reinforced rigid hierarchies, defining what was "knowledge" and what was merely a "female task." Culture helped shape this separation, spreading images of women as fragile, docile, or naturally inclined to care—stereotypes that served more to limit than to reflect reality.

But even in silence, they created paths. Many taught their children to read using books found in the trash; others transformed waste into income, art, and community; still others organized home libraries, collective kitchens, support groups, and learning spaces. They keep photographs, clothes, notebooks—objects that become small archaeologies of resistance.

This book looks at these lives with focused attention. Photography, when observed carefully, reveals more than it shows: body posture, the relationship with space, the framing decisions

behind the lens, and, above all, what was left out of the image. For a long time, the bodies of poor women were photographed from external perspectives, revealing more about the lens than about the woman portrayed. Poverty became an aesthetic; survival, a spectacle; strength, a fetish. Today, new visual projects are inverting this logic, returning to women the position of narrators of their own stories.

The stories that make up this book, as such, are not just texts: they are presences. They are narratives that reclaim the dignity and complexity of lives that carry the future while recycling the present. They are women who build circular economies, care for territories, form networks, educate children, and create new modes of solidarity. They are protagonists, even when the country insists on assigning them a supporting role.

Life-story methodology allows us to see what the grand panoramas let slip away. Here, life and image walk together. We do not seek heroines, but real women, with contradictions, exhaustion, hopes, and inventions. Each of them offers a slice

of the world—and, added together, they reveal that Brazil is vaster than the archives suppose.

The history of Brazil will not be complete as long as these voices remain at the margins. This book is an act of crossing: an effort to repair absences, reconstruct memories, and record what was always alive, but rarely written. It is also a gesture of restitution: returning to the women recyclers—of matter, of memory, and of the world—the place that belongs to them in the social narrative.

They recognized each other. They chose each other. And, in that silent gesture, they adopted one another—and also adopted a country to care for. This is because they understand the world as a home and the work of recycling as a necessary social and human act.

Reader, proceed with gentleness. The pages that follow do not merely deliver facts: they open passages to entire worlds. In every life narrated here, a simple and profound truth emerges—the future of Brazil has always been in the hands of those who sustained daily life without an audience and, with silent courage, educated generations for recycling.



VOICES
OF CHANGE

**VOZES DA
MUDANÇA**



Fran: **coragem e transformação** no coração do Acre

Francione Mendes de França
Cooperativa Catar, Acre

FRAN NASCEU EM RIO BRANCO, ACRE, e entrou para a catação em 2018, onde encontrou sustento e aprendizado. Dois anos depois, foi convidada a assumir a área financeira da cooperativa. Nunca tinha lidado com esse tipo de responsabilidade e sentiu medo diante da novidade. “Eu dizia: meu Deus, como é que eu vou saber as coisas que eu não sei?”, recorda. Ainda assim, aceitou. Aos poucos, aprendeu a controlar as contas, organizar pagamentos e tomar decisões. Mais tarde, com cursos de formação, consolidou-se como diretora financeira e permanece no cargo até hoje, sempre reeleita pela confiança dos colegas.

A cooperativa onde atua, chamada Catar, é formada por um grupo pequeno, mas unido. São cerca de 15 cooperados, a maioria mulheres. Para Fran, isso revela a força feminina dentro da reciclagem. “Trabalho com 10 mulheres e 3 homens. Elas são muito guerreiras, dão o sangue pelo trabalho”, explica. Uma colega, por exemplo, sustenta 12 filhos com a renda do galpão, chegando diariamente às seis da manhã e saindo apenas no fim da tarde, sempre com disposição e alegria. Fran acredita que histórias como essa simbolizam a essência do cooperativismo: apoio mútuo, confiança e perseverança.

Nos últimos anos, o cenário de Rio Branco começou a se transformar. A prefeitura passou a apoiar a coleta seletiva e cedeu um caminhão para a cooperativa. Esse avanço mudou a forma como a população enxerga os catadores. Antes vistos com desconfiança, hoje são respeitados e reconhecidos como agentes ambientais.



Na cooperativa, Fran não se limita ao setor financeiro. Atua também na parte administrativa, participa da separação de materiais e, quando necessário, carrega sacos, organiza a prensa e ajuda as colegas. Mesmo com escoliose diagnosticada na infância, que poderia limitar sua atuação física, não recusa o trabalho prático. “Eu gosto de estar com a mão na massa, ajudando as meninas”, afirma. Para ela, o exemplo é mais forte do que qualquer discurso.

Uma das maiores transformações que promoveu foi reorganizar a cooperativa quando assumiu a direção. Encontrou o galpão cheio de material sem poder ser vendido, já que a entidade não possuía CNPJ nem conta bancária. Assumiu



Entre desafios e conquistas, Fran tornou-se conhecida em sua cidade como a “baixinha guerreira valente”, **apelido que recebeu em reconhecimento à sua disposição incansável e à forma como enfrenta cada obstáculo com serenidade.**

o risco de vender a carga em seu próprio CPF, enfrentando a desconfiança de alguns colegas. “Disseram que eu podia roubar o dinheiro. Mesmo assim, aceitei o desafio”, relembra. A primeira venda rendeu dinheiro suficiente para pagar todos os cooperados, quitar dívidas e iniciar o processo de regularização da documentação. O resultado foi o renascimento da Catar, que desde então funciona de forma estruturada, com contas em dia e reconhecimento institucional.

Fran também participa de encontros e viagens nacionais de formação e intercâmbio. Em cada evento, anota tudo em seu caderno para depois compartilhar com o grupo. “Eu chego e reúno todo mundo. Conto o que aconteceu e o que pode melhorar. Nada se faz sozinho, precisamos do apoio de todos”, explica. Essa prática fortaleceu a confiança interna e ajudou a consolidar a cooperativa como referência local.

Ela se define como uma mulher corajosa e não esconde a fé que a sustenta. “Não importa a igreja, eu oro no meu quarto e sei que Deus me escuta. É isso que me dá força”, afirma. Alguns de seus sonhos, é o desejo de comprar uma casa definitiva. Fala disso com convicção.

Entre desafios e conquistas, Fran tornou-se conhecida em sua cidade como a “baixinha guerreira valente”, apelido que recebeu em reconhecimento à sua disposição incansável e à forma como enfrenta cada obstáculo com serenidade. Como lembram as colegas, “ela é a única que nunca reclama de nada”.

Sua história mostra que a reciclagem não é apenas um trabalho de sobrevivência, mas também um espaço de reconstrução pessoal e de fortalecimento coletivo. Do Acre, onde a floresta se mistura às ruas da capital, Fran se levanta como exemplo de que coragem e solidariedade são capazes de transformar destinos e abrir novos caminhos.



Fran: **Courage and Transformation** in the Heart of Acre

Francione Mendes de França
Cooperativa Catar, Acre

Fran was born in Rio Branco, Acre, and entered waste picking in 2018, and found livelihood and learning. Two years later, she was invited to take over the financial area of the cooperative. She had never dealt with this kind of responsibility and felt fear before the unknown path ahead of her. “I said: my God, how am I going to know the things I don’t know?” she recalls. Still, she accepted. Gradually, she learned to control the accounts, organize payments, and make decisions. Later, with training courses, she consolidated herself as financial director and remains in the position today, re-elected time and again thanks to the trust of her colleagues.

The cooperative where she works, called Catar, is formed by a small but united group. There are about 15 members, the majority women. For Fran, this reveals the female strength within recycling. “I work with 10 women and 3 men. They are true fighters, give everything they have for the work,” she explains. One colleague, for example, supports 12 children with the income from the warehouse, arriving daily at six in the morning and leaving

only at the end of the afternoon, always with energy and joy. For Fran, stories like this symbolize the essence of cooperativism: mutual support, trust, and perseverance.

In recent years, the scenario of Rio Branco began to transform. The city hall began supporting selective collection and gave a truck to the cooperative. This advance changed the way the population views the collectors. Previously seen with suspicion, today waste pickers are respected and recognized as environmental agents.

In the cooperative, Fran does not limit herself to the financial sector. She also supports administration, participates in the separation of materials and, when necessary, carries bags, organizes the press, and helps her colleagues. Even with scoliosis diagnosed in childhood, which could limit her physical performance, she does not refuse practical work. “I like to get my hands dirty, helping my colleagues,” she states. For her, example is stronger than any speech.

One of the greatest transformations she promoted was reorganizing the cooperative when she took over the management. She found the warehouse full

of material that couldn’t be sold, since the cooperative didn’t yet have a registered tax ID (CNPJ) or a bank account. She took the risk of selling the cargo under her own name and tax ID (CPF), facing the distrust of some colleagues. “They said I could steal the money. Even so, I accepted the challenge,” she recalls. The first sale yielded enough money to pay all the members, pay off debts, and start the process of regularizing the documentation. The result was the rebirth of Catar, which since then has functioned in a structured way, with accounts up to date and institutional recognition.

Fran also participates in national meetings and travels for training and exchange. In each event, she wrote everything in her notebook to later share with the group. “I arrive and gather everyone. I tell what happened and what can be improved. Nothing is done alone, we need the support of everyone,” she explains. This practice strengthened internal trust and helped consolidate the cooperative as a local reference.

She defines herself as a courageous woman and does not hide the faith that sustains her. “No matter the church, I pray in my room and I know God hears me. That is what gives me strength,” she states. Among her dreams, she wishes to buy her own home. She speaks of this with conviction.

Between challenges and achievements, Fran became known in her city as the “fearless fighter,” a nickname she received in recognition of her tireless disposition and the way she faces each obstacle with serenity. As her colleagues remember, “she is the only one who never complains about anything.” Her story shows that recycling is not just a survival job, but also a space for personal reconstruction and collective strengthening. From Acre, where the forest mixes with the streets of the capital, Fran rises as an example that courage and solidarity are capable of transforming destinies and opening new paths.



Between challenges and achievements, Fran became known in her city as the “fearless fighter,”
a nickname she received in recognition of her tireless disposition and the way she faces each obstacle with serenity.





Vânia: a força que nasce da necessidade

Ivanilda da Conceição Gomes
Coopvila – Cooperativa de Trabalho dos
Catadores de Materiais Recicláveis
da Vila Emater, Alagoas

VÂNIA DIZ COM VOZ FIRME E CATEGÓRICA que não teve infância. Filha adotiva de uma mãe com deficiência, assumiu cedo responsabilidades que a fizeram pular algumas etapas da vida. “Eu já fui preparada pra ser adulta. Pra varrer, pra lavar, pra cuidar. Não soube o que era infância nem adolescência”, relembra. Desde cedo, acompanhava a mãe no trabalho, carregando pastéis para vender na Praia do Francês ou ajudando a alugar pranchas. A vida era dura, e foi assim que foi fortalecendo sua musculatura.

A maternidade chegou cedo e com ela mais responsabilidade. Separada do companheiro quando o filho tinha apenas quatro meses, voltou para a casa da mãe, mas considerava o ambiente hostil, marcado por rigidez e falta de afeto. Um dia, sem destino certo, pegou o filho de um ano, arrumou uma pequena mala e foi parar na comunidade do antigo lixão de Maceió. “Foi o coração que me levou até lá. Eu não sabia o que ia acontecer, mas sabia que não dava mais para continuar onde estava.”

Lá, encontrou acolhimento improvável. Uma amiga ofereceu abrigo e apresentou o caminho da catação.

A vida lhe apresentou tentações e riscos. Vânia chegou a se aproximar de ambientes de drogas e prostituição, mas escolheu outro caminho. “Eu tinha medo de virar estatística. Sempre dizia pra mim mesma: não quero vender meu corpo, não quero me perder.” Com orgulho, repete que nunca se envolveu em



tráfico, nunca se prostituiu, nunca deixou que o álcool ou drogas a dominassem.

Aos poucos, transformou a necessidade em trajetória de liderança. Participou da fundação da Coopvila. Hoje, reúne 27 famílias, a maioria mulheres. O salto do lixão para a cooperativa exigiu aprendizado e coragem. “Tudo que a gente catava era nosso. Na cooperativa é diferente, é coletivo. Precisei me capacitar para mudar hábitos e mostrar a cara pra sociedade, que sempre discriminou.”

A transição não foi fácil. Ela e outras mulheres enfrentaram preconceito, *bullying* na escola por causa do cheiro impregnado nos corpos, crianças estigmatizadas pela profissão



“

Nós somos 70% da catação. **Se alguém tem que falar de nós, somos nós mesmas.**

”

de suas famílias. Muitos desistiram, incapazes de enfrentar a exposição. Vânia persistiu. Passou por cursos, participou de peças teatrais e formações que a ensinaram a contar sua história sem medo. Hoje fala com firmeza diante de gestores, autoridades e representantes políticos.

Além da cooperativa, Vânia abraçou o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, onde já atua há oito anos como representante. Sua presença é marcada pela firmeza e pela defesa das mulheres. “Nós somos 70% da catação. Se alguém tem que falar de nós, somos nós mesmas.” É nesse espaço que encontrou também inspiração para ousar. Lançou candidaturas a vereadora, deputada estadual e até prefeita, não por ambição pessoal, mas como forma de dar visibilidade às catadoras. “Eu me candidato para que outras mulheres olhem e digam: se ela consegue, eu também consigo.”

A trajetória de Vânia é atravessada por fé e vaidade saudável. Gosta de dançar, arrumar o cabelo, fazer as unhas. “O que eu não vivi na infância e na adolescência, hoje eu vivo.” Aos 39 anos, mãe de três filhos, Vânia sonha em se formar em gestão ambiental e garantir salários justos para todas as catadoras. A cada conquista, lembra das companheiras que se perderam no caminho. Muitas não resistiram ao tráfico, à prostituição ou às violências. Esse contraste a motiva ainda mais a permanecer de pé.

Vânia: The Strength that is Born from Necessity

Ivanilda da Conceição Gomes
Coopvila – Cooperativa de Trabalho dos Catadores
de Materiais Recicláveis da Vila Emater, Alagoas

Vânia says with firm conviction that she had no childhood. Adopted by a mother with a disability, she assumed responsibilities early that made her skip some stages of life. “I was already prepared to be an adult. To sweep, to wash, to take care of others. I did not know what childhood or adolescence was,” she recalls. From an early age, she accompanied her mother to work, carrying pastries to sell on the Praia do Francês or helping to rent surfboards. Life was hard, and that was how she was toughening herself.

Motherhood arrived early and with it more responsibility. Separated from her partner when the child was only four months old, she returned to her mother’s house, but she considered the environment hostile, marked by rigidity and lack of affection. One day, with no certain destination,

she took her one-year-old son, packed a small suitcase, and ended up in the community of the old Maceió landfill. “It was the heart that took me there. I didn’t know what was going to happen, but I knew I couldn’t continue where I was anymore.”

There, she found an unlikely welcome. A friend offered shelter and presented the path of waste picking. Life presented her with temptations and risks. Vânia found herself close to worlds of drugs and prostitution, but she chose another path. “I was afraid of becoming a statistic. I always said to myself: “I don’t want to sell my body, I don’t want to lose myself.” With pride, she repeats that she never got involved with trafficking, never prostituted herself, never let alcohol or drugs dominate her.

Gradually, she transformed necessity into a trajectory of leadership. She participated in the foundation

of Coopvila. Today, it gathers 27 families, mostly women. The leap from the landfill to the cooperative required learning and courage. “In the landfill everything we collected was ours”. In the cooperative it is different, it is collective. I needed to train to change habits and show my face to society, in a society that constantly discriminates against us.”

The transition was not easy. She and other women faced prejudice, bullying in school because of the smell embedded in their clothes and bodies, children stigmatized by their families occupations. Many gave up, incapable of facing the exposure. Vânia persisted. She went through courses, participated in plays, and training that taught her to tell her story without fear. Today she speaks firmly before managers, authorities, and political representatives.

In addition to the cooperative, Vânia embraced the National Recyclable Material Collector Movement, where she has been active for eight years as a representative. Her presence is marked by firmness and by the defense of women. “We are 70% of the recycling chain. If someone has to speak for us, it should be ourselves.” It is in this space that she also found inspiration to dare. She ran for city councilor, state deputy, and even mayor, not out of personal ambition, but as a way to give visibility to female collectors. “I run so that other women look and say: if she can do it, I can do it too.”

Vânia’s trajectory is crossed by faith and healthy vanity. She likes to dance, fix her hair, and do her nails. “What I didn’t live in childhood and adolescence, I live today.” At 39, mother of three children, Vânia dreams of graduating in environmental management and ensuring fair salaries for all female collectors. With each achievement, she remembers the companions who got lost on the way. Many did not resist trafficking, prostitution, or violence. This contrast motivates her even more to keep going.



“
We are 70% of the recycling chain.
If someone has to speak for us, it should be ourselves.
”





Suelen: resistência em meio às águas da Amazônia

Suelen Cardoso Ramos
Nova Recicla, Amazonas

SUELEN ENCONTROU NA RECICLAGEM, DESDE 2009, um caminho de sobrevivência. O destino a colocou diante de muitas provações: dificuldades financeiras, separação, violência doméstica, a perda de uma sogra querida e, ainda assim, ela permaneceu de pé, sustentando filhos, netos e uma comunidade inteira de catadores.

Antes da reciclagem, Suelen e a família tinham uma pequena padaria. Mas as madrugadas de fornos acesos se tornaram bastante difíceis quando vieram os filhos pequenos, que exigiam cuidado e presença. Foi a ex-sogra, Dona Adelaide, quem lhe mostrou outro caminho: “papelão dá dinheiro”, dizia, incentivando-a a catar nas ruas. Assim, o que parecia improvisado transformou-se em sustento, e logo a família inteira estava unida na coleta.

Com o tempo, a atividade ganhou corpo. O grupo se organizou em associação e fundou a Nova Recicla, cooperativa que até hoje resiste em Manaus. A cada madrugada, seus pais — já idosos — seguem saindo de casa às três da manhã para recolher materiais. “Se eles param, adoecem”, conta Suelen, revelando o elo visceral entre a reciclagem e a vida de sua família.

A história nunca foi simples. O mercado de recicláveis é volátil, impostos inviabilizam o envio de resíduos para fora do estado, e o poder público por vezes se esquiva de reconhecer e remunerar o serviço ambiental realizado pelas cooperativas. Mesmo assim, Suelen tornou-se liderança estadual do



movimento de catadores, dividindo responsabilidades com outras mulheres fortes.

Dramática é também a geografia da sua luta. Em Manaus, cada enchente ameaça galpões, cada verão escaldante adoce catadores, cada temporal pode destruir o pouco que foi conquistado. Recentemente, o telhado de um dos espaços quase desabou. Mas Suelen participa de pesquisas sobre os impactos das mudanças climáticas na saúde dos trabalhadores, dá visibilidade a omissões e pressiona para que a situação seja vista com mais atenção.

Na Nova Recicla, mais de 300 toneladas de resíduos deixam de ir ao aterro todos os meses. São 35 cooperados, três caminhões e uma rede que alcança comunidades inteiras



Apesar da timidez inicial, hoje fala com firmeza, citando leis, decretos e códigos que garantem direitos aos catadores.

Seu discurso combina emoção e conhecimento técnico, arrancando respeito até de quem a subestima.

com coleta seletiva porta a porta. Ali, a vida de Suelen mistura-se à de tantas outras famílias: pais, filhos, irmãos e vizinhos. Para ela, essa dimensão familiar da reciclagem é um dos maiores sinais de sua potência: “quando entra alguém, logo toda a família encontra um lugar”.

A vida pessoal também a desafiou. Um casamento de 16 anos, que parecia sólido, desmoronou. A separação trouxe dor e insegurança, mas também uma nova união com os filhos. “Nós nos unimos ainda mais como família”, diz. Hoje, a filha de 24 anos mora com ela, assim como o filho mais novo, que se tornou pai aos 16. Os laços se multiplicaram: a família se reorganizou e se fortaleceu.

Suelen encontrou no movimento de catadores não apenas um espaço de militância, mas também de cura. Foi em 2013 que fez sua primeira viagem nacional, experiência que ampliou horizontes e a convenceu de que sua voz tinha peso. Desde então, nunca mais se calou. Ocupa tribunas, fala em conferências, cobra autoridades e sonha alto: “quero ver pelo menos uma cooperativa do Amazonas contratada e reconhecida de fato pelo serviço que presta”.

Apesar da timidez inicial, hoje fala com firmeza, citando leis, decretos e códigos que garantem direitos aos catadores. Seu discurso combina emoção e conhecimento técnico, arrancando respeito até de quem a subestima.

Ao refletir sobre o futuro, Suelen não fala só dela. Sonha com um mundo mais sustentável, onde os catadores sejam reconhecidos como parte essencial da engrenagem urbana. Imagina seus netos crescendo em uma cidade menos poluída, colhendo os frutos da luta que ela e tantos outros travaram. Quando olha para esse futuro, pensa em mais uma geração que, assim como ela, tem vencido os desafios do seu tempo.

Suelen: Resistance Amidst the Waters of the Amazon

Suelen Cardoso Ramos
NOVA RECICLA, Amazonas

Since 2009, Suelen has found in recycling a path to survival. Life confronted her with many trials: financial difficulties, separation, domestic violence, the loss of a dear mother-in-law and, yet she remained standing, supporting children, grandchildren, and an entire community of collectors.

Before recycling, Suelen and her family had a small bakery. But the early mornings of running the ovens became quite difficult when the children were still very young, who required care and presence. It was her ex-mother-in-law, Dona Adelaide, who showed her another path: “cardboard pays money,” she said, encouraging her to collect materials in the streets. What seemed like improvisation turned into livelihood, and soon the entire family was united in the collection.

Over time, the activity gained shape. The group organized themselves into an association and founded Nova Recicla, a cooperative that remains active in Manaus. Every dawn, her parents — already elderly — continue leaving home at three in the morning to gather materials. “If they stop,

they fall ill,” tells Suelen, revealing the visceral link between recycling and the life of her family.

The story was never simple. The recyclable market is volatile, taxes make it unfeasible to send waste out of the state, and the public authorities sometimes avoids recognizing and remunerating the environmental service provided by cooperatives. Even so, Suelen became a state leader of the waste pickers’ movement, sharing responsibilities with other strong women.

The geography of her struggle is also dramatic. In Manaus, every flood threatens warehouses, every scorching summer make collectors ill, every storm can destroy the little that was achieved. Recently, the roof of one of the spaces almost collapsed. But Suelen participates in research on the impacts of climate change on workers’ health, gives visibility to omissions, and pressures for the situation to be receive greater attention.

In Nova Recicla, more than 300 tons of waste stop going landfills every month. There are 35 members, three trucks, and a network that reaches entire

communities with door-to-door selective collection. There, Suelen’s life mixes with that of so many other families: parents, children, brothers, and neighbors. For her, this family-based dimension of recycling is one of the greatest signs of its potency: “when someone enters, soon the whole family finds a place.”

Personal life also challenged her. A 16-year marriage, which once seemed solid, collapsed. The separation brought pain and insecurity, but also a new union with her children. “We united even more as a family,” she says. Today, her 24-year-old daughter lives with her, as does her youngest son, already a father at 16. The bonds multiplied: the family reorganized and strengthened.

Suelen found in the collector movement not only a space for activism, but also for healing. It was in 2013 that she made her first national trip, an experience that expanded horizons and convinced her that her voice had weight. Since then, she has never been silent again. She speaks from podiums, speaks at conferences, demands from authorities, and dreams big: “I want to see at least one cooperative in Amazonas formally contracted and properly recognized for the service it provides.”

Despite her initial shyness, today she speaks firmly, citing laws, decrees, and codes that guarantee rights to collectors. Her speech combines emotion and technical knowledge, earning respect even from those who underestimate her.

Upon reflecting on the future, Suelen does not speak only of herself. She dreams of a more sustainable world, where collectors are recognized as an essential part of the engine of urban life. She imagines her grandchildren growing up in a less polluted city, reaping the fruits of the struggle that she and so many others waged. When she looks toward this future, she thinks of one more generation that, like her, will continue to overcome the challenges of its time.

Despite her initial shyness, today she speaks firmly, citing laws, decrees, and codes that guarantee rights to collectors.

Her speech combines emotion and technical knowledge, earning respect even from those who underestimate her.





Chiquinha: da falta de oportunidades à **força da liderança coletiva**

Elizabeth dos Santos Santana
Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis Recicla Jacobina, Bahia

ELIZABETH DOS SANTOS SANTANA, MAIS CONHECIDA COMO Chiquinha, nasceu e cresceu na Bahia. Hoje, olha para sua trajetória com orgulho e serenidade. Sua vida poderia ter seguido o destino de tantas mulheres de sua região, marcada pela dureza da roça e pela falta de opções de trabalho formal, mas foi no universo da reciclagem que encontrou o espaço para se reinventar.

Chiquinha interrompeu os estudos ainda no ensino fundamental. As responsabilidades da maternidade chegaram cedo: teve três filhos, dois meninos e uma menina, e assumiu para si a tarefa de garantir que eles não passassem pelo mesmo tipo de privação que ela viveu. A falta de oportunidades a levou até o antigo lixão de Jacobina, em 2009, quando foi convidada por colegas para conhecer o trabalho. Em poucos dias já ajudava a separar materiais e descobria um novo caminho de sobrevivência.

Dois anos depois, em 2011, ela participava da fundação da Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Jacobina. Esse foi o ponto de virada em sua vida. Ali, ela encontrou dignidade, organização e reconhecimento. Um lugar no qual os catadores deixaram de ser apenas indivíduos isolados em busca de renda para se tornarem parte de um coletivo capaz de dialogar com a prefeitura, com empresas e com a sociedade.



A trajetória de Chiquinha dentro da cooperativa foi marcada pela confiança dos colegas. Primeiro assumiu o cargo de tesoureira, ainda receosa de sua pouca escolaridade. Depois, foi eleita presidente por duas vezes, tornando-se referência dentro e fora da Bahia. Ela mesma gosta de lembrar que não planejou ser liderança, mas que a vida a conduziu a esse caminho. A cada passo, descobriu que tinha capacidade de diálogo, de resolução de conflitos e de organização. Aprendeu a valorizar o apoio técnico de parceiros que ajudavam na gestão, sem nunca deixar de lado o olhar humano e conciliador que conquistou seus companheiros.

Seu cotidiano é de disciplina. Levanta-se todos os dias às cinco da manhã, toma um café simples, cuida da casa e segue para



Seu cotidiano é de disciplina. Levanta-se todos os dias às cinco da manhã, toma um café simples, cuida da casa e segue para a cooperativa.

Costuma dizer que se parece com uma formiguinha: não para nunca, está sempre em movimento.

a cooperativa. O trabalho começa cedo e só termina no fim da tarde, muitas vezes se estendendo até a noite, quando há demanda acumulada. Costuma dizer que se parece com uma formiguinha: não para nunca, está sempre em movimento.

A cooperativa reúne cerca de 33 cooperados e possui contrato com a prefeitura para auxiliar em despesas fixas, como manutenção de caminhões, pagamento de encargos e décimo terceiro salário. Para Chiquinha, esse é um dos sinais mais concretos de que valeu a pena acreditar no trabalho coletivo. Hoje ela tem casa própria, conquistada com o esforço da reciclagem, e consegue garantir para os filhos e netos uma vida mais estável do que a vivida na infância.

Ao longo de sua caminhada, Chiquinha também se envolveu no Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, ampliando seu alcance para além de Jacobina. Participou de encontros, viagens e debates que lhe abriram horizontes.

Sua forma de liderança é marcada pela conciliação e pelo diálogo. Reconhece que ainda há desafios, como a baixa participação de mulheres em cargos de direção, mas insiste que elas têm capacidade e organização para assumir mais espaços de decisão. Ela própria é exemplo disso, tendo superado a timidez e a pouca escolaridade para ocupar funções de responsabilidade.

Aos 52 anos, Chiquinha segue firme e dedicada ao trabalho que mudou sua trajetória. Sua vida é prova de que a falta de oportunidades pode ser transformada em força coletiva, e que da vulnerabilidade pode nascer liderança. O que antes era visto como lixo tornou-se símbolo de resistência e caminho de futuro.



Chiquinha: From Lack of Opportunities to the **Strength of Collective Leadership**

Elizabeth dos Santos Santana
Cooperativa de Catadores de Materiais
Recicláveis Recicla Jacobina, Bahia

Elizabeth dos Santos Santana, better known as Chiquinha, was born and grew up in Bahia. Today, she looks at her trajectory with pride and serenity. Her life could have followed the destiny of so many women in her region, marked by the harshness of the rural life and by the lack of formal work options, but it was in the universe of recycling that she found space to reinvent herself.

Chiquinha interrupted her studies while still in elementary school. Responsibilities of motherhood came early: she had three children, two boys and one girl, and took it upon herself to ensure that they did not go through the same kind of deprivation she lived. The lack of opportunities took her to the Jacobina landfill in 2009, when she was invited by colleagues to get to learn about work. In a few days she was al-

ready helping separate materials and discovering a new path for survival.

Two years later, in 2011, she participated in the foundation of the Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Jacobina. This was the turning point in her life. There, she found dignity, organization, and recognition. A place in which the collectors ceased to be just isolated individuals in search of income to become part of a collective capable of negotiating with the municipal government, with companies, and with society.

Chiquinha's trajectory within the cooperative was marked by the trust of her colleagues. First she took the position of treasurer, still fearful of her little schooling. Then, she was elected president twice, becoming a reference inside and outside of Bahia. She herself likes to remember that

she did not plan to be a leader, but that life took her there. With each step, she discovered she had a capacity for dialogue, for conflict resolution, and for organization. She learned to value the technical support of partners who helped in management, without ever setting aside a human and conciliatory spirit that won over her companions.

Her daily life is one of discipline. She gets up every day at five in the morning, has a quick coffee, takes care of the house, and heads to the cooperative. Work starts early and only ends at the end of the afternoon, often extending into the night when there is accumulated demand. She usually says that she resembles a little ant: she never stops, she is always in motion.

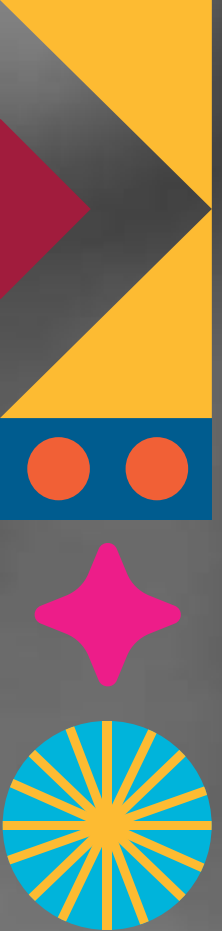
The cooperative brings together about 33 members and has a contract with the city hall to assist in fixed expenses, such as truck maintenance, payment of fees and payroll taxes, and the annual bonus (13th-month pay). For Chiquinha, this is one of the most concrete signs that it was worth believing in collective work. Today she has her own home, earned through her work in recycling, and manages to guarantee for her children and grandchildren a more stable life than the one she had in childhood.

Throughout her journey, Chiquinha also became involved in the Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, expanding her reach beyond Jacobina. She participated in meetings, travels, and debates that opened horizons for her. Her form of leadership is marked by conciliation and dialogue. She recognizes that there are still challenges, such as the low participation of women in management positions, but she insists that they have the capacity and organization to take on more decision-making spaces. She herself is an example of this, having overcome shyness and little schooling to occupy functions of responsibility.

At 52, Chiquinha remains committed, dedicated to the work that changed her trajectory. Her life is proof that the lack of opportunities can be transformed into collective strength, and that leadership can grow out of vulnerability. What was previously seen as trash became a symbol of resistance and a path to the future.



*Her daily life is one of discipline. She gets up every day at five in the morning, has a quick coffee, takes care of the house, and heads to the cooperative. Work starts early and only ends at the end of the afternoon, often extending into the night when there is accumulated demand. **She usually says that she resembles a little ant: she never stops, she is always in motion.***



Camila: juventude, força e continuidade na reciclagem

Camila Alves

Ascajan – Associação dos Catadores
do Jangurussu, Ceará



CAMILA ALVES TEM APENAS 32 ANOS e já carrega em sua história uma liderança marcada pelo compromisso com a reciclagem e pela continuidade de uma luta iniciada por sua mãe. Filha de Sebastiana do Carmo Alves, uma das fundadoras e atual coordenadora da Associação dos Catadores do Jangurussu (Ascajan), Camila cresceu acompanhando de perto a batalha da família por dignidade e reconhecimento no trabalho com materiais recicláveis.

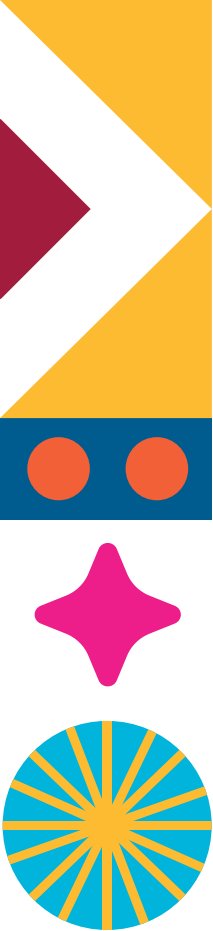
Ainda criança, viu sua mãe migrar de Pacajus para Fortaleza em busca de oportunidades. O caminho encontrado foi o antigo lixão do Jangurussu, que se tornou espaço de sobrevivência e, com o tempo, de organização comunitária. Ali, Sebastiana trabalhou duro e ensinou aos filhos o valor da união e da resistência. Hoje, quatro dos cinco irmãos atuam juntos na associação, transformando o esforço de uma mulher em uma obra coletiva que beneficia dezenas de famílias.

Camila começou oficialmente na associação aos 18 anos. Iniciou como secretária e, desde então, percorreu diferentes funções, adquirindo experiência

e construindo respeito entre os colegas. Hoje, é uma jovem liderança que representa a continuidade da luta da mãe e o futuro da reciclagem comunitária em Fortaleza.

Além da coleta e separação de materiais, a associação já teve iniciativas inovadoras, como artesanato com recicláveis, uma cozinha comunitária e aulas de alfabetização. Foi nesse espaço que a própria mãe de Camila aprendeu a assinar o nome. Apesar de dificuldades recentes, a jovem se mostra otimista e sonha em reativar projetos como a cozinha solidária, que unia geração de renda, partilha e fortalecimento comunitário.

Camila se orgulha de sua formação como chef de cozinha, resultado de um curso concluído com dedicação. Mas, mesmo tendo essa alternativa, escolheu permanecer na reciclagem, por identificação e amor ao trabalho. “Eu me encontrei



Sua história é a prova de que a reciclagem não é apenas um trabalho de sobrevivência,

mas também um espaço de empoderamento, aprendizagem e futuro.

Com energia, juventude e determinação, Camila simboliza a nova geração de lideranças populares.

na reciclagem, amo o que faço”, diz. Para ela, a catação deixou de ser vista apenas como coleta de lixo: hoje é reconhecida como cuidado com a natureza, preservação do meio ambiente e produção de novas possibilidades.

Esse reconhecimento, que no passado parecia distante, é para Camila uma das maiores conquistas. O fato de catadores serem convidados a eventos, de terem suas vozes ouvidas e de serem reconhecidos como agentes ambientais é um sinal de que a luta vale a pena.

Hoje, a Ascajan não apenas garante renda a 40 famílias, mas também contribui para reduzir significativamente o volume de resíduos que iriam para os aterros de Fortaleza. Cada material reaproveitado significa menos impacto ambiental e mais oportunidade de inclusão para trabalhadores historicamente invisíveis. Camila acredita que este é o maior valor da reciclagem: unir sustentabilidade e cidadania em um mesmo projeto.

Mãe de três filhos, de 15, 13 e 8 anos, Camila busca transmitir aos jovens a mesma determinação que recebeu de sua mãe. Enquanto eles estudam, acompanham de perto o trabalho da avó, da mãe e das tias, vendo na prática o exemplo de resiliência e coletividade.

Camila se emociona ao falar de sua principal inspiração: sua mãe, Sebastiana. É dela que herdou a coragem de enfrentar as adversidades e o compromisso de lutar por melhorias para a comunidade de catadores. Seu sonho é continuar ao lado dela, participando de eventos, fortalecendo a associação e ajudando a transformar a vida de outras mulheres.

Sua história é a prova de que a reciclagem não é apenas um trabalho de sobrevivência, mas também um espaço de empoderamento, aprendizagem e futuro. Com energia, juventude e determinação, Camila simboliza a nova geração de lideranças populares que mantém vivas as conquistas de quem veio antes, sem perder de vista as oportunidades que ainda podem surgir.

Camila: Youth, Strength and Legacy in Recycling

Camila Alves
Ascajan – Associação dos Catadores do Jangurussu, Ceará

Camila Alves is only 32 years old and already embodies a form of leadership marked by a commitment to recycling and the continuity of a struggle started by her mother. Daughter of Sebastiana do Carmo Alves, one of the founders and current coordinator of the Associação dos Catadores do Jangurussu (Ascajan), Camila grew up following closely following her family's battle for dignity and recognition in recycling work.

As a child, she saw her mother migrate from Pacajus to Fortaleza in search of opportunities. The path found was the old Jangurussu landfill, which became a space of survival and, over time, of community organization. There, Sebastiana worked hard and taught her children the value of union and resistance. Today, four of the five siblings work together in the association, transforming one woman's effort into a collective work that benefits dozens of families.

Camila officially started at the association at 18. She began as a secretary and, since then, has gone through different roles, acquiring experience and building respect among colleagues. Today, she is a young leader who represents the succession of her mother's struggle and the future of community recycling in Fortaleza.

In addition to the materials sorting, the association has already had innovative initiatives, such as crafts with recycled materials, a community kitchen, and literacy classes. It was in this space that Camila's own mother learned to sign her name. Despite recent difficulties, the young woman is optimistic and dreams of reactivating projects like the community kitchen, which united income generation, sharing, and community strengthening.

Camila is proud of her training as a chef, the result of a course completed with dedication. But, even having this alternative, she chose to remain

in recycling, because of her identification with and love for the work. "I found myself in recycling, I love what I do," she says. For her, waste picking is no longer seen as only as trash collection: today it is recognized as care for nature, environmental preservation, and the production of new possibilities.

This recognition, which in the past seemed distant, is for Camila one of the greatest achievements. The fact that collectors are invited to events, have their voices heard, and are recognized as environmental agents is a sign that the struggle is worth it.

Today, Ascajan not only guarantees income to 40 families, but also contributes to significantly reducing the volume of waste that would go to the Fortaleza's landfills. Every reused material means less environmental impact and more opportunity for inclusion for historically invisible workers. Camila believes this is the greatest value of recycling: uniting sustainability and citizenship in the same project.

Mother of three children, aged 15, 13, and 8, Camila seeks to pass on her children the same determination she received from her mother. While they study, they closely follow the work of their grandmother, mother, and aunts, seeing in practice the example of resilience and collectivity.

Camila gets emotional when speaking about her main inspiration: her mother, Sebastiana. It is from her that she inherited the courage to face adversities and the commitment to fight for improvements for the collector community. Her dream is to continue by her side, participating in events, strengthening the association, and helping to transform the lives of other women.

Her story is proof that recycling is not only a survival job, but also a space of empowerment, learning, and future. With energy, youth, and determination, Camila symbolizes the new generation of popular leaders who keep alive the achievements of those who came before, without losing sight of the opportunities that may still arise.

Her story is proof that recycling is not only a survival job,

but also a space of empowerment, learning, and future. With energy, youth, and determination, Camila symbolizes the new generation of popular leaders





Aparecida: **da vulnerabilidade à força da coletividade**

Aparecida Ferreira de Maria
Reciclo, Distrito Federal

APARECIDA NASCEU EM BRASÍLIA E, AINDA ADOLESCENTE, enfrentou a dura realidade da maternidade precoce, que a obrigou a interromper sonhos e buscar meios urgentes de sustento. “Eu era muito nova, não tinha experiência, precisava correr atrás para dar de comer aos meus filhos”, relembra. Essa necessidade a levou a experimentar diversos trabalhos informais até encontrar na catação uma possibilidade concreta de renda e, mais tarde, de pertencimento.

No início, a rotina era exaustiva. Aparecida recolhia materiais pelas ruas de Brasília com sacolas e carrinhos improvisados. O trabalho era pesado e pouco reconhecido. Ainda assim, nunca se permitiu desistir.

A vida começou a se transformar quando conheceu o trabalho coletivo em cooperativas. O primeiro contato trouxe uma nova perspectiva: já não estava mais sozinha na luta diária. Em grupo, percebeu que a catação não era apenas sobrevivência, mas também um espaço de solidariedade, aprendizado e dignidade. Ingressou em uma associação e ali descobriu a força do cooperativismo. “Na cooperativa eu vi que a gente podia crescer junto, que ninguém precisava ficar para trás”, afirma com brilho nos olhos.

Com o tempo, Aparecida passou a assumir responsabilidades maiores. No início, ajudava apenas na separação dos materiais. Logo, sua dedicação chamou atenção dos colegas, que a incentivaram a participar das decisões



administrativas. Aceitou o desafio e mergulhou em cursos de capacitação, reuniões e debates sobre reciclagem e sustentabilidade. “Eu não sabia nada de gestão, mas fui aprendendo. Cada dia era uma descoberta”, relembra.

A liderança de Aparecida se consolidou pela combinação de disciplina, sensibilidade e capacidade de diálogo. Em pouco tempo, tornou-se referência entre os cooperados, assumindo cargos de confiança e ajudando a estruturar a cooperativa. Seu trabalho contribuiu para organizar as finanças, conquistar contratos e melhorar a infraestrutura. Hoje, o grupo conta com caminhões para coleta, galpão equipado e reconhecimento por parte da prefeitura e da população.



“

Muitas
chegam sem
esperança,
sem acreditar
nelas mesmas.

**Aqui elas
descobrem
que têm valor.**

”

Aparecida se orgulha especialmente do impacto que a cooperativa gera na vida de mulheres que, como ela, enfrentaram abandono, violência ou extrema vulnerabilidade. “Muitas chegam sem esperança, sem acreditar nelas mesmas. Aqui elas descobrem que têm valor”, diz.

Ela mesma sente que sua vida se transformou. Hoje, além de garantir renda estável, conquistou independência e autoconfiança. Construiu um lar mais seguro, viu os filhos crescerem com novas oportunidades e aprendeu a se enxergar como protagonista.

O trabalho vai muito além da renda. Aparecida destaca a importância ambiental e social da reciclagem. Para ela, cada quilo de material recuperado significa menos lixo nos aterros e mais dignidade para os catadores. “Nós não somos problema, nós somos solução. A gente ajuda a cuidar da cidade e do planeta”, lembra com convicção. Essa visão tem guiado sua atuação também em espaços maiores, como encontros regionais e nacionais de catadores, onde leva a voz da cooperativa para além de Brasília.

Hoje, Aparecida sonha com um futuro em que a profissão seja plenamente reconhecida e valorizada. Quer ver as cooperativas integradas às políticas públicas, recebendo remuneração justa pelo serviço ambiental prestado. Também deseja ampliar os projetos sociais, com capacitações para jovens, oficinas educativas e parcerias com escolas. “Quero que as novas gerações tenham orgulho da gente, que vejam que o trabalho do catador é digno e importante”, projeta.

Aparecida é hoje símbolo de resistência e inspiração. Sua história mostra que a reciclagem não é apenas um meio de sobrevivência, mas também um caminho de transformação pessoal e comunitária. Entre sacos, prensas e caminhões, construiu muito mais do que renda: construiu dignidade, identidade e esperança para si e para tantos outros.



Aparecida: From Vulnerability to the Strength of Collectivity

Aparecida Ferreira de Maria,
Reciclo, Distrito Federal

Aparecida was born in Brasília and, still a teenager, faced the harsh reality of early motherhood, which forced her to interrupt dreams and seek urgent means of livelihood. “I was very young, I had no experience, I needed to take action to give food to my children,” she recalls. This necessity took her to try various informal jobs until she found in waste picking a concrete possibility for income and, later, belonging.

In the beginning, the routine was exhausting. Aparecida collected materials through the streets of Brasília with bags and improvised carts. The work was heavy and little recognized. Still, she never allowed herself to give up. Life began to transform when she met collective work in cooperatives. The first contact brought a new perspective: she was no longer alone in the daily struggle. In a group, she realized that waste picking was not just survival, but also a space for solidarity, learning, and dignity. She joined an association, and there

she discovered the strength of cooperativism. “In the cooperative I saw that we could grow together, that no one needed to stay behind,” she states with a gleam in her eyes.

With time, Aparecida began taking on greater responsibilities. In the beginning, she helped only in the separation of materials. Soon, her dedication caught the attention of her colleagues, who encouraged her to participate in administrative decisions. She accepted the challenge and pursued training courses, meetings, and debates about recycling and sustainability. “I knew nothing about management, but I was learning. Every day was a discovery,” she recalls.

Aparecida’s leadership was consolidated by the combination of discipline, sensitivity, and capacity for dialogue. Before long, she became a reference among the members, taking on positions of trust and helping to structure the cooperative. Her work contributed to organizing finances, gaining

contracts, and improving infrastructure. Today, the group has trucks for collection, an equipped warehouse, and recognition from the city hall and the population.

Aparecida is especially proud of the impact the cooperative generates in the lives of women who, like her, faced abandonment, violence, or extreme vulnerability. “Many arrive without hope, without believing in themselves. Here they discover they have value,” she says. She herself feels that her life has transformed. Today, in addition to ensuring stable income, she achieved independence and self-confidence. She built a safer home, saw her children grow up with new opportunities, and learned to see herself as a protagonist.

The work goes far beyond income. Aparecida highlights the environmental and social importance of recycling. For her, every kilogram of material recovered means less trash in the landfills and more dignity for the collectors. “We are not the problem, we are the solution. We help take care of the city and the planet,” she remembers with conviction. This vision has guided her performance also in larger spaces, such as regional and national waste pickers’ meetings, where she takes the voice of the cooperative beyond Brasília.

Today, Aparecida dreams of a future in which the profession is fully recognized and valued. She wants to see cooperatives integrated into public policies, receiving fair remuneration for the environmental service provided. She also wishes to expand social projects, with training for youth, educational workshops, and partnerships with schools. “I want the new generations to be proud of us, to see that the waste picker’s work is dignified and important,” she projects. Today Aparecida is a symbol of resistance and inspiration. Her story shows that recycling is not just a means of survival, but also a path of personal and community transformation. Between bags, presses, and trucks, she built much more than income: she built dignity, identity, and hope for herself and for so many others.



“

Many arrive without hope, without believing in themselves.

Here they discover they have value.

”



Maria do Carmo: **entre a dureza da vida e a esperança**

Maria do Carmo Cantilio Felipe
Associação de Catadores Economia Solidária
Recuperlixo, Espírito Santo

MARIA DO CARMO, OU CARMEN, como prefere ser chamada, nasceu no Espírito Santo e construiu sua trajetória de vida entre lutas, recomeços e conquistas. Aos 66 anos, olha para trás e reconhece que a reciclagem não apenas lhe garantiu sustento, mas também deu sentido e dignidade.

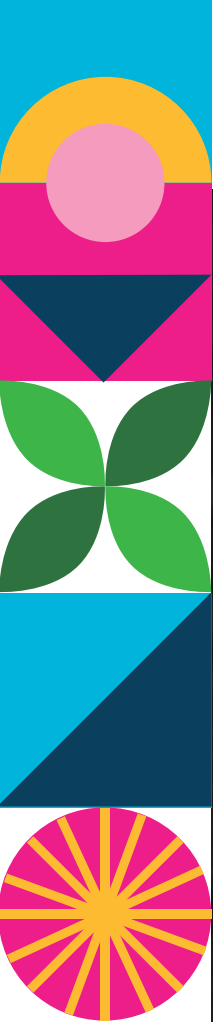
Seu caminho na catação começou em 1998, em um contexto de desemprego e insegurança social. Na época, fazia parte de reuniões organizadas pela igreja católica, em parceria com o Centro de Defesa dos Direitos Humanos, que buscava alternativas para famílias em situação de fome. “Pensamos em padaria, pensamos em costura, mas o que mais tinha era lixo nas ruas. Foi aí que dissemos: vamos trabalhar com isso”, relembra.

Antes mesmo dessa organização coletiva, Carmen já catava sozinha, lavando roupas em troca de comida e recolhendo materiais recicláveis para alimentar as filhas. Viveu a dor de um primeiro casamento abusivo, com um marido que a agredia, e conta que só conseguiu paz após a morte dele. Ainda assim, foi nesse tempo que a reciclagem se apresentou como saída. “A reciclagem salvou minha vida e a vida das minhas filhas. Nós tiramos o nosso sustento da reciclagem”. Mais tarde, encontrou um novo companheiro, Amarildo, que se tornou um parceiro de caminhada e apoiador de seu trabalho.



O início da organização foi improvisado. Em 2000, um grupo de 37 famílias decidiu unir forças para dar forma ao que, anos depois, seria uma associação consolidada. Sem galpão, começaram no terreno da sogra de Carmen, que havia sofrido um derrame e deixado a casa. Amarildo não hesitou em ceder o espaço. Ali, com um saco de estopa e um carrinho de mão, ergueram os primeiros passos do trabalho coletivo.

Aprenderam com erros e visitas a outras associações. Viajaram a Belo Horizonte e encontros com o Movimento Nacional dos Catadores abriram horizontes e trouxeram novas ideias. “Quando conheci outras cooperativas, vi que o nosso trabalho tinha valor. Voltei dizendo: nós também podemos, nós também somos parte da solução.”



Seu compromisso vai além da reciclagem em si. Carmen acolhe mulheres vítimas de violência, oferece espaço para famílias despejadas e aconselha colegas como se fosse mãe. **“Nós não reciclamos só materiais, reciclamos vidas”.**

Carmen sobreviveu a momentos de risco para a própria vida. Enfrentou a Covid-19 com 99% do pulmão comprometido e resistiu a um infarto. Apesar das dificuldades, não deixou de acreditar na missão.

Seu compromisso vai além da reciclagem em si. Carmen acolhe mulheres vítimas de violência, oferece espaço para famílias despejadas e aconselha colegas como se fosse mãe. “Nós não reciclamos só materiais, reciclamos vidas. Aqui dentro, cada pessoa encontra uma nova chance.” Esse olhar humano faz dela uma referência entre catadores do Espírito Santo.

A associação que ajudou a fundar, hoje chamada Recuperlixo, organiza-se em rede e participa de negociações coletivas que garantem melhores preços e contratos com empresas. A renda sustenta dezenas de famílias que dependem do trabalho diário de triagem. Para Carmen, ainda é pouco diante da importância do serviço prestado. “Nós fazemos um trabalho ambiental enorme, desviando toneladas de resíduos dos aterros. Esse serviço precisa ser reconhecido e pago de forma justa.”

Mesmo pensionista, continua pagando sua contribuição ao INSS, convencida de que a previdência é uma segurança necessária para qualquer trabalhador. Participa ativamente do Movimento Nacional dos Catadores desde a fundação, em Brasília, e nunca deixou de defender a inclusão das mulheres. “Sem catador não existe reciclagem de verdade. Somos nós que fazemos o trabalho de base e sustentamos essa cadeia.”

Com voz mansa, Carmen define sua vida como missão. Superou muita coisa na vida e, ainda assim, segue presente no galpão, no movimento e na vida das pessoas que precisam de apoio. O que começou como necessidade virou orgulho, profissão e legado.

Entre sacos, prensas e caminhões, segue firme numa vida devotada ao cuidado e à doação aos demais. Sempre com um sorriso aberto no rosto.

Maria do Carmo: Between the Hardness of Life and Hope

Maria do Carmo Cantilio Felipe
Associação de Catadores Economia Solidária
Recuperlixo, Espírito Santo

Maria do Carmo, or Carmen, as she prefers to be called, was born in Espírito Santo and built her life between struggles, new beginnings, and achievements. At 66, she looks back and recognizes that recycling not only guaranteed her livelihood, but also gave her a sense of meaning and dignity.

Her path in waste picking started in 1998, in a context of unemployment and social insecurity. At the time, she was part of meetings organized by the Catholic Church, in partnership with the Center for the Defense of Human Rights, which sought alternatives for families experiencing hunger. “We thought of a bakery, we thought of sewing, but what there was most was trash in the streets. That’s when we said: let’s work with that,” she recalls.

Even before this collective organization, Carmen was already working as a waste picker on her own, washing clothes in exchange for food and gathering recyclable materials to provide for her daughters. She lived the pain of an abusive first marriage,

with a husband who assaulted her, and says that she only found peace after his death. Still, it was during this time that recycling presented itself as a way out. “Recycling saved my life and the lives of my daughters. We take our livelihood from recycling.” Later, she found a new companion, Amarildo, who became a life partner and supporter of her work.

The organization began in improvised conditions. In 2000, a group of 37 families decided to unite forces to give shape to what, years later, would be a consolidated association. Without a warehouse, they started on the land of Carmen’s mother-in-law, who had suffered a stroke and left the house. Amarildo did not hesitate to give the space. There, with a burlap sack and a wheelbarrow, they took the first steps toward collective work. They learned from mistakes and visits to other associations. Trips to Belo Horizonte and meetings with the National Collector Movement broadened their horizons and brought new ideas.

“When I got to know other cooperatives, I saw that our work had value. I came back saying: we can do it too, we are also part of the solution.”

Carmen survived life-threatening situations. She faced Covid-19 with 99% of her lungs compromised and survived a heart attack. Despite the difficulties, she did not stop believing in the mission. Her commitment goes beyond recycling itself. Carmen welcomes women victims of violence, offers space for evicted families, and advises colleagues as if she were a mother. “We do not only recycle materials, we recycle lives. Here, each person finds a new chance.”

This humane approach makes her a reference among collectors of Espírito Santo. The association she helped found, today called Recuperlixo, operates as part of a network and participates in collective negotiations that guarantee better prices and contracts with companies. The income sustains dozens of families who depend on the daily work of sorting. For Carmen, it is still little compared the importance of the service provided. “We do a huge environmental job, diverting tons of waste from the landfills. This service needs to be recognized and fairly compensated.”

Even as a pensioner, she continues paying her contribution to the INSS, convinced that social security is a necessary security for any worker. She has participated in the National Collector Movement since its foundation, in Brasília, and has never stopped defending the inclusion of women. “Without a collector there is no real recycling. We are the ones who do the groundwork and sustain this chain.”

With a soft voice, Carmen defines her life as a mission. She overcame much in life and, still, remains present in the warehouse, in the movement, and in the lives of the people who need support. What started as necessity became pride, profession, and legacy. Between bags, presses, and trucks, she follows firm in a life devoted to care and giving to others. Always with a wide smile on her face.



*Her commitment goes beyond recycling itself. Carmen welcomes women victims of violence, offers space for evicted families, and advises colleagues as if she were a mother. **“We do not only recycle materials, we recycle lives. Here, each person finds a new chance.”***





Dulce: a voz que transforma a invisibilidade em força coletiva

Dulce Vale

Cooper Rama – Cooperativa de Trabalho dos Catadores de Material Reciclável Reciclamos e Amamos o Meio Ambiente, Goiás

DE SECRETÁRIA EM UM ESCRITÓRIO, onde trabalhou por mais de uma década, para liderança no movimento de catadores em Goiânia. Essa mudança, aparentemente improvável, veio quando Dulce perdeu o emprego.

Em 2007, ao ser convidada para apoiar a formação de um grupo e a formalização de uma cooperativa, ela não imaginava que aquele convite abriria um novo caminho. No início, sua função era apenas ajudar. Mas quando ninguém quis assumir cargos de diretoria, ela foi chamada, quase sem escolha. Aceitou o desafio e, pouco a pouco, foi descobrindo a força que carregava dentro de si.

A vida no movimento de catadores era bem diferente de sua antiga rotina. Ao lidar com pessoas em situação de vulnerabilidade, muitas vezes analfabetas, carentes de recursos e de reconhecimento, Dulce percebeu a dimensão da invisibilidade social da catação. Esse encontro a transformou: deixou de ser apenas uma gestora improvisada e se apaixonou pela causa. A injustiça de ver colegas tratados com preconceito, tornou-se combustível para sua militância.

Desde então, aprendeu a usar o diálogo como ferramenta de luta. Recorda que, logo no início, precisou enfrentar problemas relacionados à coleta seletiva em Goiânia. Foi ao Ministério Público buscar apoio, mas ouviu do promotor que não bastava apresentar problemas — era preciso trazer soluções. Essa lição marcou sua trajetória. Dulce nunca mais chegou a uma mesa de negociação de mãos vazias. Sempre que reivindica, leva também propostas viáveis, mostrando que catadores sabem gerir, planejar e conquistar resultados.

Sua postura de diálogo abriu portas em espaços que até então eram inacessíveis. Durante anos, ouviu que catadores não tinham competência para administrar recursos ou operar caminhões. Ela provou o contrário: articulou a conquista de dez veículos distribuídos entre cooperativas, e participou diretamente na construção de cinco galpões, resultado de termos de ajustamento



de conduta firmados com o Ministério Público. O valor administrado chegou a quatro milhões de reais, e Dulce fez questão de acompanhar cada detalhe, aprendendo sobre contratos, fiscalização e gestão financeira.

Essa experiência a consolidou como liderança respeitada. Hoje, é presidente de uma rede de seis cooperativas, a Central e Forte, que reúne cerca de vinte pessoas em sua base, a Cooper Rama. Para Dulce, no entanto, liderança não se resume a títulos ou cargos. É compromisso com a coletividade, e acredita que a causa dos catadores precisa do apoio de todos os lados. Essa postura de independência lhe



Dulce é reconhecida não apenas por suas conquistas materiais, mas pela firmeza com que insiste em uma mensagem simples e poderosa: **lutar é a única forma de transformar realidades. Ela mesma não gosta de receber elogios individuais, prefere que o crédito seja da categoria.**

garantiu respeito de parlamentares, promotores e gestores públicos.

Dulce também sonha com um futuro mais ousado para a categoria. Deseja que as cooperativas avancem além da triagem e passem a industrializar materiais reciclados. Seu objetivo é romper o ciclo da dependência e mostrar que catadores podem gerar riqueza a partir de resíduos pós-consumo.

Nas madrugadas, enquanto se prepara para mais uma jornada, Dulce liga a televisão e se informa sobre as notícias do dia. Acredita que conhecimento é ferramenta de defesa. “Quando você vai a uma negociação, precisa saber mais do que os outros, para que ninguém te intimide por ser catador ou por ser mulher”, explica. Essa busca por preparo constante é o que lhe dá segurança para ocupar espaços de poder.

Hoje, Dulce é reconhecida não apenas por suas conquistas materiais, mas pela firmeza com que insiste em uma mensagem simples e poderosa: lutar é a única forma de transformar realidades. Ela mesma não gosta de receber elogios individuais, prefere que o crédito seja da categoria.

“Não deixe o não mudar sua vida. Continue lutando, lutando por um sim.” Essa é a frase que Dulce escolhe como marca de sua trajetória. Um lema que carrega sua essência: persistente, visionária, profundamente comprometida com o coletivo e com a esperança de que, um dia, os catadores ocuparão o lugar de reconhecimento que sempre mereceram.





Dulce: The Voice that Transforms Invisibility into Collective Strength

Dulce Vale

Cooper Rama – Cooperativa de Trabalho dos Catadores de Material Reciclável Reciclamos e Amamos o Meio Ambiente, Goiás

From a secretary in an office, where she worked for more than a decade, Dulce became a leader in the waste pickers' movement in Goiânia. This change, apparently unlikely, came when Dulce lost her job. In 2007, upon being invited to support the formation of a group and the formalization of a cooperative, she did not imagine that that invitation would open a new path. In the beginning, her role was only to help. But when no one wanted to assume board positions, she was called, almost with little choice. She accepted the challenge and, little by little, began discovering the strength she carried within herself.

Life in the collector movement was quite different from her old routine. When dealing with people in situations of vulnerability, often illiterate, lacking resources and recognition, Dulce realized the dimension of the social invisibility surrounding waste picking. This encounter transformed her: she ceased to be just an improvised manager and fell in love

with the cause. The injustice of seeing colleagues treated with prejudice became fuel for her activism.

Since then, she learned to use dialogue as a tool of struggle. She recalls that, early on, she needed to face problems related to selective collection in Goiânia. She went to the Public Prosecutor's Office to seek support, but heard from the prosecutor that it was not enough just to present the problems – it was necessary to bring solutions. This lesson marked her trajectory. Dulce never again arrived at a negotiation table empty-handed. Whenever she makes a claim, she also brings viable proposals, showing that collectors know how to manage, plan, and achieve results.

Her posture of dialogue opened doors in spaces that until then were inaccessible. For years, she heard that collectors were not considered capable to manage resources or operate trucks. She proved otherwise: she articulated the conquest of ten vehicles, distributed among cooperatives and participated

directly in the construction of five warehouses, the result of conduct adjustment terms signed with the Public Ministry. The value managed reached four million Brazilian reais, and Dulce made a point of following every detail, learning about contracts, inspection, and financial management.

This experience consolidated her as a respected leader. Today, she is president of a network of six cooperatives, the Central e Forte, which gathers about twenty people in its base, the Cooper Rama. For Dulce, however, leadership is not defined by titles or positions. It is a commitment to the collectivity, and she believes that the collectors' cause needs support from all sides. This posture of independence guaranteed her respect from legislators, prosecutors, and public managers.

Dulce also dreams of a bolder future for the category. She wishes for cooperatives to advance beyond sorting and begin to industrialize recycled materials. Her goal is to break the cycle of dependency and show that collectors can generate wealth from post-consumption waste.

In the early hours, while preparing for another day, Dulce turns on the television and keeps herself informed about the news of the day. She believes that knowledge is a tool of defense. "When you go to a negotiation, you need to know more than the others, so that no one intimidates you for being a collector or for being a woman," she explains. This constant search for preparation is what gives her the security to occupy positions of power.

Today, Dulce is recognized not only for her material achievements, but for the firmness with which she insists on a simple and powerful message: fighting is the only way to transform realities. She herself does not like to receive individual praise, she prefers the credit to be for the category.

"Don't let the 'no' change your life. Keep fighting, fighting for a 'yes'." This is the phrase that Dulce chooses as the mark of her trajectory. A motto that carries her essence: persistent, visionary, deeply committed to the collective and to the hope that, one day, collectors will occupy the place of recognition they always deserved.



*Dulce is recognized not only for her material achievements, but for the firmness with which she insists on a simple and powerful message: **fighting is the only way to transform realities. She herself does not like to receive individual praise, she prefers the credit to be for the category.***



Egrinalda: da infância dura à voz firme do movimento

Egrinalda dos Santos Silva
Catajampa – Associação de catadores e catadoras de materiais reutilizáveis de João Pessoa

EGRINALDA DOS SANTOS SILVA NASCEU em João Pessoa, Paraíba, e cresceu em um lar desestruturado. Coube à mãe, lavadeira, sustentar os filhos como podia. Ainda criança, Egrinalda já ajudava em todas as tarefas possíveis: cuidava da roça, coletava ossos para refinarias de açúcar e juntava mamona para a produção de óleo.

Foi nesse cenário de privações que a catação entrou em sua vida. O trabalho precoce a preparou para uma vida de resiliência, mas também a afastou da infância que poderia ter tido. Aos dez anos, foi levada para um orfanato, após a família denunciar os abusos do pai. Lá permaneceu por cerca de quatro anos e lhe deu disciplina e um senso de coletividade que mais tarde seriam fundamentais.

De volta para casa na adolescência, enfrentou novamente o peso das responsabilidades. Aos 16 anos, junto dos irmãos, tomou coragem e expulsou o pai de casa. A mãe, já fragilizada, não conseguia mais sustentar a família e coube a ela essa função. Constituiu família, mas anos de vida conturbada a fizeram recomeçar sozinha.

A vida trouxe novos relacionamentos, filhos, decepções e aprendizados. Foi nesse percurso que encontrou a reciclagem. Em 2007, ajudou a fundar uma associação de catadores em João Pessoa, assumindo a presidência por dois mandatos. O trabalho coletivo lhe mostrou a importância da organização, da transparência e da união. “Eu disse: não vou manchar meu nome por conta de coisa errada. O material é da associação e deve ser para todos que trabalham nele”, lembra. Sua firmeza em enfrentar irregularidades e proteger o coletivo fez dela uma liderança respeitada.

Atualmente, Egrinalda integra a Catajampa, associação com 16 membros que atua na capital paraibana. O espaço não é fácil: ocupam um terreno da prefei-



tura, sofrem perseguições e convivem com o risco constante de despejo. Ainda assim, ela insiste em resistir. “Toda vez que a gente começa um processo de trabalho aparece alguém querendo tomar o espaço. Mesmo assim não desisto, porque sei o valor do que construímos aqui.”

No movimento, Egrinalda se descobriu como porta-voz. No início, a timidez quase a paralisava. “Eu ficava trêmula, parecia que ia desmaiar. A garganta dava um engasgo”, lembra. Com o tempo, superou o medo de falar em público e aprendeu a transformar sua vivência em discurso político. Hoje, representa catadores em encontros estaduais e



“

Eu acredito que nada é impossível quando a gente se une. Se estamos juntos, conseguimos vencer.

”

nacionais, levando a realidade de João Pessoa para além das fronteiras locais. “Acredito que o movimento foi meu maior achado. Ele me fez perder a vergonha e entender que também tenho direito de falar.”

Ser mulher em espaços de decisão nunca foi simples. Sofreu preconceito tanto no meio institucional quanto dentro das próprias organizações de catadores. “Muita gente acha que mulher pode ser enrolada de qualquer jeito. Nós somos diferentes, sim, mas temos o direito de trilhar o mesmo caminho dos outros.” Sua liderança é marcada pela humildade e pelo compromisso com o coletivo.

Aos 53 anos, Egrinalda olha para trás com orgulho da trajetória que construiu. Hoje, ela se vê como parte de uma rede maior, que une milhares de catadores e catadoras pelo Brasil, todos em busca de reconhecimento pelo serviço ambiental e social que prestam.

Do orfanato ao galpão, das ruas ao microfone nos encontros nacionais, Egrinalda transformou sua vida e aprendeu a dar voz à de tantos outros. Como gosta de repetir: “Eu acredito que nada é impossível quando a gente se une. Se estamos juntos, conseguimos vencer qualquer perseguição.”

Egrinalda segue entre sacos, prensas e reuniões, e mantém viva a esperança de que a reciclagem seja vista não como trabalho marginal, mas como profissão essencial para o futuro. Sua vida mostra que, mesmo nas trajetórias mais marcadas pela adversidade, é possível encontrar força, dignidade e sentido coletivo.

Egrinalda: From a Hard Childhood to the **Firm Voice of the Movement**

Egrinalda dos Santos Silva

Catajampa – Associação de catadores e catadoras de materiais reutilizáveis de João Pessoa, Paraíba

Egrinalda dos Santos Silva was born in João Pessoa, Paraíba, and grew up in a broken home. It fell to her mother, a washerwoman, to support her children as best she could. Still a child, Egrinalda already helped with every task she could: she took care of the fields, collected bones for sugar refineries, and gathered castor beans for oil production.

It was in this scenario of deprivation that waste picking entered her life. Early work prepared her for a life of resilience, but also pushed her away from the childhood she could have had. At ten years old, she was taken to an orphanage after the family reported the father's abuse. She remained there for about four years which gave her discipline and a sense of collectivity that would later prove fundamental.

Back home in adolescence, she again faced the weight of responsibilities. At 16, together with her siblings, she took courage and kicked her father out of the house. Her mother, already weakened, could

no longer support the family and it fell to her to take on that function. She built a family, but years of a troubled life made her start over alone. Life brought new relationships, children, disillusion, and learning. It was on this path that she found recycling.

In 2007, she helped found a collector association in João Pessoa, serving as presidency for two terms. Collective work showed her the importance of organization, transparency, and union. "I said: I am not going to stain my name because of any wrongdoing. The material belongs to the association and should be for everyone who works on it," she recalls. Her firmness in facing irregularities and protecting the collective made her a respected leader.

Currently, Egrinalda is part of Catajampa, an association with 16 members that operates in the capital of Paraíba. The space is not easy: they occupy city hall land, suffer persecution, and live with the constant risk of eviction. Still, she insists on resisting. "Every time we start a work process

someone appears wanting to take the space. Even so I don't give up, because I know the value of what we built here."

In the movement, Egrinalda discovered herself as a spokesperson. In the beginning, shyness almost paralyzed her. "I was trembling, it seemed like I was going to faint. I felt a lump in my throat," she remembers. Overtime, she overcame the fear of speaking in public and learned to transform her experience into political discourse. Today, she represents collectors in state and national meetings, taking the reality of João Pessoa beyond local borders. "I believe that the movement was my greatest find. It helped me shed my shame and understand that I also have the right to speak."

Being a woman in decision-making spaces was never simple. She suffered prejudice both in the institutional environment and within the collectors' own organizations. "Many people think a woman can be wound up in any way. We are different, yes, but we have the right to walk the same path as anyone else." Her leadership is marked by humility and by the commitment to the collective.

At 53, Egrinalda looks back with pride at the trajectory she built. Today, she sees herself as part of a larger network, which unites thousands of male and female collectors throughout Brazil, all in search of recognition for the environmental and social service they provide. From the orphanage to the warehouse, from the streets to the microphone at national meetings, Egrinalda transformed her life and learned to give voice to that of so many others. As she likes to repeat: "I believe that nothing is impossible when we unite. If we are together, we will manage to overcome any persecution."

Egrinalda continues between bags, presses, and meetings, and keeps alive the hope that recycling will be seen not as marginalized work, but as an essential profession for the future. Her life shows that even in the trajectories most marked by adversity, it is possible to find strength, dignity, and a strong sense of collective purpose.



“**I believe that nothing is impossible when we unite.** If we are together, we will manage to overcome any persecution.”





Dona Maria: uma vida dedicada à **reciclagem e à transformação social**

Maria José Castro
Cooresoma – Cooperativa de Resíduos Sólidos do Maranhão

A HISTÓRIA DE DONA MARIA é, antes de tudo, uma narrativa de resistência, fé e liderança. Aos 76 anos, ela carrega consigo uma trajetória marcada por recomeços e, sobretudo, pela capacidade de transformar dificuldades em sementes de mudança coletiva.

Sua entrada no mundo da reciclagem não foi fruto de escolha planejada, mas de necessidade. Após trabalhar por 20 anos em um restaurante e enfrentar dificuldades pessoais, Dona Maria recebeu o convite de uma amiga para catar materiais recicláveis nas ruas. No início, a proposta soava como um recomeço improvável, mas foi a porta de entrada para aquilo que se tornaria uma missão.

Essa amiga fundou uma cooperativa mas, pouco tempo depois, deixou-a com dívidas e praticamente sem estrutura. Foi nesse momento que Dona Maria assumiu a responsabilidade de dar continuidade ao trabalho. Sem recursos, sem galpão e diante de uma dívida, desistir poderia ter sido uma escolha. Não foi. A fé e o senso de compromisso falaram mais alto. “Eu não ia abandonar, porque era uma questão de honra. Eu não ia deixar morrer o que uma amiga começou”, lembra com um sorriso discreto no rosto.



Aos poucos, o apoio foi chegando. Passou anos indo de secretaria em secretaria, pedindo caminhões, espaço físico e reconhecimento para a cooperativa. Enfrentou descrença e ameaças. Chegou a ver materiais recicláveis queimados em ações de intimidação, mas sempre acreditou que sua causa era maior e os frutos de sua luta começaram a chegar.

Com a ajuda de universidades, prefeituras e até decisões judiciais, conseguiu construir um galpão, adquirir caminhões e montar uma estrutura que, em seu auge, chegou a reunir 33 catadores, todos com renda estável. O espaço não era apenas um local de trabalho, mas também um centro de dignidade, onde mulheres e homens encontravam oportunidade de sustento e de pertencimento.



“

Isso é o que me dá alegria, é o legado que quero deixar.

Que outras mulheres saibam que é possível conquistar uma vida melhor.

”

Mesmo depois de enfrentar o incêndio que destruiu completamente o galpão em 2018 e a tomada da cooperativa em 2021, Dona Maria não se deixou abater. Fundou uma nova cooperativa — a Cooresoma, nome que simboliza cooperação e solidariedade — e seguiu adiante. Hoje, coordena um grupo de 17 pessoas, sendo a maioria mulheres, que encontram no trabalho com reciclagem uma alternativa de vida.

Essa predominância feminina não é por acaso. Dona Maria explica que muitas mulheres que chegam à cooperativa são mães solo, chefes de família, responsáveis por sustentar seus filhos em meio à ausência de oportunidades. “Elas são mais responsáveis, mais comprometidas. E encontram aqui não só renda, mas também apoio e acolhimento”, conta.

Sua liderança não se limita ao seu galpão. Ao longo dos anos, Dona Maria ajudou a estruturar 37 bases de cooperativas no Maranhão, tanto na capital quanto no interior, formando uma rede de apoio que conecta mulheres e homens catadores em busca de dignidade. Também atua como mentora, dando orientação e suporte a lideranças locais que desejam organizar cooperativas em outras cidades. “Eu puxo a meada e cada um faz seu novelo, faz sua história”, resume.

O orgulho de Dona Maria não é pessoal, mas coletivo. Ela se emociona ao falar dos momentos em que recebe ligações de outras catadoras dizendo que conseguiram realizar algo com sua ajuda. “Isso é o que me dá alegria, é o legado que quero deixar. Que outras mulheres saibam que é possível conquistar uma vida melhor.”

Para ela, viver bem não é ter luxo, mas ter fé, saúde e dignidade. Com a aposentadoria, construiu sua casa, onde vive com simplicidade, mas cercada de conforto suficiente para agradecer. “Tudo que eu tenho, foi Deus quem me deu”, afirma.

Aos 76 anos, Dona Maria não pensa em parar. “Que Deus me permita continuar”, diz com convicção. Enquanto tiver forças, seguirá transformando não apenas materiais recicláveis, mas também histórias de vida. Sua trajetória prova que, quando a fé e a coragem caminham juntas, até os maiores obstáculos podem ser reciclados em oportunidades.



Dona Maria: A Life Dedicated to **Recycling** and **Social** **Transformation**

Maria José Castro
Cooresoma – Cooperativa de
Resíduos Sólidos do Maranhão

The story of Dona Maria is, above all, a narrative of resistance, faith, and leadership. At 76, she has followed a path marked by new beginnings and, especially, by the ability to transform difficulties into seeds of collective change.

Her entry into the world of recycling was not the result of a planned choice, but of necessity. After working for 20 years in a restaurant and facing personal difficulties, Dona Maria received an invitation from a friend to pick up recyclable materials in the streets. At first, the proposal sounded like an unlikely new beginning, but it was the gateway to what would become a mission.

This friend founded a cooperative but, shortly after, left it with debts and practically no structure. It was at that moment that Dona Maria took on the responsibility of continuing the work. Without resources, without a warehouse, and facing debt, giving up could have been an option. It was not. Faith

and a sense of commitment spoke louder. “I was not going to abandon it, because it was a matter of honor. I was not going to let what a friend started die,” she recalls with a discreet smile on her face.

Gradually, support arrived. She spent years going from department to department, asking for trucks, physical space, and recognition for the cooperative. She faced disbelief and threats. She even saw recyclable materials burned as acts of intimidation, but she always believed her cause was greater and the results of her struggle began to arrive.

With the help of universities, city halls, and even judicial decisions, she managed to build a warehouse, acquire trucks, and set up a structure that, at its peak, gathered 33 collectors, all with a stable income. The space was not just a workplace, but also a center of dignity, where women and men found an opportunity for livelihood and belonging.

Even after facing the fire that completely destroyed the warehouse in 2018 and the takeover of the cooperative in 2021, Dona Maria did not give up. She founded a new cooperative — Cooresoma, a name that symbolizes cooperation and solidarity — and moved forward. Today, she coordinates a group of 17 people, most of whom are women, who find an alternative livelihood in recycling work. This female predominance is no coincidence. Dona Maria explains that many women who arrive at the cooperative are single mothers, heads of households, responsible for supporting their children amidst the absence of opportunities. “They are more responsible, more committed. And they find here not only income, but also support and a sense of belonging,” she says.

Her leadership is not limited to her warehouse. Over the years, Dona Maria helped structure 37 cooperative bases in Maranhão, both in the capital and in the interior of the state, forming a support network that connects male and female collectors in search of dignity. She also acts as a mentor, providing guidance and support to local leaders who wish to organize cooperatives in other cities. “I pull the thread and each person makes their ball of yarn, makes their own story,” she summarizes.

Dona Maria’s pride is not personal, but collective. She gets emotional when speaking about the moments when she receives calls from other female collectors saying they managed to achieve something with her help. “This is what gives me joy, it is the legacy I want to leave. That other women know that a better life is possible.” For her, living well is not having luxury, but having faith, health, and dignity. With retirement, she built her house, where she lives simply, but surrounded by enough comfort to be grateful. “Everything I have, God gave me,” she states. At 76, Dona Maria does not think about stopping. “May God allow me to continue,” she says with conviction. As long as she has strength, she will continue transforming not only recyclable materials, but also lives. Her trajectory proves that when faith and courage walk together, even the greatest obstacles can be recycled into opportunities.

“
This is what
gives me joy,
it is the leg-
acy I want to
leave. **That
other women
know that a
better life is
possible.**
”





Valquíria: **transformar o que sobra em futuro**

Valquíria Pereira de Barros,
Ascavag – Associação de Catadores de
Várzea Grande, Mato Grosso

VALQUÍRIA PEREIRA DE BARROS NASCEU EM MATO GROSSO e vive em Várzea Grande. Aos 43 anos, sua trajetória se confunde com a própria história da reciclagem na cidade. Filha de um ex-presidiário e de uma lavadeira, cresceu em uma casa onde quase nada era garantido, exceto a necessidade de lutar todos os dias. “A gente aprendeu a guerrear desde cedo”, diz, sem romantizar a dureza dessa época.

A reciclagem entrou na vida da família quando o pai, com dificuldade de acessar o mercado formal de trabalho por seu histórico, decidiu construir um carrinho improvisado com peças de geladeira para sair às ruas coletando materiais. Valquíria, os irmãos e a mãe passaram a acompanhá-lo. O que começou como tentativa de sobrevivência acabou se tornando uma identidade.

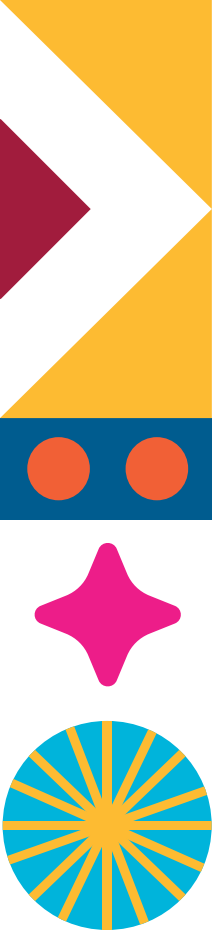
A infância foi atravessada por fome, instabilidade e preconceito. “A gente sofria discriminação, bullying na escola. Tinha dia que pedia comida nas casas pra conseguir comer.” Ainda assim, foi ali que Valquíria desenvolveu uma percepção profunda sobre valor: aprendeu que o que a sociedade descarta pode sustentar uma família inteira. Papelão, lata, ferro e plástico eram, para ela, mais do que resíduos — eram possibilidade.

Quando tudo parecia empurrá-la para um destino previsível, encontrou pessoas que abriram novas portas. Uma professora e amiga chamada Marta foi decisiva. “Ela me acolheu na casa dela, me ajudou a estudar. Até hoje eu agradeço. Ela é como uma mãe.” Esse acolhimento mudou sua relação com o futuro. Pela primeira vez, alguém lhe dizia que ela podia mais.



A vida adulta trouxe maternidade, responsabilidade e novas camadas de vulnerabilidade. Valquíria precisou sustentar os filhos e, para isso, continuou envolvida com a reciclagem. Mesmo quando buscava outros trabalhos, nunca se afastou completamente da catação, porque ali estava a base de tudo.

Foi dessa persistência que nasceu a ASCAVAG — Associação de Catadores de Várzea Grande, a primeira da cidade. Valquíria foi sua primeira presidente. “A gente começou com mais de 60 catadores. Tinha só o barracão, sem equipamento, mas nos abrigava do sol.” Nos primeiros tempos, a renda era mínima. Enquanto muitos desistiram, sua mãe, seus irmãos e ela persistiram.



Entre carrinhos, galpões, prensas e recomeços, Valquíria construiu uma trajetória que prova que nada precisa ser definitivo, **enquanto houver material a reaproveitar e pessoas a cuidar, ela seguirá, firme, transformando o que tem em mãos em futuro.**

A associação começou a prosperar. Vieram parcerias, projetos, treinamentos e equipamentos. Aprenderam a negociar, a organizar a produção, a entender preços, contratos e logística.

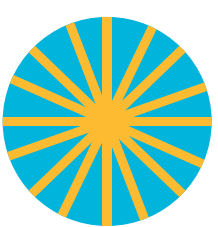
Em 2023, um incêndio criminoso quase destruiu tudo. Máquinas, estrutura, materiais, tudo virou cinza. Para Valquíria, foi mais um teste. Mesmo assim, assumiu novamente a presidência em meio ao caos. Encontrou dívidas, desorganização e desesperança.

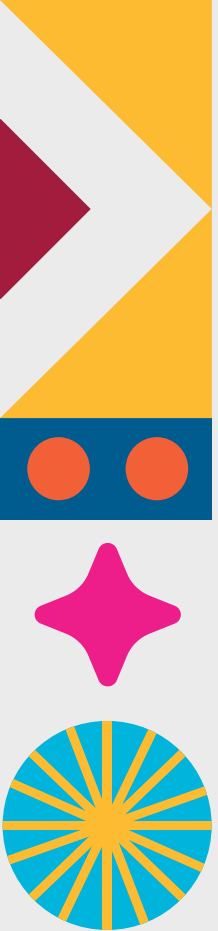
Ela decidiu que ninguém ficaria sem receber. Pagou catadores, renegociou compromissos e reconstruiu a credibilidade da ASCAVAG. Quando a situação parecia irreversível, uma nova ajuda chegou. “Veio um caminhão com uma prensa caríssima. Foi uma surpresa de Deus.” A associação, pela segunda vez, renasceu.

Hoje, Valquíria lidera com firmeza e cuidado. Defende transparência, respeito e valorização de quem está na base da cadeia. “A reciclagem é nossa casa. É o que dá dignidade, é o que põe comida na mesa.” Para ela, reciclar não é apenas separar materiais: é garantir justiça social, proteger o meio ambiente e dar futuro a quem sempre esteve à margem.

Enquanto conduz a ASCAVAG, Valquíria também investe em si. Compara sua vida a uma escada – cada degrau é um desafio superado. Cada incêndio, cada crise, cada perda se transformou em impulso para seguir.

Entre carrinhos, galpões, prensas e recomeços, Valquíria construiu uma trajetória que prova que nada precisa ser definitivo — nem a pobreza, nem o abandono, nem o fogo. Assim como o alumínio que ela ajuda a recuperar, sua vida também se recicla. E, enquanto houver material a reaproveitar e pessoas a cuidar, ela seguirá, firme, transformando o que tem em mãos em futuro.





Valquíria: Transforming What Remains into a Future

Valquíria Pereira de Barros
Ascavag – Associação de Catadores
de Várzea Grande, Mato Grosso

Valquíria Pereira de Barros was born in Mato Grosso and lives in Várzea Grande. At 43, her trajectory is intertwined with the very history of recycling in the city. Daughter of an ex-prisoner and a washerwoman, she grew up in a house where almost nothing was guaranteed, except the need to fight every day. “We learned to fight from early on,” she says, without romanticizing the hardness of that time.

Recycling entered the life of the family when her father, with difficulty accessing the formal labor market because of his history, decided to build an improvised cart with refrigerator parts to go out into the streets gathering materials. Valquíria, her siblings, and her mother began accompanying him. What started as a survival attempt ended up becoming an identity. Childhood was crossed by hunger, instability, and prejudice. “We suffered discrimination, bullying in school. There were days we asked for food in the houses to manage to eat.” Still, it was there

that Valquíria developed a deep perception about value: she learned that what society discards can support an entire family. Cardboard, cans, iron, and plastic were, for her, more than waste — they were possibilities.

When everything seemed to push her toward a predictable destiny, she found people who opened new doors. A teacher and friend called Marta was decisive. “She welcomed me in her house, helped me study. To this day I thank her. She is like a mother.” This act of generosity changed her relationship with the future. For the first time, someone said to her that she could do more.

Adult life brought motherhood, responsibility, and new layers of vulnerability. Valquíria needed to support her children and, for that, continued to be involved with recycling. Even when she sought other work, she never completely stepped away from picking, because it was the foundation of everything. From this persistence was born ASCAVAG — Associação de Catadores de

Várzea Grande, the first of the city. Valquíria was its first president. “We started with more than 60 collectors. There was only the shack, without equipment, but it sheltered us from the sun.”

At first, income was minimal. While many gave up, her mother, her siblings, and she herself persisted. The association began to prosper. Partnerships, projects, training, and equipment came. They learned to negotiate, to organize production, to understand prices, contracts, and logistics. In 2023, an arson attack almost destroyed everything. Machines, structure, materials, everything turned to ash. For Valquíria, it was one more test. Even so, she took on the presidency again in the middle of chaos. She found debts, disorganization, and hopelessness. She decided that no one would stay without receiving. She paid collectors, renegotiated commitments, and rebuilt the credibility of ASCAVAG.

When the situation seemed irreversible, a new support arrived. “A truck came with an expensive press. It was a surprise from God.” The association, for the second time, was reborn. Today, Valquíria leads with firmness and care. She defends transparency, respect, and valuation of those at the base of the chain. “Recycling is our house. It is what gives dignity, it’s what puts food on the table.” For her, recycling is not just separating materials: it is guaranteeing social justice, protecting the environment, and giving a future to those who were always on the margins.

While she conducts ASCAVAG, Valquíria also invests in herself. She compares her life to a ladder — each step represents a challenge she has overcome. Each fire, each crisis, each loss transformed into an impulse to follow. Between carts, warehouses, presses, and new beginnings, Valquíria built a trajectory that proves that nothing needs to be definitive — not poverty, not abandonment, not fire. Just like the aluminum she helps recover, her life also recycles. And, as long as there is material to reuse and people to take care of, she will follow, firm, transforming what she has in her hands into a future.



*Between carts, warehouses, presses, and new beginnings, Valquíria built a trajectory that proves that nothing needs to be definitive — not poverty, not abandonment, not fire. Just like the aluminum she helps recover, her life also recycles. **And, as long as there is material to reuse and people to take care of, she will follow, firm, transforming what she has in her hands into a future.***



Gilda: coragem, fé e **transformação** pelo trabalho coletivo

Gilda Macedo

ATMARAS, Associação dos Trabalhadores de Materiais Recicláveis dos Aterros Sanitários de MS – Mato Grosso do Sul

GILDA É FILHA DE LAVRADORES. Se por um lado teve a vida marcada por desafios, também cresceu sob o exemplo de união e persistência dos pais, que ficaram casados por mais de seis décadas.

Ainda jovem, mudou-se para São Paulo, onde estudou e trabalhou em jornal e agência de publicidade, adquirindo experiência em editoração eletrônica e cursos de computação. A vida parecia seguir um rumo estável, até que o destino lhe apresentou um grande desafio: cuidar dos pais gravemente doentes.

Quando a mãe foi diagnosticada com falência renal e o pai com um tipo raro de câncer de pele, Gilda abandonou a carreira para estar ao lado deles. Com dois filhos pequenos, precisou buscar um novo sustento e encontrou na reciclagem um caminho inesperado. O contraste entre sua antiga rotina em escritório e o trabalho pesado e invisível da catação foi duro, mas transformador. Ao mesmo tempo em que enfrentou preconceito, descobriu uma missão: lutar por dignidade para os catadores.

Gilda percebeu rapidamente que aquelas pessoas mereciam muito mais do que a sobrevivência precária em condições insalubres. Moviada pela indignação e pelo senso de justiça, começou a se organizar com o marido, Daniel, e outros trabalhadores. O primeiro passo foi simples, mas simbólico: buscar banheiros químicos para que as mulheres não precisassem se esconder para fazer as suas necessidades básicas. Logo em seguida, veio a grande mobilização: a criação de uma associação formalizada.

Assim nasceu a Atimara/MS — Associação dos Trabalhadores de Materiais Recicláveis dos Aterros de Mato Grosso do Sul, em 2010. O projeto cresceu e deu origem à primeira Usina de Triagem de Resíduos Sólidos (UTR) do Brasil, considerada modelo para outras cidades. A partir de então, Gilda



ajudou a conduzir 285 catadores para um espaço digno, estruturado e com reconhecimento institucional. Hoje, a associação e cooperativas ligadas a ela reúnem cerca de 140 catadores, que conquistaram renda média de até dois salários-mínimos e melhores condições de trabalho.

Com sua liderança firme e sensível, Gilda se tornou presidente da associação e representante do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) em Mato Grosso do Sul. Sua atuação vai além da gestão: é articuladora política, defensora do pagamento pelo serviço ambiental prestado pelos catadores e conselheira para muitos colegas, que a procuram não só para questões de trabalho, mas também para apoio pessoal.



Ao olhar para trás, Gilda se emociona com o que construiu. Do preconceito enfrentado no lixo à liderança de um modelo nacional de reciclagem, **sua trajetória prova que é possível transformar dor em esperança, e dificuldades em conquistas coletivas.**

Outro aspecto que orgulha Gilda é a força feminina no movimento: cerca de 80% dos trabalhadores na UTR são mulheres, muitas delas negras e chefes de família. Ela acredita que essas mulheres são as grandes responsáveis por manter o trabalho de reciclagem em pé, unindo força e resiliência à luta por dignidade.

Seu compromisso com a educação é outro pilar. Gilda mantém parcerias com universidades, levando grupos de catadores para cursos e formações, insistindo que os jovens estudem para assumir futuramente funções administrativas, técnicas e jurídicas. Para ela, profissionalizar o movimento é garantir que os catadores sejam reconhecidos como protagonistas da sustentabilidade, e não tratados como coadjuvantes ou dependentes de assistencialismo.

Hoje, ao olhar para trás, Gilda se emociona com o que construiu. Do preconceito enfrentado na catação à liderança de um modelo nacional de reciclagem, sua trajetória prova que é possível transformar dor em esperança, e dificuldades em conquistas coletivas. Sua maior recompensa não está no salário, mas no orgulho de ver famílias inteiras saírem da miséria, superarem vícios, vencerem a violência e reencontrarem dignidade através do trabalho organizado.

Com fé no futuro e confiança no poder do coletivo, Gilda segue firme, mostrando que reciclar não é apenas dar novo destino aos materiais, mas também renovar vidas, sonhos e oportunidades.

Gilda: **Courage, Faith and Transformation Through Collective Work**

Gilda Macedo

ATMARAS – Associação dos Trabalhadores de Materiais Recicláveis dos Aterros Sanitários de MS, Mato Grosso do Sul

Gilda is the daughter of farm workers. While her life was marked by challenges, she also grew up under the example of unity and persistence of her parents, who were married for more than six decades.

As a young, she moved to São Paulo, where she studied and worked in a newspaper and advertising agency, acquiring experience in electronic publishing and computer courses. Life seemed to follow a stable course, until fate presented her with a major challenge: taking care of her seriously ill parents.

When her mother was diagnosed with kidney failure and her father with a rare type of skin cancer, Gilda left her career behind to be by their side. With two small children, she needed to seek a new livelihood and found an unexpected path in recycling. The contrast between her old office routine and the heavy, invisible work of waste picking was

hard, but transformative. At the same time she faced prejudice, she discovered a mission: fighting for dignity of collectors.

Gilda quickly realized that those workers deserved much more than precarious survival in unhealthy conditions. Driven by indignation and a sense of justice, she began to organize with her husband, Daniel, and other workers. The first step was simple, but symbolic: seeking chemical toilets so that women would not have to hide to meet their basic needs. Shortly after, came the great mobilization: the creation of a formalized association.

This is how Atimara/MS – Associação dos Trabalhadores de Materiais Recicláveis dos Aterros de Mato Grosso do Sul was founded in 2010. The project grew and gave rise to the first Waste Sorting Plant (UTR) in Brazil, considered a model for other

cities. From then on, Gilda helped bring 285 collectors into a dignified, structured space with institutional recognition. Today, the association and cooperatives linked to it gather about 140 collectors, who achieved an average income of up to two minimum wages per month and better working conditions.

With her firm and sensitive leadership, Gilda became president of the association and representative of the National Movement of Recyclable Material Collectors (MNCR) in Mato Grosso do Sul. Her work goes beyond management: she is a political advocate, an advocate for payment for the environmental service provided by collectors, and a mentor for many colleagues, who seek her out not only for work issues, but also for personal support.

Another aspect that makes Gilda proud is the female strength in the movement: about 80% of the workers at the UTR are women, many of them black and heads of families. She believes they are the ones largely responsible for sustaining the recycling work, uniting strength and resilience to the struggle for dignity.

Her commitment to education is another pillar. Gilda maintains partnerships with universities, taking groups of collectors for courses and training, insisting that young people study so that, in the future, they can take on administrative, technical, and legal functions. For her, professionalizing the movement is ensuring that collectors are recognized as protagonists of sustainability, and not treated as supporting roles or dependent on welfare dependency.

Today, looking back, Gilda is emotional about what she built. From the prejudice faced at the landfill to the leadership of a national recycling model, her trajectory proves that it is possible to transform pain into hope, and difficulties into collective achievements. Her greatest reward is not in the salary, but in the pride of seeing entire families escape poverty, overcome addictions, overcome violence, and find dignity again through organized work.

With faith in the future and confidence in the power of the collective, Gilda continues strong, showing that recycling is not only giving a new destination to materials, but also renewing lives, dreams, and opportunities.



*Looking back, Gilda is emotional about what she built. From the prejudice faced at the landfill to the leadership of a national recycling model, **her trajectory proves that it is possible to transform pain into hope, and difficulties into collective achievements.***



Madá: Reciclando vidas e **inspirando** mulheres a **acreditarem em si mesmas**

**Maria Madalena Rodrigues
Duarte Lima**

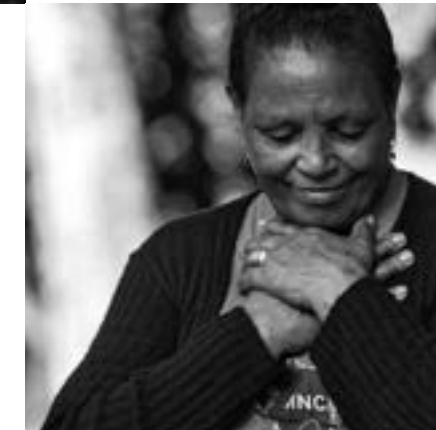
Coopert – Cooperativa de Reciclagem e Trabalho, Minas Gerais

NASCIDA EM UMA FAMÍLIA HUMILDE, Madá cresceu em meio a desafios que pareciam maiores do que seus sonhos. Desde cedo aprendeu que a vida exige esforço, resiliência e esperança. O caminho até se tornar liderança no movimento de reciclagem foi árduo, mas também repleto de conquistas que hoje inspiram outras mulheres a acreditarem em si mesmas.

Quando jovem, Madá enfrentou situações de vulnerabilidade que a colocaram diante da dura realidade de sustentar a si e à família. Foi nesse contexto que se aproximou da reciclagem. No início, como tantas outras mulheres, via o trabalho de catar materiais apenas como saída emergencial. Mas o que parecia provisório revelou-se uma missão: transformar o que a sociedade descarta em fonte de dignidade e futuro.

Com o tempo, percebeu que reciclar era mais que juntar papéis, plásticos ou latas. Era um espaço de resistência e de construção de possibilidades. Nas ruas e galpões, Madá encontrou outras mulheres como ela: mães solo, trabalhadoras invisíveis, sobreviventes de uma sociedade que pouco reconhece o valor das catadoras. Juntas, descobriram que a união poderia ser força transformadora.

Assim nasceu sua atuação dentro da cooperativa. Madá assumiu responsabilidades, buscou diálogo com instituições e tornou-se referência para as colegas. Sua liderança nasceu da prática, da escuta e do exemplo. Mostrou que ser mulher nesse



espaço não é fragilidade, mas potência. “Se a gente não acreditar na gente mesma, ninguém vai acreditar”, costuma dizer.

Ao longo dos anos, ajudou a construir não apenas uma cooperativa sólida, mas também um espaço de acolhimento. No galpão, o trabalho se mistura com histórias de vida, lágrimas e risos. Muitas mulheres que chegaram ali não apenas renda, mas também autoestima e coragem para sonhar. “Aqui a gente não recicla só material, a gente recicla vidas”, resume.

O reconhecimento não veio de imediato. Durante muito tempo, Madá enfrentou preconceito de quem via na reci-



Madá enfrentou preconceito de quem via na reciclagem apenas “trabalho de pobre” ou “coisa de quem não deu certo”. Mas ela nunca se deixou abalar.

Transformou o estigma em combustível para provar que o trabalho das catadoras é essencial para a sociedade.

clagem apenas “trabalho de pobre” ou “coisa de quem não deu certo”. Mas ela nunca se deixou abalar. Transformou o estigma em combustível para provar que o trabalho das catadoras é essencial para a sociedade. Hoje, orgulha-se de dizer que seu esforço ajuda a manter cidades limpas, contribui para o meio ambiente e garante dignidade a dezenas de famílias.

O que mais inspira na trajetória de Madá é a sua capacidade de enxergar cada dificuldade como oportunidade. Quando faltavam recursos, buscava parcerias; quando havia desânimo, incentivava as companheiras; quando parecia não haver saída, lembrava a todas que juntas poderiam resistir. Essa postura fez dela não apenas uma líder, mas também um símbolo de esperança.

Para muitas mulheres, a história de Madá é um chamado: um convite a acreditar que, mesmo diante da dureza da vida, é possível construir novos caminhos. Ela mostra que não é preciso nascer em berço privilegiado para transformar a realidade — basta coragem, união e fé no próprio valor.

Hoje, Madá sonha em ampliar ainda mais o impacto da cooperativa, garantindo melhores condições de trabalho e conquistando políticas públicas que reconheçam o papel das catadoras. Ela também quer que outras mulheres tenham a oportunidade de viver com dignidade, sustentar suas famílias e se orgulhar de sua trajetória.

Aos olhos de quem a acompanha, sua caminhada é muito mais do que uma luta por reciclagem. É a prova de que mulheres podem ser protagonistas de suas próprias histórias e de suas comunidades. É inspiração para aquelas que, tantas vezes, acreditaram que não tinham voz ou espaço.

Madá ensina, com sua vida, que não existe sonho pequeno. E, assim, entre sacos de materiais e dias de trabalho, segue escrevendo uma história de esperança e transformação, que ecoa como exemplo de que a força nasce daquilo que ninguém vê, mas que, ao ser reciclado, é precioso.

Madá: Recycling Lives and **Inspiring Women to Believe in Themselves**

Maria Madalena Rodrigues Duarte Lima
Coopert – Cooperativa de Reciclagem e Trabalho, Minas Gerais

Born into a humble family, Madá grew up amidst challenges that seemed greater than her dreams. From an early age, she learned that life requires effort, resilience, and hope. The path to becoming a leader in the recycling movement was arduous, but also filled with achievements that today inspire other women to believe in themselves.

When she was young, Madá faced situations of vulnerability confronted her with the harsh reality of supporting herself and her family. It was in this context that she turned to recycling. In the beginning, like so many other women, she saw the work of picking up materials only as an emergency way out. But what seemed temporary proved to be a mission: transforming what society discards into a source of dignity and a future.

Over time, she realized that recycling was more than gathering papers, plastics, or cans. It was a space of resistance and collective possibility. In the streets and warehouses, Madá found other women

like her: single mothers, invisible workers, survivors of a society that recognizes little value in the work of female collectors. Together, they discovered that union could be a transforming force.

This is how her work within the cooperative began. Madá assumed responsibilities, sought dialogue with institutions, and became a reference for her colleagues. Her leadership was born from practice, from listening, and from example. She showed that being a woman in this space is not a fragility, but a source of strength. “If we don’t believe in ourselves, no one will,” she usually says.

Over the years, she helped build not only a solid cooperative, but also a welcoming space. In the warehouse, the work mixes with life stories, tears, and laughter. Many women who arrived without prospects found there not only income, but also self-esteem and courage to dream. “Here we don’t just recycle materials, we recycle lives,” she summarizes.

Recognition did not come immediately. For a long time, Madá faced prejudice from those who saw recycling only as “work for the poor” or “the thing for those who didn’t succeed.” But she never let herself be discouraged. She transformed the stigma into fuel to prove that the work of female collectors is essential for society. Today, she is proud to say that her effort helps keep cities clean, contributes to the environment, and guarantees dignity to dozens of families.

What is most inspiring about Madá’s journey is her ability to see every difficulty as an opportunity. When resources were lacking, she sought partnerships; when there was discouragement, she encouraged her colleagues; when there seemed to be no way out, she reminded everyone that together they could resist. This posture made her not only a leader, but also a symbol of hope.

For many women, Madá’s story is a call. An invitation to believe that even in the face of life’s hardships, it is possible to build new paths. She shows that it is not necessary to be born into a privileged background to transform reality — all it takes is courage, union, and faith in one’s own value.

Today, Madá dreams of expanding the cooperative’s impact even further, ensuring better working conditions and advocating for public policies that recognize the role of female collectors. She wants other women to have the opportunity to live with dignity, support their families, and be proud of their journey.

In the eyes of those who follow her, her walk is much more than a struggle for recycling. It is proof that women can be protagonists of their own stories and their communities. It is an inspiration for those who, so many times, believed they had no voice or space.

Madá teaches, with her life, that no dream is too small. And so, between bags of materials and days of work, she continues writing a story of hope and transformation, which echoes as an example that strength is born from what no one sees, but which, when recycled, is precious.



For a long time, Madá faced prejudice from those who saw recycling only as “work for the poor” or “the thing for those who didn’t succeed.” But she never let herself be discouraged.

She transformed the stigma into fuel to prove that the work of female collectors is essential for society.





Trindade: da sombra dos resíduos à **luz da resistência**

Maria Trindade Santana de Araújo
Associação Cidadania Paratodos, Pará

A HISTÓRIA DE MARIA TRINDADE, conhecida carinhosamente como Trindade, nasce no coração do Marajó, em Anajás, onde ela nasceu há 53 anos. Ainda menina, deixou sua terra natal aos nove anos para estudar em Belém, mas a vida lhe impôs outros caminhos: em vez das carteiras escolares, encontrou trabalho pesado em casas de família, longe dos sonhos da infância.

Foi aos 32 anos que a catação entrou definitivamente em sua vida, não como escolha, mas como única saída para proteger o filho que, com coragem, conquistou de volta. Fugindo da violência de um companheiro e do risco de perder a criança para sempre, Trindade encontrou refúgio num barraco ao lado do aterro. Ali, entre montanhas de rejeitos e noites sem energia, começou a reinventar sua história.

No antigo lixão do Aurá, o maior do Pará, Trindade viveu por onze anos. Aqui ela aprendeu cedo que sobreviver exigia astúcia, coragem e união. Quando um jovem catador foi atingido por um tiro disparado por guardas, a revolta explodiu. Trindade foi uma das vozes que lideraram a mobilização de 500 catadores, saindo às ruas para exigir dignidade.

Dessa luta nasceu a primeira experiência de organização fora do aterro: 65 catadores se reuniram e iniciaram a coleta seletiva nas ruas, em parceria com a prefeitura de Belém. A partir desse embrião, surgiram cooperativas e associações, e Trindade descobriu-se como uma liderança. “Nunca quis calar, sempre lutei não só por mim, mas por todos”, afirma.

A partir de 1997, sua voz ecoou além do Pará. Em 1998, esteve em Brasília pela primeira vez, representando catadores em encontros nacionais. Voltou em 2001 com ainda mais força, quando já levantava a bandeira não apenas dos trabalhadores de Belém, mas de todo o Brasil.

Foi através das capacitações, das parcerias com ONGs e do Movimento Nacional dos Catadores que Trindade percebeu: seu trabalho não era



apenas sobrevivência, era também serviço ambiental de imenso valor. “Cada quilo que tiramos do meio ambiente é uma árvore a menos derrubada”, aprendeu.

Mãe de três filhos, orgulha-se de tê-los criado sozinha, todos com o ensino médio completo, e se emociona ao contar que o primogênito, que a ajudou na catação, hoje é contador. Ele atua voluntariamente em associações de catadores e na prefeitura, dando continuidade, com outro olhar, ao legado da mãe. O caçula, estudante de engenharia mecânica, interrompeu os estudos por dificuldades financeiras, mas sonha em retomá-los. Para Trindade, cada



**Em sua fala,
há sempre
poesia: para
ela, o catador
sempre existirá,
mas existirá com
profissionalismo
e dignidade.**

Não mais
escondido,
mas à frente
de galpões,
cooperativas
e projetos
que unem
sustentabilidade
e justiça social.

passo dos filhos é também uma vitória de sua luta silenciosa contra a exclusão.

Apesar das marcas deixadas pelo trabalho duro, ela não se define apenas como catadora. Fez curso técnico em enfermagem, profissão que nunca exerceu formalmente, mas que lhe permite ajudar vizinhos e colegas sempre que necessário. Gosta de dizer que esse saber também recicla vidas — cuidando de feridas, dando conselhos, oferecendo atenção gratuita a quem precisa.

Hoje, Trindade olha para o passado com orgulho. Sabe que ainda há muito a conquistar — principalmente o reconhecimento financeiro e social do serviço prestado pelos catadores. Defende que o pagamento pelo trabalho ambiental deveria ser triplicado, pois não é apenas coleta: é cuidado com o planeta, é prevenção contra o desperdício, é um legado para o futuro.

Em sua fala, há sempre poesia: para ela, o catador sempre existirá, mas existirá com profissionalismo e dignidade. Não mais escondido, mas à frente de galpões, cooperativas e projetos que unem sustentabilidade e justiça social.

Maria Trindade é mais do que uma mulher que sobreviveu ao lixo, ao medo e às incertezas. Sua vida prova que até dos lugares de sombra podem nascer vozes cheias de luz, capazes de compartilhar esperança de que dias melhores virão.



Trindade: From the Shadow of the Landfill to the **Light of Resistance**

Maria Trindade Santana de Araújo
Associação Cidadania Paratodos, Pará

The story of Maria Trindade, affectionately known as Trindade, begins in the heart of Marajó, in Anajás, where she was born 53 years ago. As a young girl, she left her homeland at nine years old to study in Belém, but life took her other paths: instead of school desks, she found domestic work in private homes, far from the dreams of childhood.

It was at age 32 that waste picking definitively entered her life, not as a choice, but as the only way out to protect her son, whom she fought to regain. Fleeing the violence of a partner and the risk of losing the child forever, Trindade found refuge in a shack next to the landfill. There, between discarded materials and nights without electricity, she began to reinvent her story.

In the Aurá landfill, the largest in Pará, Trindade lived for eleven years. Here she learned early that surviving required cunning, courage, and union. When a young collector was by security

guards, outrage erupted. Trindade was one of the voices that led the mobilization of 500 collectors, going to the streets to demand dignity. From this struggle emerged the first experience of organization outside the landfill: 65 collectors gathered and began selective waste collection in the streets, in partnership with the city hall of Belém.

From this embryo, cooperatives and associations emerged, and Trindade came to see herself as a leader. “I never wanted to be silent, I always fought not only for me, but for everyone,” she states. From 1997 onward, her voice echoed beyond Pará. In 1998, she was in Brasília for the first time, representing collectors in national meetings. She returned in 2001 with even more strength, when she already spoke on behalf of not only of the workers of Belém, but of all of Brazil.

It was through training, partnerships with NGOs, and the National Collector Movement that Trindade realized: her work was not just

survival, it was also environmental service of immense value. “Every kilo we remove from the environment is one less tree cut down,” she learned.

Mother of three children, she is proud of having raised them alone, all with complete high school, and she is emotional telling that her firstborn, who helped her in picking, today is an accountant. He acts voluntarily in collector associations and in the city hall, carrying forward his mother’s legacy from a new perspective. The youngest, a mechanical engineering student, interrupted his studies due to financial difficulties, but dreams of resuming them. For Trindade, every step of her children is also a victory of her silent struggle against exclusion.

Despite the marks left by hard work, she does not define herself solely as a collector. She took a technical course in nursing, a profession she never practiced formally, but which allows her to help neighbors and colleagues whenever necessary. She likes to say that this knowledge also recycles lives — taking care of wounds, giving advice, offering free care to those who need it.

Today, Trindade looks toward the past with pride. She knows there is still much to achieve — mainly the financial and social recognition of the service provided by collectors. She advocates that the payment for environmental work should be tripled, because it is not just collection: it is care for the planet, it is prevention against waste, it is a legacy for the future.

In her speech, there is always poetry: for her, the collector will always exist, but will exist with professionalism and dignity. No longer hidden, but leading warehouses, cooperatives, and projects that unite sustainability and social justice. Maria Trindade is more than a woman who survived the landfill, the fear, and the uncertainty. Her life proves that even from places of shadow, voices full of light can be born, capable of sharing hope that better days will come.



In her speech, there is always poetry: for her, the collector will always exist, but will exist with professionalism and dignity.

No longer hidden, but leading warehouses, cooperatives, and projects that unite sustainability and social justice.



Verônica: da infância humilde à **liderança transformadora**

Verônica Cardoso Costa de Souza
COOPER REGIÃO – Paraná

VERÔNICA NASCEU EM LONDRINA, no Paraná, em uma família numerosa e de poucos recursos. Filha de carroceiro e caçula de 11 irmãos, cresceu enfrentando as dificuldades da pobreza, mas também aprendendo cedo o valor do trabalho. Desde muito jovem, começou a catar materiais recicláveis para vender e ajudar em casa. Foi assim que descobriu que daquilo que parecia não ter valor era possível extrair sustento, dignidade e, sobretudo, esperança.

Na juventude, participou de iniciativas comunitárias como o “sopão da Casa do Caminho”, onde conheceu o sentido da solidariedade e da caridade. Essas experiências foram sementes que germinariam em sua vida adulta. Em 1998, quando a prefeitura de Londrina iniciou um projeto de coleta seletiva que ameaçava a renda dos catadores, Verônica se uniu a outras mulheres e decidiu agir. Sob lonas improvisadas, fundaram o Grupo de Mulheres Esperança. Eram sete pessoas, seis delas mulheres, que buscavam não apenas renda, mas também resgatar a autoestima e reconstruir suas próprias histórias.

Daquele início desafiador nasceu algo maior. Em 2001, por meio de um projeto apoiado pelo governo japonês, conseguiram recursos para construir um galpão e adquirir um caminhão. A pequena associação cresceu, tornando-se a Associação de Recicladores Reciclando Vida e, posteriormente, em 2009, a Cooper Região, uma das maiores cooperativas do Brasil no setor da reciclagem. Verônica passou de catadora a assistente social e diretora financeira da cooperativa, liderando uma equipe que hoje reúne cerca de 140 trabalhadores.

Sua formação acadêmica em Serviço Social, conquistada graças ao Prouni, foi um divisor de águas. Trouxe profissionalização, confiança e novas oportunidades. Verônica transformou sua vivência em conhecimento es-



truturado, tornando-se não apenas liderança comunitária, mas também referência nacional. Recebeu prêmios, como o de Líder Sustentável, em 2016, e expandiu seu alcance: além da Cooper Região, atua como consultora acompanhando outras associações de catadores em diferentes estados do país.

O sucesso, no entanto, nunca a afastou de suas raízes. Orgulha-se de ter sido contemplada com uma casa pelo programa “Minha Casa, Minha Vida”, fruto de uma política pública que reservou cotas para mulheres catadoras. Valoriza cada conquista coletiva: da frota de caminhões da cooperativa ao contrato de mais de meio milhão de re-



Verônica testemunhou vidas mudarem radicalmente dentro da cooperativa: mulheres que superaram a dependência química, que escaparam da violência doméstica e que, **por meio do trabalho coletivo, recuperaram dignidade e sonhos. Esse é o legado que mais a emociona.**

ais por mês com a prefeitura de Londrina, que garante sustentabilidade e reconhecimento ao trabalho dos recicladores.

Verônica sempre destaca o poder transformador da oportunidade. Foi graças a chances como a do projeto do governo japonês, do apoio comunitário e do Prouni que ela e tantas mulheres puderam se reinventar. Hoje, além de cuidar da cooperativa, dedica-se à família: é casada, mãe de dois filhos e avó orgulhosa. Apesar das dores que a vida lhe apresentou, encontra forças na fé e na missão de continuar inspirando.

Sua história é também a de muitas mulheres que encontraram no cooperativismo um caminho de emancipação. Verônica testemunhou vidas mudarem radicalmente dentro da cooperativa: mulheres que superaram a dependência química, que escaparam da violência doméstica e que, por meio do trabalho coletivo, recuperaram dignidade e sonhos. Esse é o legado que mais a emociona.

Hoje, aos 51 anos, Verônica se define como uma mulher feliz e realizada. Ama viver, ama sua profissão e acredita profundamente na força da união. De uma infância marcada pela escassez ao posto de liderança em uma das maiores cooperativas do Brasil, sua trajetória mostra que a transformação é possível quando há coragem, oportunidade e solidariedade. Seu sorriso largo não deixa dúvida: a vida dá muitas lições, e ela é boa aluna. Tem aprendido demais e tem muito a celebrar.

Verônica: From a Humble Childhood to **Transformative Leadership**

Verônica Cardoso Costa de Souza
COOPER REGIÃO, Paraná

Verônica was born in Londrina, in Paraná, into a large family with few resources. Daughter of a carroceiro (cart puller) and the youngest of 11 siblings, she grew up facing the difficulties of poverty, but also learning early on the value of work. From a very young age, she began picking up recyclable materials to sell and help at home. This was how she discovered that from what seemed to have no value, it was possible to make a living, dignity, and, above all, hope.

In her youth, she participated in community initiatives such as the “Casa do Caminho,” soup kitchen where she learned the meaning of solidarity and charity. These experiences were seeds that would germinate in her adult life. In 1998, when the Londrina city government began a selective collection project that threatened the collectors’ income, Verônica joined other women and decided to act. Under improvised tarps, they founded the Grupo de Mulheres Esperança. They were seven

people, six of them women, who sought not only income, but also to recover their self-esteem and reconstruct their lives.

From that challenging start, something larger was born. In 2001, through a project supported by the Japanese government, they obtained resources to build a warehouse and acquire a truck. The small association grew, becoming the Associação de Recicladores Reciclando Vida and later, in 2009, the Cooper Região, one of the largest cooperatives in Brazil. Verônica went from working as a collector to becoming a social worker and financial director of the cooperative, leading a team that today bring together about 140 workers.

Her academic training in Social Work, achieved through Prouni, was a turning point. It brought professionalization, confidence, and new opportunities. Verônica transformed her experience into structured knowledge, becoming not only a community leader, but also a national reference. She

received awards, such as the Sustainable Leader award in 2016, and expanded her reach: in addition to Cooper Região, she acts as a consultant, supporting other waste picker associations in different states of the country.

Success, however, never distanced her from her roots. She is proud of having been received a home by the “Minha Casa, Minha Vida” program, the result of a public policy that reserved quotas for female collectors. She values every collective achievement: from the cooperative’s fleet of trucks to the contract worth more than half a million reais per month with the city hall of Londrina, which guarantees sustainability and recognition for the recyclers’ work.

Verônica always highlights the transformative power. It was thanks to opportunities like the Japanese project, community support, and the university that she and so many women were able to reinvent themselves. Today, in addition to taking care of the cooperative, she dedicates herself to her family: she is married, mother of two children, and a proud grandmother. Despite the pains life brought her, she finds strength in faith and in the mission of continuing to inspire.

Her story is also that of many women who found through cooperatives a path of emancipation. Verônica witnessed lives change radically within the cooperative: women who overcame substance abuse, who escaped domestic violence and who, through collective work, recovered dignity and dreams. This is the legacy that most touches her.

Today, at 51, Verônica defines herself as a happy and fulfilled woman. She loves living, loves her profession, and deeply believes in the strength of union. From a childhood marked by scarcity to the position of leadership in one of the largest cooperatives in Brazil, her trajectory shows that transformation is possible when there is courage, opportunity, and solidarity. Her wide smile leaves no doubt: life gives many lessons, and she is a good student. She has been learning a lot and has much to celebrate.



*Verônica witnessed lives change radically within the cooperative: women who overcame substance abuse, who escaped domestic violence and who, **through collective work, recovered dignity and dreams. This is the legacy that most touches her.***





Roberta: a vida inteira **entre lutas e reciclagem**

Roberta de Santana Pessoa Cardoso
Pro-Recife – Cooperativa de catadores e catadoras profissionais do Recife, Pernambuco

ROBERTA DE SANTANA PESSOA CARDOSO nasceu e cresceu em Recife. Hoje, aos 51 anos, olha para trás e vê uma vida construída no compasso da luta e da superação. Filha de pescador, aprendeu desde cedo o valor do trabalho duro. A mãe, catadora de recicláveis, foi sua primeira referência no ofício que mais tarde se tornaria também seu destino.

Aos 15 anos, encontrou por acaso um relógio de ouro no meio dos descartes. Achou que fosse apenas um embrulho sem valor. Quando abriu, a peça brilhou sob o sol. Levou para o pai, que usou por alguns dias, até receber o conselho de guardá-lo. Mais tarde, venderam o relógio e o dinheiro serviu para aliviar as necessidades da família. “Esse dinheiro foi abençoado, porque chegou quando a gente mais precisava.”

Aos 19 anos, tornou-se mãe. Vieram outros filhos, até completar sete gestações. Cinco dos seus filhos ainda estão vivos. “Criei meus filhos sem precisar de ninguém, só Deus mesmo me deu força.” A maternidade foi seu combustível diário.

Nos anos 2000, o destino começou a mudar de rumo. Incentivada por uma amiga, participou de um curso sobre resíduos. Relutou no início, achando desnecessário. “Eu dizia: vou perder meus dias de coleta pra aprender o que já sei?” Mas foi ali que ouviu José Cardoso, liderança do Movimento Nacional dos Catadores. As palavras dele a despertaram para a importância de se organizar coletivamente. A partir dessa experiência, passou a mobilizar catadores em sua comunidade, reunindo dezenas deles até fundar, em 2006, uma cooperativa formalizada.

A fundação da cooperativa não foi simples. Foram anos de luta para conseguir documentação, espaço e apoio. “A gente começou com 55 catadores, todo mundo de rua. Depois veio gente de empresa, do movimento, das in-



dústrias, e conseguimos o galpão na Imbiribeira, onde estamos até hoje.” O galpão, mesmo em condições precárias, tornou-se o coração da cooperativa. Ali, Roberta ajudou a estruturar processos, negociar parcerias e manter viva a chama da resistência.

O caminho foi marcado também por perdas. A morte de amigas, vítimas de doenças contraídas em condições insalubres, e a partida de Cardoso, companheiro de vida e de luta, deixaram feridas profundas. Foram mais de vinte anos ao lado dele, até que complicações de saúde o levaram. “Antes de morrer, ele me disse: não deixa o barco cair. Se-



A história de Roberta é feita de amor e esperança. Mulher de sorriso fácil e coragem incansável, mostra todos os dias que **a reciclagem vai além dos resíduos: é sobre coletividade e crença no futuro, por mais desafiador que ele possa ser.**

gue firme.” Essa frase se transformou em guia para sua jornada.

Hoje, Roberta continua à frente da cooperativa, mesmo com dificuldades financeiras, telhado ameaçando desabar e caminhão quebrado. Ela insiste, pede apoio, cobra autoridades e, quando necessário, denuncia publicamente.

A vida lhe deu, além da catação, uma rede de afeto e militância. Participa do movimento de mulheres catadoras e da rede latino-americana, representando o Brasil em encontros. Em Brasília, foi homenageada pelos anos dedicados à reciclagem. Sabe que sua voz ecoa além dos muros da cooperativa, inspirando outras mulheres a assumir papéis de liderança. “A reciclagem não é só renda, é dignidade. É onde a gente transforma vidas junto com os materiais.”

Roberta também celebra as conquistas da família. Dois filhos, Wesley e Felipe, seguiram ao seu lado na cooperativa; a filha Vitória também participa das triagens. Hoje é avó de duas netas e mãe dedicada do caçula Gabriel, de sete anos, que chegou quando ela já tinha 44. “Eu sempre digo que Deus me deu Gabriel pra renovar minhas forças. Ele é minha alegria diária.”

Seus sonhos permanecem vivos: reformar o galpão, manter caminhões em boas condições, garantir segurança e ampliar o reconhecimento da categoria. “Quero ver a cooperativa de pé, funcionando direito, sem ninguém pedir esmola. Catador só quer respeito.”

A história de Roberta é feita de amor e esperança. Mulher de sorriso fácil e coragem incansável, mostra todos os dias que a reciclagem vai além dos resíduos: é sobre coletividade e crença no futuro, por mais desafiador que ele possa ser.



Roberta: An Entire Life **Between Struggles and Recycling**

Roberta de Santana Pessoa Cardoso
Cooperativa de catadores e catadoras
profissionais do Recife, Pernambuco

Roberta de Santana Pessoa Cardoso was born and grew up in Recife. Today, at 51, she looks back and sees a life shaped by struggle and perseverance. Daughter of a fisherman, she learned early on the value of hard work. Her mother, a recyclable worker, was her first reference in the trade that would later become her destiny.

At 15, she found by chance a gold watch among discarded materials. She thought it was just a worthless wrapper. When she opened it, the piece shone under the sun. She took it to her father, who used it for a few days, until he received the advice to put it away. Later, they sold the watch and the money helped meet my family's needs. "This money was blessed, because it arrived when we needed it most."

At 19, she became a mother. Other children came, eventually having seven pregnancies. Five of her children are still living. "I raised my children without needing anyone else, only God gave me strength." Motherhood was her daily fuel.

In the 2000s, fate began to change direction. Encouraged by a friend, she participated in a course on waste. She relented in the beginning, thinking it unnecessary. "I said: I'm going to waste my working days collecting materials to learn what I already know?" But it was there she heard José Cardoso, leader of the National Collector Movement. His words woke her up to the importance of organizing collectively. Based on this experience, she began mobilizing collectors in her community, gathering dozens of them until, in 2006, she helped found a formalized cooperative.

The foundation of the cooperative was not simple. There were years of struggle to get documentation, space, and support. "We started with 55 collectors, everyone from the street. Then came people from the company, from the movement, from the industries, and we got the warehouse in Imbiribeira, where we are today." The warehouse, even in precarious conditions, became the heart of the cooperative. There, Roberta helped structure

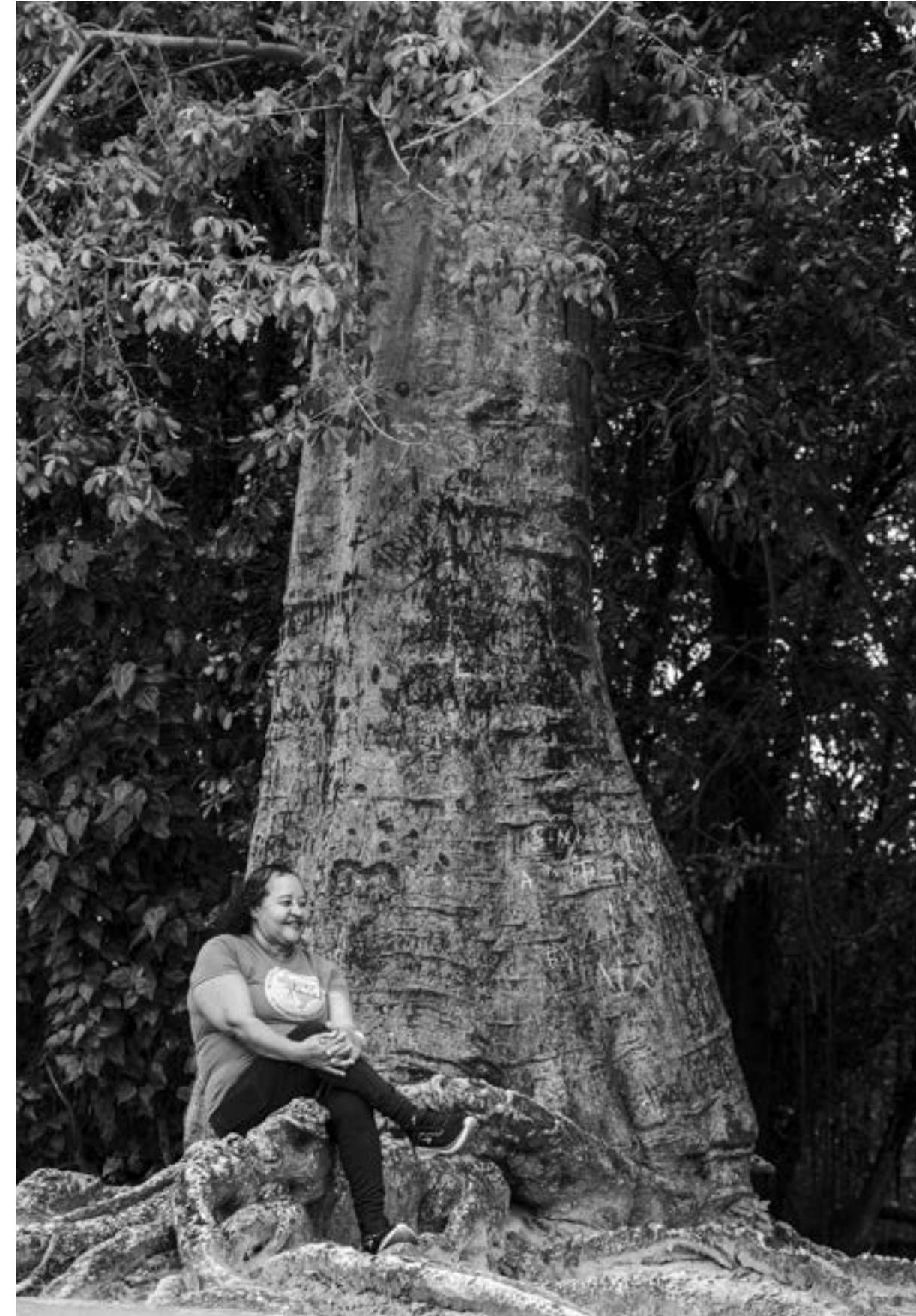
processes, negotiate partnerships, and keep alive the flame of resistance.

The path was also marked by losses. The death of friends, victims of diseases contracted under unhealthy conditions, and the departure of Cardoso, a partner in life and in the struggles, left deep wounds. It was more than twenty years by his side, until health complications took him. "Before dying, he said to me: don't let the boat sink. Keep it steady." This phrase transformed into a guide for her journey.

Today, Roberta continues leading the cooperative, even with financial difficulties, a roof threatening to collapse, and a broken truck. She insists, asks for support, demands from authorities and, when necessary, speaks out publicly. Life gave her, besides picking, a network of affection and activism. She participates in the movement of female collectors and in the Latin American network, representing Brazil in meetings. In Brasília, she was honored for the years dedicated to recycling. She knows her voice echoes beyond the walls of the cooperative, inspiring other women to take on leadership roles.

"Recycling is not just income, it is dignity. It is where we transform lives along with the materials." Roberta also celebrates the achievements of the family. Two sons, Wesley and Felipe, worked by her side in the cooperative; her daughter Vitória also participates in material sorting. Today she is the grandmother of two girls and a dedicated mother of the youngest, Gabriel, seven years old, who arrived when she was already 44. "I always say that God gave me Gabriel to renew my strength. He is my daily joy."

Her dreams remain alive: reforming the warehouse, keeping trucks in good condition, ensuring security, and expanding the recognition of the category. "I want to see the cooperative standing, functioning properly, without anyone having to ask for handouts. A collector only wants respect." Roberta's story is made of love and hope. A woman with an easy smile and tireless courage, she shows every day that recycling goes beyond waste: it is about collectivity and belief in the future, however challenging it may be.



*Roberta's story is made of love and hope. A woman with an easy smile and tireless courage, she shows every day that **recycling goes beyond waste: it is about collectivity and belief in the future, however challenging it may be.***





Márcia: educar, reciclar e **semear futuros**

Marcia Regina de Alencar
COOPCATA 3Rs – Cooperativa de Trabalho em Economia Solidária dos Catadores de Materiais Recicláveis do Território Norte, Piauí

MÁRCIA NASCEU EM TERESINA, Piauí, em uma família de origem simples, marcada por raízes indígenas e quilombolas. Casou-se cedo e teve dois filhos, mas assumiu sozinha a criação dos filhos e buscou alternativas para sustentar a família. Esse período foi determinante para se aproximar de temas como cidadania, meio ambiente e trabalho comunitário.

A atuação de Márcia começou de forma espontânea em comunidades periféricas de Teresina. Reunia mulheres, jovens e crianças em rodas de conversa sobre resíduos, poluição e preservação da natureza. Inspirada na pedagogia de Paulo Freire, adotava uma abordagem participativa, valorizando a escuta e a troca de conhecimento. Com o tempo, percebeu que a educação ambiental poderia fortalecer vínculos comunitários e gerar novas possibilidades de renda. O contato com catadoras, ceramistas e agricultoras urbanas mostrou a necessidade de criar estruturas mais organizadas, que garantissem oportunidades de trabalho e de formação para todos.

A partir dessa percepção, mobilizou um grupo de trabalhadores em situação de vulnerabilidade, muitos deles dependentes químicos em processo de recuperação. O objetivo era organizar a coleta e a comercialização de recicláveis de forma estruturada. Em 2019, esse esforço resultou na criação de uma cooperativa com 44 integrantes.

Com a chegada da pandemia em 2020, a cooperativa enfrentou um período crítico. A renda caiu, parte dos cooperados adoeceu e houve risco de paralisação completa das atividades. Márcia buscou apoio de organizações sociais, como a Cáritas, que garantiram doações de alimentos, equipamentos de proteção e oficinas de formação. A ajuda possibilitou que o grupo mantivesse coesão em um momento de grande instabilidade e reforçou a ideia de que o



trabalho precisava ir além da renda imediata, envolvendo também saúde, educação e solidariedade.

Sua formação acadêmica, licenciatura em Letras e curso técnico em saneamento básico, foi integrada ao trabalho comunitário. Márcia desenvolveu projetos de educação ambiental em escolas, associações e igrejas, utilizando linguagem acessível e metodologias práticas. Criou oficinas de reciclagem, atividades de horta pedagógica e até um cinema ambiental, no qual crianças aprendiam de forma lúdica sobre resíduos e preservação. O impacto foi imediato: muitos estudantes passaram a separar materiais recicláveis



Márcia sempre defendeu que o trabalho dos catadores precisa ser reconhecido como parte essencial da política ambiental.

Não é possível falar em sustentabilidade sem incluir as comunidades que diariamente se responsabilizam pela separação e destinação correta dos resíduos.

em casa e a influenciar os pais a adotarem novos hábitos.

A cooperativa, atualmente, reúne cerca de 20 integrantes, com 15 atuando de forma fixa. O grupo conquistou equipamentos como uma prensa, implantou uma horta pedagógica que integra produção de alimentos e educação e estruturou uma cozinha solidária que garante refeições diárias aos cooperados e suas famílias. O material reciclado provém de doações e do trabalho de coleta realizado pelos próprios catadores. Assim, a cooperativa se tornou referência local em reciclagem e inclusão social.

Márcia sempre defendeu que o trabalho dos catadores precisa ser reconhecido como parte essencial da política ambiental. Não é possível falar em sustentabilidade sem incluir as comunidades que diariamente se responsabilizam pela separação e destinação correta dos resíduos. Sua visão de futuro é clara: ampliar a profissionalização da cooperativa, consolidar contratos com o poder público que assegurem remuneração justa e formar novas gerações de jovens preparados para funções administrativas e técnicas.

Hoje, aos 52 anos, ela se reconhece como educadora e liderança comunitária. Quando fala de si mesma, não se define apenas como catadora ou educadora, mas como mulher de raízes profundas e de asas abertas. Sua história é feita de um pouco de luta e um pouco de encantamento: debaixo de árvores, em salas improvisadas ou em galpões simples, Márcia segue ensinando o destino de coisas e de sonhos.

Márcia: Educate, Recycle and Sow Futures

Márcia Regina de Alencar
COOPCATA 3Rs – Cooperativa de Trabalho em Economia Solidária dos Catadores de Materiais Recicláveis do Território Norte, Piauí

Márcia was born in Teresina, Piauí, into a humble family, marked by indigenous and roots in quilombola communities. She married early and had two children, but her children on her own and sought alternatives to support the family. This period was decisive in bringing her close to the themes of citizenship, environment, and community work.

Márcia's work began spontaneously in peripheral communities of Teresina. She gathered women, young people, and children in conversation circles about waste, pollution, and nature preservation. Inspired by the pedagogy of Paulo Freire, she took on a participatory approach, valuing listening and the exchange of knowledge. Over time, she realized that environmental preservation could strengthen community bonds and generate new income possibilities. Contact with female collectors, potters, and urban farmers showed the need to create more organized structures that guaranteed work and training opportunities for everyone.

Based on this perception, she mobilized a group of workers in situations of vulnerability, many of them people recovering from substance dependence. The goal was to organize the collection and commercialization of recyclables in a structured way. In 2019, this effort resulted in the creation of a cooperative with 44 members.

With the arrival of the pandemic in 2020, the cooperative faced a critical period. Income fell, part of the members became ill, and there was a risk of risk of a complete shutdown of activities. Márcia sought support from social organizations, such as Cáritas, which guaranteed donations of food, protective equipment, and training workshops. The help made it possible for the group to maintain cohesion in a moment of great instability and reinforced the idea that work needed to go beyond immediate income, also involving health, education, and solidarity.

Her academic training, a degree in Languages and Literature and a technical course in basic sa-

nitiation, was integrated into community work. Márcia developed environmental education projects in schools, associations, and churches, using accessible language and practical methodologies. She created recycling workshops, pedagogical garden activities, and even an environmental film screenings, in which children learned in a playful and engaging way about waste and preservation. The impact was immediate: many students began separating recyclable materials at home and influencing their parents to adopt new habits.

The cooperative currently brings together about 20 members, with 15 acting on a fixed basis. The group obtained equipment such as a press, implemented a pedagogical garden that integrates food production and education, and structured a community kitchen that guarantees daily meals to the members and their families. The recycled material comes from donations and the collection work performed by the collectors themselves. Thus, the cooperative became a local reference in recycling and social inclusion.

Márcia always defended that the work of collectors needs to be recognized as an essential part of environmental policy. It is not possible to talk about sustainability without including the communities that daily take responsibility for the separation and proper disposal of waste. Her vision of the future is clear: to expand the professionalization of the cooperative, consolidate contracts with the public authorities that ensure fair remuneration, and train new generations of young people prepared for administrative and technical roles.

Today, at 52, she recognizes herself as an educator and community leader. When she speaks of herself, she does not define herself only as a collector or educator, but as a woman of deep roots and wide open wings. Her story is made of a bit of struggle and a bit of enchantment: under trees, in improvised rooms or in simple warehouses, Márcia continues teaching the destination of things and of dreams.



*Márcia always defended that the work of collectors needs to be recognized as an essential part of environmental policy. **It is not possible to talk about sustainability without including the communities that daily take responsibility for the separation and proper disposal of waste.***





Ana: entre o chão do aterro e o **horizonte das possibilidades**

Ana Karla Gonçalves de Araújo
Coop Soluções Maricá, Rio de Janeiro

A HISTÓRIA DE ANA É FEITA de recomeços e de uma força que floresce mesmo nos terrenos mais áridos. Carioca, entrou para a catação em 2007, após a separação, quando precisava criar quatro filhos pequenos sozinha.

Foi no aterro que ela descobriu uma oportunidade de sustento e de transformação. Na cooperativa de Itaoca, iniciou na linha de produção, mas sua inquietação e gosto pelo estudo a levaram além: logo tornou-se encarregada e, em seguida, secretária.

A vida lhe deu asas inesperadas quando foi selecionada para participar de um intercâmbio do Instituto Ibis, que a levou a Toronto, no Canadá, em 2009. Passou 22 dias imersa em uma experiência de troca de conhecimentos e culturas. Para muitos, poderia ser apenas uma viagem; para Ana, foi um divisor de águas. Ali percebeu que sua voz podia ecoar em espaços internacionais. Levava consigo a dignidade do trabalho invisível e voltava trazendo novas ideias, certezas e a convicção de que a reciclagem era também caminho de cidadania.

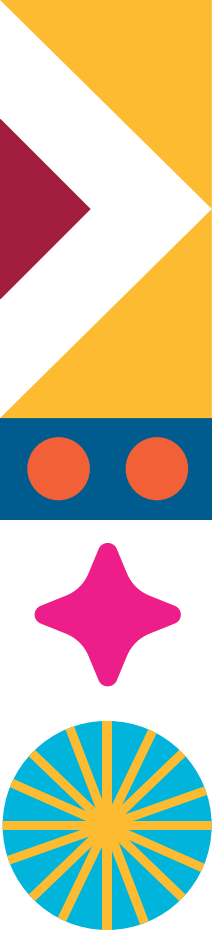
Essa vivência abriu portas. Ana trabalhou por cinco anos como secretária do próprio instituto, mergulhando em cursos, formações e discussões sobre inovação social. A cada passo, reafirmava sua escolha de se reinventar. Queria inspirar e transformar. Participou de diferentes cooperativas, em São Gonçalo, Jacarepaguá e, mais recentemente, em Maricá, onde retomou a Cooperativa Soluções, interrompida pela pandemia e agora reativada com novo vigor.

Sua trajetória é marcada pela busca constante de conhecimento. Fez cursos técnicos de administração e capacitações em gestão, entendendo que



ser liderança não era apenas ocupar cargos, mas conduzir outras pessoas com preparo e sensibilidade. “Eu gosto do que eu faço”, repete com orgulho. E sua afirmação carrega a serenidade de quem encontrou no trabalho coletivo não só sustento, mas também identidade.

Mãe de quatro filhos e avó de sete netos, sente orgulho de ver que cada um seguiu caminhos próprios: uma trabalha na humanização de um hospital, outra é trancista, outra atua no comércio, e o filho mais novo, mesmo após um período difícil, hoje se reconstrói com nova consciência. Sua maior vitória, talvez, seja esta: ter mostrado,



Seus olhos se iluminam ao falar da cooperativa atual, em Maricá. Ali, ela sabe que nascem novas histórias.

Cada família que encontra trabalho digno, cada mulher que conquista independência financeira, cada jovem que descobre novas perspectivas é, para Ana, a prova de que valeu a pena insistir.

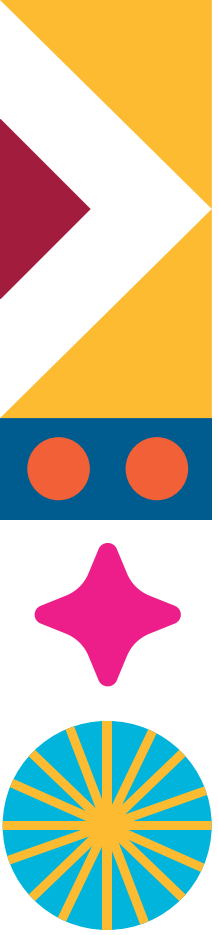
pelo exemplo, que escolhas podem ser refeitas e que a vida sempre permite novos começos.

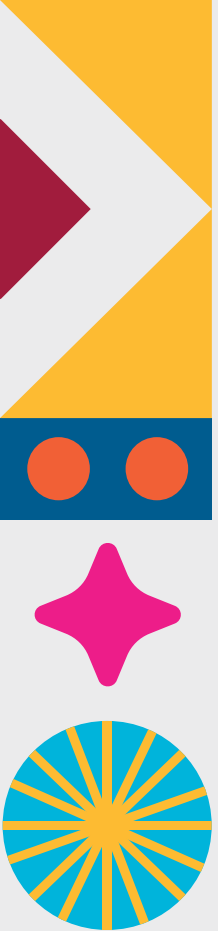
Seus olhos se iluminam ao falar da cooperativa atual, em Maricá. Ali, ela sabe que nascem novas histórias. Cada família que encontra trabalho digno, cada mulher que conquista independência financeira, cada jovem que descobre novas perspectivas é, para Ana, a prova de que valeu a pena insistir. Hoje, são dezenas de trabalhadores que compartilham tarefas, sonhos e conquistas.

Sua liderança vai além do galpão. Ana participa do Movimento Nacional dos Catadores, integra conselhos de saúde, meio ambiente, igualdade racial e compõe também o coletivo de mulheres catadoras do Rio de Janeiro. Para ela, estar nesses espaços é ampliar vozes e garantir que os catadores sejam reconhecidos como protagonistas de uma sociedade mais justa e sustentável.

Poética em sua simplicidade, Ana diz que prefere falar do futuro em vez do que ficou para trás. “Cheguei até aqui com força e independência”, afirma. Para ela, independência é erguer-se todos os dias com a certeza de que pode prover sua própria vida. Essa escolha fez dela uma trabalhadora incansável, e uma inspiração para muitas mulheres.

A cada passo de sua trajetória, Ana reafirma uma convicção: reciclar é muito mais do que separar resíduos. Sua vida, entre o chão dos aterros e o horizonte dos intercâmbios internacionais, é prova de que até mesmo nos lugares mais improváveis podem germinar sementes de dignidade, autonomia e esperança.





Ana: Between the Landfill Floor and the Horizon of Possibilities

Ana Karla Gonçalves de Araújo
Coop Soluções Maricá, Rio de Janeiro

Ana's story is made of new beginnings and a strength that flourishes even in the most arid lands. A native of Rio de Janeiro, she began working as a waste picker in 2007, after a separation, when she needed to raise four small children alone.

It was at the landfill that she discovered an opportunity for livelihood and transformation. In the Itaoca cooperative, she started on the production line, but her restlessness and her interest in learning took her further: she soon became a supervisor and, then, a secretary.

Life gave her unexpected wings when she was selected to participate in an exchange program with the Ibis Institute, which took her to Toronto, in Canada, in 2009. She spent 22 days immersed in an experience of cultural and knowledge exchange. For many, it could be just a trip; for Ana, it was a turning point. There she realized that her voice could echo in international spaces. She carried with her the dignity of often invisible

work and she returned with new ideas, certainties, and the conviction that recycling was also a path to citizenship.

This experience opened doors. Ana worked for five years as a secretary for the institute itself, diving into courses, training, and discussions about social innovation. With each step, she reaffirmed her choice to reinvent herself. She wanted to inspire and transform. She worked with different cooperatives, in São Gonçalo, Jacarepaguá and, more recently, in Maricá, where she played a role in restarting the Cooperativa Soluções, interrupted by the pandemic and now reactivated with new vigor.

Her trajectory is marked by the constant search for knowledge. She took technical courses in administration and training in management, understanding that being a leader was not only occupying positions, but leading others with preparation and sensitivity. "I like what I do," she repeats with pride. And her statement carries the serenity of one

who found in collective work not only livelihood, but also identity.

Mother of four and grandmother of seven, she feels proud to see that each one followed their own paths: one works in the humanization of a hospital, another is a hair braider, another works in commerce, and the youngest son, even after a difficult period, today is rebuilding his life with a new awareness. Her greatest victory, perhaps, is this: having shown, by example, that choices can be remade and that life always allows new beginnings.

Her eyes light up when speaking about the current cooperative in Maricá. There, she knows stories are taking shape. Every family that finds dignified work, every woman who achieves financial independence, every young person who discovers new perspectives is, for Ana, the proof that it was worth insisting. Today, there are dozens of workers who share tasks, dreams, and achievements.

Her leadership goes beyond the warehouse. Ana participates in the National Waste Pickers' Movement, serves on health, environment, and racial equality councils, and also composes the collective of female collectors of Rio de Janeiro. For her, being in these spaces means amplify voices and ensure that collectors are recognized as protagonists of a fairer and more sustainable society.

Poetic in her simplicity, Ana says she prefers to talk about the future instead of what was left behind. "I got this far with strength and independence," she states. For her, independence is rising every day with the certainty that she can provide for her own life. This choice made her a tireless worker and an inspiration for many women.

With each step of her trajectory, Ana reaffirms a conviction: recycling is much more than separating waste. Her life, between the landfill ground and the horizon of international exchanges, is proof that even in the most unlikely places, seeds of dignity, autonomy, and hope can be born.



Her eyes light up when speaking about the current cooperative in Maricá. There, she knows stories are taking shape. Every family that finds dignified work, every woman who achieves financial independence, every young person who discovers new perspectives is, for Ana, the proof that it was worth insisting.



Lena: da superação pessoal à **liderança** no mundo da **reciclagem**

Rosileide Manço do Nascimento Santos
Cocamar – Cooperativa de Materiais
Recicláveis e Desenvolvimento
Sustentável, Rio Grande do Norte

A **TRAJETÓRIA DE ROSILEIDE, OU LENA**, como é conhecida, é marcada pela coragem de recomeçar. Nascida no interior do Maranhão, ela cresceu em uma família humilde, acostumada ao trabalho duro e às responsabilidades. Ainda jovem, mudou-se para São Luís em busca de melhores condições de vida.

A vida na capital, no entanto, não foi fácil. Após se separar do marido, Lena se viu sozinha, responsável por sustentar a casa e criar os filhos. Foi nesse momento de vulnerabilidade que conheceu a reciclagem, apresentado a ela por vizinhos que já trabalhavam com coleta de materiais. No início, a ideia parecia estranha: “Eu não imaginava que poderia viver disso”, recorda. Mas a necessidade falou mais alto e Lena passou a catar latinhas e papelão pelas ruas de São Luís.

O que era um improviso logo se transformou em sustento e, mais tarde, em paixão. Ao perceber que a reciclagem não era apenas fonte de renda, mas também uma forma de contribuir para a preservação ambiental e para a limpeza da cidade, Lena mergulhou no ofício. Com o tempo, aproximou-se de outras mulheres na mesma situação e, juntas, decidiram se organizar em cooperativa, buscando reconhecimento, melhores condições de trabalho e remuneração mais justa.

A entrada na cooperativa foi um divisor de águas. Lena viu na união coletiva uma forma de transformar a sua vida e a de muitas outras mulheres. As dificuldades não foram poucas: falta de espaço físico, ausência de equipamentos, preconceito e indiferença. Mas, com persistência, foram conquistando parcerias, construindo galpões e garantindo contratos para a destinação correta dos resíduos.

O ambiente da cooperativa também revelou o talento de Lena para a liderança. Sempre acolhedora e firme, conquistou a confiança das colegas e passou a assu-



mir funções de coordenação. Sua voz tornou-se referência na organização, em encontros estaduais e nacionais de catadores. “Eu nunca pensei que teria coragem de falar em público, mas hoje falo com orgulho do nosso trabalho e da nossa luta”, diz.

Ser mulher em um espaço historicamente dominado por homens não foi tarefa fácil, mas a experiência de vida e a responsabilidade como mãe solo a ensinaram a não recuar. Para ela, a reciclagem tornou-se uma atividade econômica e um movimento de afirmação feminina. “Aqui, nós mostramos que mulher pode sim ser chefe de família, pode sim liderar e pode sim fazer diferença.”



“

A reciclagem me deu não só o pão de cada dia,

mas também autoestima, respeito e esperança.

”

Hoje, a cooperativa que Lena ajuda a coordenar é responsável por retirar toneladas de resíduos das ruas de São Luís todos os meses, gera renda, e oferece dignidade a dezenas de trabalhadores. Muitas das catadoras que chegam ao grupo vêm de situações de extrema vulnerabilidade: são mulheres que sofreram violência doméstica, mães que não tinham onde deixar os filhos, pessoas que nunca tiveram carteira assinada. Para todas elas, a cooperativa representa um recomeço.

O orgulho de Lena não está apenas nos resultados econômicos, mas no impacto humano. Ela se emociona ao contar histórias de colegas que conseguiram colocar os filhos na escola, comprar a primeira casa ou simplesmente colocar comida na mesa graças ao trabalho coletivo. “A reciclagem me deu não só o pão de cada dia, mas também autoestima, respeito e esperança”, afirma.

Seu sonho agora é ampliar o alcance da cooperativa, criar projetos sociais e fortalecer a rede de mulheres no movimento nacional. Ela acredita que a luta dos catadores precisa ser reconhecida como parte essencial da gestão ambiental das cidades e que políticas públicas mais efetivas devem garantir apoio a essas trabalhadoras.

Aos poucos, a vida de Lena deixou de ser marcada apenas por dificuldades e passou a ser símbolo de inspiração. De mãe solo em busca de sustento, tornou-se liderança respeitada, capaz de transformar lixo em dignidade, e dificuldades em caminhos de esperança.

Lena: From Personal Overcoming to Leadership in the World of Recycling

Rosileide Manço do Nascimento Santos
Cooamar - Rio Grande do Norte

The trajectory of Rosileide, or Lena, as she is known, is marked by the courage to start over. Born in the interior region of Maranhão, she grew up in a humble family, accustomed to hard work and responsibilities. Still young, she moved to São Luís in search of better living conditions.

Life in the capital, however, was not easy. After separating from her husband, Lena found herself alone, responsible for supporting the household and raising her children. It was at this moment of vulnerability that she was introduced to recycling by neighbors who already worked with material collection. At first, the idea seemed strange: "I never imagined I could live off this," she recalls. But necessity spoke louder and Lena began picking up cans and cardboard in the streets of São Luís.

What was an improvisation soon turned into livelihood and, later, into passion. Upon realizing that

recycling was not only a source of income, but also a way to contribute to environmental preservation and keep the city clean, Lena fully immersed herself in the work. Over time, she approached other women in the same situation and, together, they decided to organize into a cooperative, seeking recognition, better working conditions, and fairer remuneration.

Entering the cooperative was a turning point. Lena saw in collective organization a way to transform her life and that of many other women. The difficulties were many: lack of physical space, absence of equipment, prejudice, and indifference. But with persistence, they gained partnerships, built warehouses, and secured contracts for proper disposal of waste.

The cooperative environment also revealed Lena's talent for leadership. Always welcoming and firm, she won the trust of her colleagues and began to take

on coordination roles. Her voice became a reference in the organization, in state and national collector meetings. "I never thought I would have the courage to speak in public, but today I speak with pride about our work and our struggle," she says.

Being a woman in a space historically dominated by men was not an easy task, but the life experience and responsibility as a single mother taught her not to back down. For her, recycling became both an economic activity and a movement of female affirmation. "Here, we show that a woman can indeed be the head of a family, can indeed lead, and can indeed make a difference."

Today, the cooperative that Lena helps coordinate is responsible for removing tons of waste from the streets of São Luís every month, generates income, and offers dignity to dozens of workers. Many of the female collectors who join the group come from situations of extreme vulnerability: they are women who suffered domestic violence, mothers who had nowhere to leave their children, people who never had a formal employment contract. For all of them, the cooperative represents a new beginning.

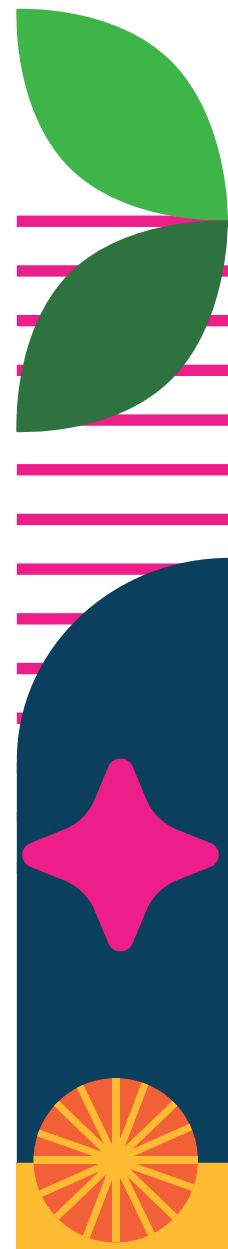
Lena's pride is not only in economic results, but in the human impact. She gets emotional when she tells stories of colleagues who managed to put their children in school, buy their first house, or simply put food on the table thanks to collective work. "Recycling gave me not only my daily bread, but also self-esteem, respect, and hope," she states.

Her dream now is to expand the reach of the cooperative, create social projects, and strengthen the network of women in the national movement. She believes that the collectors' struggle needs to be recognized as an essential part of the environmental management of cities and that more effective public policies must ensure support for these workers.

Gradually, Lena's life ceased to be marked only by difficulties and became a symbol of inspiration. From a solo mother in search of livelihood, she became a respected leader, capable of transforming trash into dignity and difficulties into paths of hope.



“
Recycling gave me not only my daily bread, but also self-esteem, respect, and hope.
”





Maria Tugira: raízes de luta, flores de esperança

Maria Tugira da Silva Cardoso
ACLAN – Associação de Catadores Amigos
da Natureza, Rio Grande do Sul

A VIDA DE MARIA TUGIRA, EM URUGUAIANA, no Rio Grande do Sul, começa no seio de uma família simples, em que desde cedo aprendeu que a vida exige coragem para se erguer e delicadeza para cuidar do que importa. Com passos firmes, Maria trilhou caminhos que pareciam ásperos, mas que, com sua dedicação, transformaram-se em estrada fértil de solidariedade e conquista.

Na juventude, a necessidade falou mais alto que os sonhos. Como tantas mulheres brasileiras, Maria encontrou no trabalho com a reciclagem uma forma de garantir o sustento da família. Em vez de enxergar apenas o peso da sobrevivência, ela logo percebeu que ali havia possibilidade de transformação — de materiais e de vidas. Garrafas, papéis, papelões, latas — ou, nos olhos de Maria Tugira, chance de ressignificar.

Seu cuidado fez da catação uma escola de humanidade. Junto com outras mulheres, enfrentou os preconceitos, a desconfiança e a invisibilidade que acompanham aqueles que trabalham nas margens. Porém, no dia a dia descobriu que a união tem força de rio caudaloso: move, contorna pedras e segue adiante. Assim nasceu sua caminhada dentro da associação de catadores, espaço que se tornou não apenas fonte de renda, mas também refúgio e território de dignidade.

Maria Tugira sempre acreditou que ao reciclar resíduos, a gente também pode reciclar destinos. A cada companheira acolhida, a cada colega que reencontrava sentido no trabalho coletivo, ela via nascer uma nova esperança. Sua liderança foi crescendo de forma natural, não por ambição, mas porque sua postura de cuidado, firmeza e escuta conquistou o respeito dos demais. Em pouco tempo, tornou-se referência, ajudando a consolidar uma associação que hoje sustenta dezenas de famílias.



O trabalho nunca foi fácil. Faltaram recursos, apoio do poder público e reconhecimento. Estes espaços vazios foram preenchidos por galpões; diálogos; vozes coletivas. Sua luta sempre teve uma marca especial: a resistência feminina.

Mãe dedicada, transmitiu aos filhos o valor do trabalho e da honestidade. Com orgulho, fala de como eles cresceram vendo a força da mãe, e de como aprenderam, pelo exemplo, que dignidade é o maior patrimônio que se pode herdar. Hoje, ela se alegra ao perceber que sua trajetória inspira não só sua família, mas também outras



Maria Tugira sempre acreditou que ao reciclar resíduos, a gente também pode reciclar destinos. A cada companheira acolhida, a cada colega que reencontrava sentido no trabalho coletivo, ela via nascer uma nova esperança.

mulheres, que encontram na reciclagem um caminho de autonomia e de libertação.

No seu cotidiano, Maria Tugira vê um universo de possibilidades. Cada lata que volta ao ciclo produtivo é, para ela, um gesto de cuidado com o planeta; cada família que garante o pão de cada dia com esse trabalho é um lembrete de que a solidariedade se multiplica. Sua visão poética sobre a vida dá leveza ao que poderia ser apenas fardo: “O que muitos chamam de lixo, eu chamo de vida que se transforma”, costuma dizer.

Ao longo da caminhada, também descobriu a importância das redes de apoio. Participar de encontros nacionais e dialogar com movimentos de catadores ampliou seus horizontes e a fez perceber que sua luta local faz parte de uma corrente maior, que atravessa fronteiras. Essa consciência a fortalece: saber que não está só, que sua voz ecoa junto a tantas outras, é combustível para continuar.

Hoje, Maria Tugira se reconhece como uma mulher realizada. Sua vida é prova de que a reciclagem é um ato de amor: com a natureza, com a comunidade e consigo mesma. Exerce liderança sem abandonar a ternura; aprendeu a colher flores no terreno duro da exclusão; e mostra, na sua caminhada, que a esperança pode ser reciclada infinitamente.

Maria Tugira: Roots of Struggle, Flowers of Hope

Maria Tugira da Silva Cardoso
ACLAN – Associação de Catadores Amigos
da Natureza, Rio Grande do Sul

Maria Tugira's life, in Uruguaiana, in Rio Grande do Sul, begins in the heart of a simple family, in which early on she learned that life requires courage to move forward and delicacy to take care of what matters. With firm steps, Maria walked paths that seemed harsh, but which, with her dedication, turned into a fertile ground of solidarity and achievement.

In her youth, necessity spoke louder than dreams. Like so many Brazilian women, Maria found in recycling a way to secure her family's livelihood. Instead of seeing only the weight of survival, she soon realized that there was a possibility for transformation — of materials and of lives. Bottles, papers, cardboard, cans — or, in the eyes of Maria Tugira, a chance to give new meaning.

Her care turned waste picking into a school of humanity. Together with other women, she faced

the prejudices, distrust, and invisibility that accompany those who work on the margins. However, in daily life she discovered that union has the strength of a mighty river: it moves, goes around rocks, and moves forward. This is how her journey within the waste pickers' association began, a space that became not only a source of income, but also a refuge and territory of dignity.

Maria Tugira always believed that by recycling waste, one can also recycle destinies. With each companion welcomed, with each colleague who rediscovered meaning in collective work, she saw a new hope being born. Her leadership grew naturally, not out of ambition, but because her posture of care, firmness, and listening won the respect of others. In a short time, she became a reference, helping to consolidate an association that today sustains dozens of families.

The work was never easy. Resources, support from the public authorities, and recognition were lacking. These gaps were filled by warehouses, dialogues, and collective voices. Her struggle always had a special mark: female resistance. A dedicated mother, she transmitted to her children the value of work and honesty. With pride, she speaks of how they grew up seeing their mother's strength, and how they learned, by example, that dignity is the greatest heritage one can inherit. Today, she rejoices upon realizing that her trajectory inspires not only her family, but also other women, who rediscover in recycling a path of autonomy and liberation.

In her daily life, Maria Tugira sees a universe of possibilities. Every can that returns to the productive cycle is, for her, a gesture of care for the planet; every family that can put food on the table with this work is a reminder that solidarity multiplies. Her poetic vision of life brings lightness to what could be just a burden: "What many call trash, I call life that transforms," she usually says.

Along the way, she also discovered the importance of support networks. Participating in national meetings and engaging in dialogue with waste picker movements expanded her horizons and made her realize that her local struggle is part of a larger current, which crosses borders. This awareness strengthens her: knowing she is not alone, that her voice echoes along with so many others, is fuel to continue.

Today, Maria Tugira recognizes herself as a fulfilled woman. Her life is proof that recycling is an act of love: with nature, with the community, and with herself. She exercises leadership without abandoning tenderness; she learned to pick flowers on the hard ground of exclusion; and she shows, in her journey, that hope can be recycled infinitely.



Maria Tugira always believed that by recycling waste, one can also recycle destinies.

With each companion welcomed, with each colleague who rediscovered meaning in collective work, she saw a new hope being born.





Charana: a borboleta que **nasceu da reciclagem**

Charana Mery Souza Kams
Associação dos Catadores de Materiais
Recicláveis Terra Viva – Roraima

O NOME CHARANA SIGNIFICA “a mais bela das borboletas”. E sua vida carrega exatamente esse sentido: alguém que, mesmo em meio ao ambiente hostil, encontrou forças para se transformar e se reinventar. Nascida no interior de Roraima, a mais velha de dez irmãos, aprendeu cedo que precisaria lutar. A mudança para Boa Vista, quando ainda era criança, trouxe novos desafios. O pai, vendedor de picolé e pedreiro eventual, e a mãe, dona de casa, mal conseguiam sustentar a família.

Porém, a chegada da família a Boa Vista marcou um ponto de virada. Vinda do interior, após o avô vender o sítio para pagar dívidas, Charana passou a viver em uma ocupação improvisada, num terreno com apenas três telhas, comprado com os poucos recursos que a mãe tinha guardado. O pai tentava sustentar os nove filhos vendendo picolé e fazendo serviços de pedreiro, enquanto a mãe cuidava da casa. A vida era regida por contas atrasadas, aluguel, material escolar e a incerteza diária de como garantir comida na mesa. Foi nesse cenário que a reciclagem surgiu não como escolha, mas como estratégia de sobrevivência familiar.

A família passou então a observar como os materiais descartados circulavam na cidade. O pai percebeu que recolher latas rendia mais do que percorrer quilômetros tentando vender picolés sob o sol. A catação entrou na rotina como complemento de renda, como uma maneira de manter as contas em dia e permitir que as crianças continuassem na escola.

A descoberta do antigo lixão veio a partir da própria vizinhança. Uma moradora contou à família que caminhões descarregavam ali alimentos, bebidas e materiais que ainda tinham valor. Quando Charana chegou pela primeira vez, encontrou um cenário caótico: pessoas de todas as idades, animais, caminhões, barulho e disputa por espaço. Mesmo assim, ali também existia uma organização



invisível, feita de quem sabia reconhecer cobre, garrafa PET, alumínio, ferro e papel. Foi nesse ambiente que ela aprendeu a diferenciar materiais, a usar o gancho, a negociar preços e a transformar rejeito em recurso.

Com o tempo, o pai conseguiu um trabalho um pouco mais estável e tentou afastar a família daquele espaço. Os estudos se tornaram prioridade. A mãe estabeleceu metas rígidas de desempenho escolar, exigindo notas altas como condição para qualquer atividade fora de casa. A educação se tornou a promessa de uma vida diferente. Mesmo quando a renda da catação ainda era necessária, ela passou a coexistir com a disciplina escolar, como parte de uma estratégia maior de proteção da família e de construção de futuro.



A vida de Charana é feita de escolhas corajosas: não se deixar vencer pela fome, não se calar diante do preconceito, não se prender a relacionamentos que a diminuam.

Transformou dor em aprendizado, dificuldade em oportunidade, invisibilidade em liderança.

Casou-se jovem e teve uma filha, mas a relação foi marcada por ciúmes e desrespeito. Até que tomou a decisão de romper. “Acordei um dia e disse: a partir de hoje eu sou uma nova mulher.” Refez a vida com coragem, recuperou a filha e seguiu em frente.

Em 2013, com o fechamento do antigo lixão de Boa Vista, Charana ingressou na associação de catadores. Começou como secretária e, com o tempo, assumiu a presidência. Hoje lidera 18 pessoas, muitas delas vindas da catação informal. Luta por melhores condições de trabalho, equipamentos de proteção e reconhecimento. “Nosso maior sonho é ter um galpão digno, porque ainda trabalhamos em meio a vidros e agulhas sem proteção adequada.”

A superação de Charana também se expressa em sua busca por aprendizado. Concluiu cursos de secretariado, contabilidade, informática e até farmácia, sempre ampliando horizontes. Em cada capacitação, via a oportunidade de provar a si mesma que podia mais. Também participou de encontros do Movimento Nacional dos Catadores, em Brasília e outras cidades, onde descobriu que sua voz tinha peso. “Já chorei por sofrer preconceito, mas hoje digo com orgulho: sou catadora, sou liderança e tenho a mesma capacidade que qualquer pessoa.”

Aos 34 anos, mãe de três filhos, continua projetando novos sonhos: cursar gestão ambiental ou contabilidade, ampliar a associação, conquistar contratos que garantam renda estável e criar condições de trabalho mais seguras para catadores mais velhos. A cada conquista, lembra da menina que viu urubus disputando espaço com pessoas no lixão. Aquela cena, que poderia ter sido o fim, foi, na verdade, o começo da borboleta que aprendeu a voar.

A vida de Charana é feita de escolhas corajosas: não se deixar vencer pela fome, não se calar diante do preconceito, não se prender a relacionamentos que a diminuam. Transformou dor em aprendizado, dificuldade em oportunidade, invisibilidade em liderança. Assim como o significado de seu nome, prova que até nas condições mais adversas é possível abrir asas e voar.





Charana: The Butterfly Born from Recycling

Charana Mery Souza Kams
Associação dos Catadores de Materiais
Recicláveis Terra Viva, Roraima

The name Charana means “the most beautiful of butterflies.” Her life carries exactly that sense: someone who, even in the middle of a hostile environment, found strength to transform and reinvent herself. Born in rural Roraima, the eldest of ten siblings, she learned early on that she would need to fight. The move to Boa Vista, when she was still a child, brought new challenges. Her father, a popsicle vendor and occasional construction worker, and her mother, a housewife, could barely support the family.

However, the arrival of the family in Boa Vista marked a turning point. Coming from the interior, after her grandfather sold the farm to pay debts, Charana began living in an improvised settlement, on a plot with only a few roof tiles, bought with the few resources her mother had saved. Her father tried to support the nine children selling popsicles and doing construction work, while her mother took care of the house. Life was governed by overdue bills, rent, school supplies, and the daily uncertainty of how to guarantee food on the table. It was in this scenario that recycling emerged not as a choice, but as a family survival strategy.

The family then began to observe how discarded materials circulated in the city. Her father real-

ized that collecting cans paid more than walking miles trying to sell popsicles under the sun. Waste picking entered the routine as a supplement to the family income, as a way to keep the bills paid and allow the children to stay in school.

The discovery of the landfill came from the neighborhood itself. A resident told the family that trucks unloaded food, drinks, and materials there that still had value. When Charana arrived for the first time, she found a chaotic scenario: people of all ages, animals, trucks, noise, and competition for space. Even so, there was an invisible order to it, made of those who knew how to recognize copper, soda bottles, aluminum, iron, and paper. It was in this environment that she learned to differentiate materials, to use the hook, to negotiate prices, and to turn waste into resources.

With time, her father found a slightly more stable job and tried to pull the family away from that world. The priority became studies. Her mother established rigid school performance goals, demanding high grades as a condition for any activity outside of house. Education became the promise of a different life. Even when picking income was still necessary, it began to coexist with school discipline, as part of a larger strategy

of family protection and building a future.

She married young and had a daughter, but the relationship was marked by jealousy and disrespect. Until she decided to end it. “I woke up one day and said: from now on I am a new woman.” She remade her life with courage, got her daughter back, and moved forward.

In 2013, with the closing of the Boa Vista landfill, Charana joined the waste pickers’ association. She started as a secretary and, overtime, took over the presidency. Today she leads 18 people, many of them coming from informal picking. She fights for better working conditions, protective equipment, and recognition. “Our greatest dream is to have a dignified warehouse, because we still work amid shards of glass and needles without proper protection.”

Charana’s resilience is also expressed in her commitment to learning. She completed courses in secretarial work, accounting, computers skills, and even pharmacy, always expanding horizons. With each training experience, she saw the opportunity to prove to herself she could do more. She also participated in meetings of the National Collector Movement, in Brasília and other cities, where she realized her voice mattered. “I have cried of prejudice, but today I say with pride: I am a waste picker, I am a leader, and I have the same capacity as any person.”

At 34, mother of three children, she continues to envision new goals: to study environmental management or accounting, expand the association, secure contracts that guarantee stable income, and create safer working conditions for older collectors. With each achievement, she remembers the girl who saw vultures competing for space with people in the landfill. That scene, which could have been the end, was in fact the beginning of the butterfly that learned to fly. Charana’s life is made of courageous choices: not letting herself be defeated by hunger, not being silent before prejudice, not holding on to relationships that diminished her. She transformed pain into learning, difficulty into opportunity, invisibility into leadership. Just like the meaning of her name, she proves that even in the most adverse conditions it is possible to spread one’s wings and fly.



*Charana's life is made of courageous choices: not letting herself be defeated by hunger, not being silent before prejudice, not holding on to relationships that diminished her. **She transformed pain into learning, difficulty into opportunity, invisibility into leadership.***



Gê: da dor à liderança na reciclagem

Genilda Bete de Lima
COOPERITAPEMA – Cooperativa de Trabalho dos Catadores de Materiais Recicláveis de Itapema, Santa Catarina

A **TRAJETÓRIA DE GENILDA**, conhecida como Gê, é marcada por coragem e reinvenção. Natural de Santa Catarina, cresceu em uma família numerosa. Muito jovem, acreditou ter encontrado um futuro promissor ao casar-se com o filho de um fazendeiro, num “sonho de princesa” que rapidamente se transformou em pesadelo. Longe do casamento que esperava, com um marido infiel, Gê tomou uma decisão definitiva: abandonar aquela vida e buscar um recomeço.

Colocou suas duas filhas ainda adolescentes numa caminhonete e partiu de Papanduva para Itapema. Vendeu alguns bens que pôde carregar e dirigiu rumo à liberdade. Foi na nova cidade que encontrou um novo caminho: a reciclagem. Ao perceber que poderia sustentar sua família com a catação de materiais, começou recolhendo materiais nas ruas e, pouco a pouco, organizou o novo trabalho. Sua determinação a levou a adquirir terrenos e a reunir outros catadores, consolidando uma rede que se fortaleceria com o tempo.

O primeiro grande marco foi a criação da Cooperativa de Catadores de Itapema, fundada em 2007. Embora a prefeitura da época tenha prometido apoio que nunca veio, Gê e um grupo de mulheres persistiram. Muitas delas, assim como ela, carregavam histórias de dor, violência doméstica e exclusão. O cooperativismo tornou-se um espaço de acolhimento, onde ninguém era deixado para trás. Ex-presidiárias, mulheres analfabetas, vítimas de agressões: todas encontraram na cooperativa um lugar de reconstrução.

Mais do que reciclar materiais, Gê ajudou a reciclar vidas. Identificou, por exemplo, que muitos itens descartados em Itapema, cidade de veraneio e imóveis luxuosos, podiam ser transformados em peças de valor. Um vidro que-



brado poderia virar um vaso decorativo; tecidos de guarda-chuva se transformavam em bolsas; pratos lascados eram reinventados como arte de parede. Dessa visão nasceu também um bazar, fonte de renda adicional para a cooperativa e de oportunidades criativas para suas integrantes.

A força de Gê não se limitou à gestão da cooperativa. Ela se tornou liderança reconhecida entre os catadores, eleita representante nacional das mulheres catadoras de Santa Catarina. Nesse papel, passou a lutar pela dignidade de trabalhadoras frequentemente invisíveis, defendendo sua inclusão no mercado de trabalho e o acesso a direitos básicos.



A história de Genilda é mais que uma narrativa individual: é um retrato da força feminina diante das adversidades.

Ela transformou a dor em liderança, o lixo em arte, a exclusão em oportunidade. Em sua voz firme, ecoa a convicção de que dignidade não é favor, mas direito.

Seu engajamento se sustenta em um princípio claro: a independência financeira é chave para quebrar o ciclo da violência.

Apesar da dureza das histórias que acompanhou, Gê sempre acreditou na potência do cuidado coletivo. Sabia também reconhecer seus limites: diante de situações mais graves, recorria ao CRAS, a assistentes sociais ou à prefeitura. Com o tempo, passou a dedicar-se menos ao trabalho físico e mais à articulação de projetos, ao diálogo com autoridades e à busca de recursos, preparando outras lideranças para assumirem o dia a dia da cooperativa.

Hoje, aos 57 anos, Gê olha para trás com a sensação de missão cumprida. Suas filhas trilharam caminhos diferentes do seu: uma é professora, outra se tornou designer de interiores. Ela se orgulha de ter lhes ensinado desde cedo o valor da reciclagem e da resiliência. Também se alegra com os sete netos, frutos dessa nova geração que cresce cercada de exemplos de luta e reinvenção.

Em sua vida pessoal, encontrou em Ricardo um porto seguro. Aposentado e apaixonado pela pesca, ele compreende e apoia sua dedicação ao trabalho comunitário. Para Gê, essa parceria tranquila é o contraponto perfeito à intensidade de sua jornada.

A história de Genilda é mais que uma narrativa individual: é um retrato da força feminina diante das adversidades. Ela transformou a dor em liderança, o lixo em arte, a exclusão em oportunidade. Em sua voz firme, ecoa a convicção de que dignidade não é favor, mas direito. E, enquanto houver mulheres buscando se reerguer, Gê continuará sendo inspiração e guia.





Gê: From Pain to **Leadership** in **Recycling**

Genilda Bete de Lima
COOPERITAPEMA – Cooperativa de Trabalho dos Catadores de Materiais Recicláveis de Itapema, Santa Catarina

The trajectory of Genilda, known as Gê, is marked by courage and reinvention. Born in Santa Catarina, she grew up in a large family. Very young, she believed she had found a promising future by marrying the son of a rancher, in a “princess” dream of marriage that quickly turned into a nightmare. Far from the marriage she expected, with an unfaithful husband, Gê made a decisive decision: to abandon that life and seek a new beginning. She put her two teenage daughters in a truck and left Papanduva for Itapema. She sold the few assets she could take with her and drove toward freedom.

In the new city, she found a new path: recycling. Upon realizing she could support her family by picking up materials, she began collecting materials in the streets and, little by little, structured the activity. Her determination led her to acquire land and gather other collectors, consolidating a network which would grow over time.

The first major milestone was the creation of the Itapema Waste Pickers’ Cooperative, found-

ed in 2007. Although the city hall at the time promised support that never came, Gê and a group of women persisted. Many of them, like her, carried stories of pain, domestic violence, and exclusion. Cooperativism became a welcoming space, where no one was left behind. Formerly incarcerated people, illiterate women, victims of aggression: all found a place of reconstruction in the cooperative.

More than recycling materials, Gê helped recycle lives. She identified, for example, that many items discarded in Itapema, a summer city with luxurious real estate, could be transformed into valuable items. A broken glass could become a decorative vase; umbrella fabrics were transformed into bags; chipped plates were reinvented as wall art. From this vision a bazaar was also created, an additional source of income for the cooperative and of creative opportunities for its members.

Gê’s strength was not limited to the management of the cooperative. She became a recog-

nized leader among collectors, elected national representative of the female collectors of Santa Catarina. In this role, she began fighting for the dignity of often invisible female workers, defending their inclusion in the labor market and access to basic rights. Her commitment is sustained by a clear principle: financial independence is the key to breaking the cycle of violence.

Despite the harshness of the stories she followed, Gê always believed in the power of collective care. She also knew how to recognize her limits: in the face of more serious situations, she resorted to the CRAS, to social workers, or to the city hall. Over time, she began dedicating herself less to physical work and more to the articulation of projects, to dialogue with authorities, and to the search for resources, preparing other leaders to take over the day-to-day operations of the cooperative.

Today, at 57, Gê looks back with the feeling of a mission accomplished. Her daughters followed different paths than hers: one is a teacher, the other became an interior designer. She is proud to have taught them from an early age the value of recycling and resilience. She also rejoices in her seven grandchildren, part of a new generation that grows up surrounded by examples of struggle and reinvention.

In her personal life, she found in Ricardo a safe haven. Retired and passionate about fishing, he understands and supports her dedication to community work. For Gê, this peaceful partnership is the perfect counterpoint to the intensity of her journey.

Genilda’s story is more than an individual narrative: it is a portrait of female strength in the face of adversity. She transformed pain into leadership, trash into art, exclusion into opportunity. In her firm voice, echoes the conviction that dignity is not a favor, but a right. And as long as there are women seeking to rise again, Gê will continue to be an inspiration and a guide.



Genilda’s story is more than an individual narrative: it is a portrait of female strength in the face of adversity. *She transformed pain into leadership, trash into art, exclusion into opportunity. In her firm voice, echoes the conviction that dignity is not a favor, but a right.*



Margarida: a vida que **floresceu da reciclagem**

Margarida Maria Nascimento
COOPERCAPS – São Paulo

MARGARIDA NASCEU EM PANELAS, uma pequena cidade de Pernambuco. Casou-se jovem e mudou-se para São Paulo em busca de novas oportunidades. Os anos seguintes foram de batalhas silenciosas: trabalhou como empregada doméstica, balconista, lavadeira, o que fosse necessário para sustentar os filhos.

A vida mudaria de rumo em 2006, quando foi convidada a integrar a Coopercaps, cooperativa de catadores que já funcionava desde 2003.

Ali, começou como separadora de materiais e, pouco a pouco, assumiu funções de liderança, passou a treinar novos catadores e a apoiar cooperativas em diferentes pontos da cidade. Tudo a partir de uma formação que, confessa, nem estava prestando muita atenção. Queria mesmo era chamar a atenção para o que acontecia na sua comunidade. E assim foi como foi pouco a pouco se envolvendo com a catação.

O marido, conhecido como Carioca, também liderança entre catadores, dividiu com ela essa caminhada. Aliás, foi na própria reciclagem que Margarida o conheceu. O filho, Marcos Paulo, formado em jornalismo, criou em 2020 a RedeTransforma, projeto que nasceu dentro da cooperativa e que hoje articula quase 200 carroceiros em São Paulo. A filha, formada em administração, também atua no setor. Ao falar dos filhos, Margarida abre um sorriso de orgulho, que perdura durante toda a entrevista.

A RedeTransforma nasceu do desejo de ampliar horizontes. Começou pequena, recebendo alguns carroceiros, e hoje, muito maior, ajuda a negociar preços justos e a vender em escala, sem depender de atravessadores. O trabalho se fortaleceu com a Rede Sul, que reúne pequenos lotes de várias cooperativas e consegue negociar diretamente com grandes indústrias recicladoras. Margarida se orgulha de ver um sistema organizado onde antes havia só precariedade.



Com quase vinte anos de experiência no setor, Margarida hoje participa de reuniões, viaja a outras cidades para apoiar grupos e acompanha de perto os desafios de mulheres catadoras. “Aqui não tem diferença. Somos cooperados. Homens, mulheres, gays, lésbicas, todos têm o mesmo valor. A única coisa que importa é a vontade de trabalhar.”

Conhecida pelo sorriso e pela energia incansável, Margarida costuma brincar que trabalha 24 horas por dia. De fato, não se limita ao galpão: leva demandas para casa, pensa em soluções, articula parcerias. “A dor na perna eu deixo para sentir de noite, quando eu me deito. Durante o



“

Sou muito feliz fazendo o que eu faço. **A reciclagem me deu tudo: dignidade, família unida, amigos e esperança.**

”

dia, não tenho tempo para isso.” Essa força, que parece inesgotável, é movida pelo desejo de ver mais pessoas conquistando dignidade por meio da reciclagem.

Hoje, aos 65 anos, reflete sobre o futuro. Sabe que não terá mais vinte anos de saúde plena para seguir no mesmo ritmo, e por isso pensa em quem vem depois. Orienta jovens mulheres nas bases das cooperativas, ensina a liderar.

Também sonha em expandir a Rede Transforma para outras cidades, como Santos, onde já participou de ações que uniram reciclagem, solidariedade e cidadania. “Meu sonho é não ver ninguém desempregado na rua. Quero todo mundo trabalhando, todo mundo se valorizando.”

Margarida é lembrada em encontros, abraçada por desconhecidos que já ouviram falar de sua história. Tornou-se símbolo de uma luta que é coletiva, mas que nela ganha rosto e sorriso. Mesmo enfrentando problemas de saúde como diabetes e pressão alta, não se deixa abater.

Se perguntada se é feliz, não hesita: “Sou muito feliz fazendo o que eu faço. A reciclagem me deu tudo: dignidade, família unida, amigos e esperança.” É por eles que eu sigo em frente.



Margarida: The Life that **Flourished from Recycling**

Margarida Maria Nascimento
COOPERCAPS, São Paulo

Margarida was born in Panelas, a small town in Pernambuco. She married young and moved to São Paulo in search of new opportunities. The following years were marked of silent battles: she worked as a housemaid, sales clerk, washerwoman, whatever was necessary to support her children. Her life changed course in 2006, when she was invited to join Coopercaps, a waste pickers' cooperative that had been operating since 2003. There, she started as a material sorter and, little by little, took on leadership roles, began training new collectors, and supporting cooperatives in different parts of the town. All of this started with a training course that, she confesses, she wasn't even paying much attention to. She really wanted to call attention to what was happening in her community. That is how she gradually became involved in waste picking.

Her husband, known as Carioca, also a leader among collectors, shared this journey with her. In

fact, it was through recycling that Margarida met him. Her son, Marcos Paulo, graduated in journalism, created RedeTransforma in 2020, a project that was born within the cooperative and today articulates almost 200 cart drivers in São Paulo. Her daughter, who graduated in administration, also works in the sector. Upon talking about her children, Margarida opens a smile of pride, which lasts throughout the interview.

The RedeTransforma was born from the desire to expand horizons. It started small, receiving some waste cart drivers, and today, much larger, helps negotiate fair prices and sell at scale, without depending on the middlemen. The work strengthened with the Rede Sul, which gathers small lots from various cooperatives and manages to negotiate directly with large recycling industries. Margarida is proud to see an organized system where before there was only precariousness.

With almost twenty years of experience in the sector, Margarida today participates in meetings, travels to other cities to support groups, and closely follows the challenges of female collectors. "Here there is no difference. We are members. Men, women, gays, lesbians, all have the same value. The only thing that matters is the will to work."

Known for her smile and tireless energy, Margarida usually jokes that she works 24 hours a day. In fact, she does not limit herself to the warehouse: she takes demands home, thinks of solutions, articulates partnerships. "The pain in the leg I leave to feel at night, when I lie down. During the day, I don't have time for that." This strength, which seems inexhaustible, is driven by the desire to see more people achieving dignity through recycling.

Today, at 65, she reflects on the future. She knows she will not have another twenty years of full health to continue at the same pace, and therefore thinks of those who come after. She guides young women at the cooperative units, and teaches leadership skills. She also dreams of expanding the RedeTransforma to other cities, such as Santos, where she already participated in actions that united recycling, solidarity, and citizenship. "My dream is not to see anyone unemployed on the streets. I want everyone working, everyone valuing themselves."

Margarida is remembered in meetings, embraced by strangers who have already heard of her story. She became a symbol of a struggle that is collective, but which in her gains a face and a smile. Even facing health problems like diabetes and high blood pressure, she refuses to give up. If asked if she is happy, she does not hesitate: "I am very happy doing what I do. Recycling gave me everything: dignity, united family, friends, and hope." It is for them that she continues moving forward.



“

I am very happy doing what I do.

Recycling gave me everything: dignity, united family, friends, and hope.

”





Do resíduo ao luxo: a trajetória de Socorro

Socorro Soares dos Santos Alves

Cooperativa dos Agentes autônomos de reciclagem de Aracaju – Sergipe

SOCORRO CARREGA NO NOME a promessa de resistência. Nascida na Bahia, filha de uma família humilde, cresceu entre ausências e responsabilidades precoces. Ainda jovem, atravessou fronteiras internas com um filho pequeno nos braços e outro deixado sob os cuidados da avó. Desse modo, com a coragem de quem não podia parar, se lançou em busca de sobrevivência.

O destino a levou até Aracaju, para o antigo lixão da Terra Dura. Ali, junto de tantas outras mãos calejadas, encontrou uma forma de garantir comida na mesa. O trabalho era duro, insalubre, desumano – mas também foi nesse espaço que Socorro começou a erguer a sua própria história de superação. “Do lixo fui para o luxo”, ela costuma dizer, não como quem fala de riqueza material, mas como quem aprendeu a transformar dor em dignidade.

Casada há mais de três décadas, enfrentou também desafios no lar. O companheiro, trabalhador multifacetado — pedreiro, jardineiro, catador — foi aos poucos vencido pelo alcoolismo e pela doença. A vida lhe impôs, então, a tarefa de seguir adiante com ainda mais força, cuidando da família e dos filhos, sustentada pela fé que carrega no peito.

Foi na cooperativa dos agentes autônomos de reciclagem de Aracaju que Socorro encontrou outro rumo. Ali não apenas trabalhou, mas se tornou mobilizadora, liderança respeitada entre catadores de diferentes estados do Brasil. Por meio do projeto Conexão Cidadã, passou a cadastrar trabalhadores autônomos, encaminhá-los para benefícios sociais, consultas médicas, e até mesmo fornecer equipamentos de proteção. Mais do que orientar sobre reciclagem, Socorro leva esperança – cria laços, fortalece comunidades e mostra a cada um deles que não estão sozinhos.

A sua atuação não ficou restrita às ruas de Sergipe. A vida, que antes parecia limitada, a levou a voar de avião, a dormir em hotéis, a falar em universidades e a representar colegas em encontros nacionais. Em suas viagens, descobriu não apenas o Brasil, mas também reencontrou parte de si mesma:



em 2012, no movimento de catadores, reviu o filho mais velho que de quem se separou na infância. O reencontro, entre lágrimas e pedidos de perdão, simbolizou o fio de vida que nunca se rompeu.

Hoje, aos 57 anos, Socorro se orgulha de ter sido presidente da cooperativa por cinco anos e, atualmente, diretora financeira, e não esconde a dimensão de sua fé, que se traduz tanto no canto e na coreografia de sua igreja Batista, quanto na certeza de que sua missão vai além da reciclagem de materiais – é reciclagem de vidas.

Aos poucos, Socorro também descobriu o poder da palavra. Antes tímida, tornou-se porta-voz de sua categoria.



Socorro sonha em continuar exatamente onde está: mobilizando, cuidando, inspirando.

Para ela, religião é cuidar dos necessitados, missão é não desistir, e futuro é cada encontro que ela ainda terá forças para promover.

Fala com firmeza em encontros e seminários, carregando não apenas sua história, mas a de milhares de catadores invisíveis que ainda aguardam reconhecimento.

Nos momentos de maior dificuldade, encontra forças na espiritualidade. Para ela, Deus sempre esteve presente: no alimento inesperado que chegava em casa, na mão estendida de uma companheira de luta, no olhar de um filho que a motivava a seguir em frente. Essa fé traduzida em gestos concretos a tornou referência não apenas como catadora, mas como mulher de coragem e ternura.

Seus sonhos continuam vivos: deseja ver cooperativas fortalecidas em todo o país, com infraestrutura, reconhecimento e condições de trabalho justas. Quer que os filhos de catadores tenham acesso à educação e não precisem mais repetir os ciclos de invisibilidade que marcaram sua geração.

Socorro sonha em continuar exatamente onde está: mobilizando, cuidando, inspirando. Para ela, religião é cuidar dos necessitados, missão é não desistir, e futuro é cada encontro que ela ainda terá forças para promover. Sua vida prova que esperança também se recicla — e que, das montanhas de resíduos, pode nascer uma história de orgulho, fé e vitória.





From waste to Luxury: Socorro's Journey

Socorro Soares dos Santos Alves
Cooperativa dos Agentes autônomos
de reciclagem de Aracaju, Sergipe

Socorro's name carries the promise of resistance. Born in Bahia, daughter of a humble family, she grew up amid loss and early responsibilities. Still young, she crossed state lines with a small child in her arms and another left under the care of his grandmother. Thus, with the courage of someone who could not stop, she set out to survive.

Fate took her to Aracaju, to the old Terra Dura landfill. There, along with so many other calloused hands, she found a way to put food on the table. The work was hard, unhealthy, inhumane – but it was also in this space that Socorro began to build her own story of perseverance. “From trash I went to luxury,” she usually says, not as someone who speaks of material wealth, but as someone who learned to transform pain into dignity.

Married for over three decades, she also faced challenges at home. Her partner, a multiple worker – construction worker, gardener, collector – was gradually overcome by alcoholism and disease. Life then imposed on her the task of moving forward with even more strength, taking care of

the family and children, sustained by the faith she carries in her heart.

It was in the cooperative of autonomous recycling agents of Aracaju that Socorro found another direction. There she not only worked, but became a mobilizer, a respected leader among collectors from different states of Brazil. Through the Conexão Cidadã project, she began registering autonomous workers, helping access social benefits, medical consultations, and even providing protective equipment. More than providing guidance on recycling, Socorro brings hope – she creates bonds, strengthens communities, and shows each one of them that they are not alone.

Her work was not restricted to the streets of Sergipe. Life, which previously seemed limited, allowed her to fly for the first time, to sleep in hotels, to speak at universities, and to represent colleagues in national meetings. In her travels, she discovered not only Brazil, but also rediscovered part of herself: in 2012, within the waste pickers' movement, she saw again her eldest son

whom she had left in childhood. The reunion, between tears and requests for forgiveness, symbolized the thread of life that never broke.

Today, at 57, Socorro is proud to have been president of the cooperative for five years and, currently, the financial director, and she does not hide the dimension of her faith, which is expressed through song and choreography of her Batista church, as well as in the certainty that her mission goes beyond recycling materials – it is recycling lives.

Gradually, Socorro also discovered the power of the word. Once shy, she became a spokesperson for her profession. She speaks firmly in meetings and seminars, carrying not only her story, but that of thousands of invisible collectors who still await recognition.

In moments of greatest difficulty, she finds strength in spirituality. For her, God has always been present: in the unexpected food that arrived at home, in the outstretched hand of a companion in struggle, in the look of a child that motivated her to keep going. This faith translated into concrete actions made her a reference not only as a collector, but as a woman of courage and tenderness.

Her dreams remain alive: she wishes to see cooperatives strengthened throughout the country, with infrastructure, recognition, and fair working conditions. She wants the children of collectors to have access to education and no longer have to repeat the cycles of invisibility that marked her generation.

Socorro dreams of continuing exactly where she is: mobilizing, taking care, inspiring. For her, religion is caring for those in need, mission is not giving up, and the future lies in every encounter she still has the strength to create. Her life proves that hope also recycles – and that, from the mountains of waste, a story of pride, faith, and victory can be born.



Socorro dreams of continuing exactly where she is: mobilizing, taking care, inspiring. For her, religion is caring for those in need, mission is not giving up, and the future lies in every encounter she still has the strength to create.



Edileuza: entre raízes e horizontes

Maria Edileuza Soares Mendes
Ascampa – Associação de Catadores e
Catadoras de Materiais Recicláveis da Região
CentroNorte de Palmas, Tocantins

A **HISTÓRIA DE EDILEUZA** se desenha como um fio delicado, entrelaçado pela força da sobrevivência e pelo desejo de transformar o mundo ao seu redor. Nascida em Tocantins, filha de agricultores, cresceu em meio à terra, aprendendo desde cedo que a vida se sustenta no trabalho das mãos e na esperança que resiste mesmo nas colheitas mais difíceis.

Ainda menina, deixou o campo em busca de novos caminhos. Migrou para a cidade, acreditando que encontraria melhores oportunidades, mas a vida urbana não lhe ofereceu facilidades. Entre empregos temporários e a tarefa constante de sustentar os filhos, Edileuza descobriu, quase por acaso, o universo da reciclagem.

Os resíduos, que para muitos eram invisíveis, passaram a ser matéria de transformação. Cada garrafa recolhida, cada papel separado, era também um pouco de dignidade recuperada. “A reciclagem me deu mais que o pão de cada dia, me devolveu a coragem”, conta. No silêncio das madrugadas, carregando sacos pesados, ela percebeu que não estava sozinha: havia uma multidão de catadores espalhados pela cidade, todos lutando contra o esquecimento social.

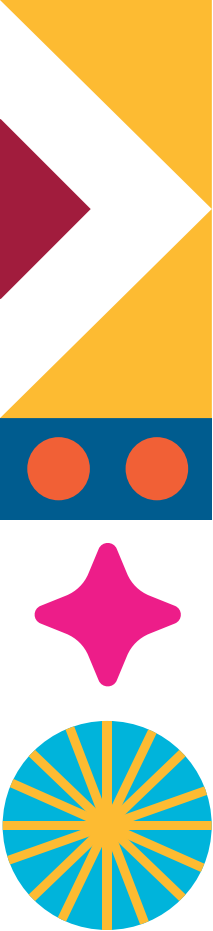
Foi nesse encontro de vidas que surgiu a força coletiva. Edileuza se uniu a outros catadores e ajudou a construir uma cooperativa, espaço de resistência e de sonhos compartilhados. No galpão, entre o barulho das prensas e o colorido dos materiais, floresceu também a solidariedade. Ali, mulheres e homens encontravam não apenas renda, mas também pertencimento. “A gente não se via mais como descartável, a gente se via como parte de algo importante.”

A vida de Edileuza é marcada por recomeços. Separada, enfrentando as dificuldades de criar os filhos sozinha, ela encontrou na reciclagem uma espécie de poesia prática: transformar o que era rejeitado em algo de valor. O trabalho ár-



duo nunca a impediu de sonhar. Com orgulho, conta de colegas que conseguiram colocar filhos na escola, erguer suas casas, sonhar mais alto do que o destino parecia permitir.

Sua liderança nasceu da escuta. Edileuza não precisou levantar a voz para ser respeitada; bastava a firmeza tranquila com que conduzia decisões e acolhia as dores dos outros. Tornou-se referência para muitas mulheres, sobretudo aquelas que, como ela, sustentavam famílias sozinhas. No universo da reciclagem, descobriu que ser mulher era também carregar um duplo fardo — enfrentar a invisibilidade social e a desconfiança em espaços de liderança. Mas, com coragem, mostrou que era possível resistir.



É com a serenidade de quem aprendeu a transformar dor em esperança, que Edileuza segue.

Caminhando entre raízes e horizontes, ela mostra que a vida, quando reciclada com amor e coragem, pode sempre florescer.

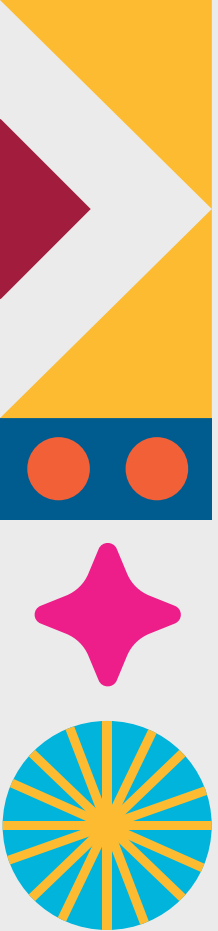
Ao longo dos anos, ajudou a estruturar projetos, firmar parcerias e dar visibilidade ao trabalho das catadoras. Participou de encontros e formações, onde sua história ecoava como testemunho da força que nasce do cotidiano. Sempre lembrava que, mais que números e toneladas de resíduos, o que estava em jogo eram vidas humanas.

Hoje, Edileuza segue no galpão, cuidando de cada detalhe com o mesmo zelo de quem cultivava um jardim. O som das latas amassadas se mistura ao riso das companheiras, e o espaço se converte em refúgio de dignidade. Ela sabe que o caminho ainda é cheio de desafios, mas também sabe que cada pequena conquista é um passo para o futuro.

Seu maior desejo é simples e profundo: que os catadores sejam reconhecidos como trabalhadores essenciais, parte fundamental da engrenagem que mantém as cidades limpas e o planeta mais equilibrado. E que, sobretudo, nenhuma mulher precise mais escolher entre a sobrevivência e a dignidade.

Na história de Edileuza, há a poesia das coisas miúdas. O brilho de uma latinha coletada se torna símbolo de resistência; o gesto de separar papéis vira metáfora de um destino reconstruído. Como ela mesma costuma dizer, “nada é só lixo”. Nem as coisas, nem as pessoas.

E é assim, com a serenidade de quem aprendeu a transformar dor em esperança, que Edileuza segue. Caminhando entre raízes e horizontes, ela mostra que a vida, quando reciclada com amor e coragem, pode sempre florescer.



Edileuza: Between Roots and Horizons

Maria Edileuza Soares Mendes
Ascampa – Associação de Catadores e
Catadoras de Materiais Recicláveis da Região
Centro Norte de Palmas, Tocantins

The story of Edileuza unfolds like a delicate thread, interwoven by the strength of survival and the desire to transform the world around her. Born in Tocantins, daughter of farmers, she grew up amidst the land, learning early on that life is sustained by the work of hands and by the hope that resists even in the most difficult harvests.

Still a girl, she left the countryside in search of new paths. She migrated to the city, where she believed she would find better opportunities, but urban life did not make life easy for her. Between temporary jobs and the constant task of supporting her children, Edileuza discovered, almost by chance, the universe of recycling.

Waste, which for many was invisible, became matter for transformation. Each bottle collected, each paper separated, was also a bit of dignity regained. “Recycling gave me more than my daily bread, it gave me back my courage,” she says. In the silence of the dawns, carrying heavy bags,

she realized she was not alone: there were many collectors spread throughout the city, all fighting social oblivion.

It this meeting of lives that collective strength emerged. Edileuza joined other collectors and helped build a cooperative, a space of resistance and shared dreams. In the warehouse, between the noise of the presses and the colorful materials, solidarity also flourished. There, women and men found not only income, but also belonging. “We no longer saw ourselves as disposable, we saw ourselves as part of something important.”

Edileuza’s life is marked by new beginnings. Separated, facing the difficulties of raising children alone, she found in recycling a kind of practical poetry: transforming what was rejected into something of value. The hard work never prevented her from dreaming. With pride, she talks about colleagues who managed to put children in school, build their houses, dream higher than fate seemed to allow.

Her leadership was born from listening. Edileuza did not need to raise her voice to be respected; the quiet firmness with which she conducted decisions and welcomed the struggles of others was enough. She became a reference for many women, especially those who, like her, were supporting their families alone. In the universe of recycling, she discovered that being a woman was also carrying a double burden — facing social invisibility and distrust within leadership spaces. But with courage, she showed that it was possible to resist.

Over the years, she helped structure projects, establish partnerships, and give visibility to the work of female collectors. She participated in meetings and training, where her story echoed as a testimony of strength that is born from daily life. She always reminded everyone that, more than numbers and tons of waste, what was at stake were human lives.

Today, Edileuza continues in the warehouse, taking care of every detail with the same dedication as someone who cultivates a garden. The sound of crushed cans mixes with the laughter of her companions, and the space is transformed into a refuge of dignity. She knows the path is still full of challenges, but she also knows that every small achievement is a step toward the future. Her greatest wish is simple and profound: that collectors be recognized as essential workers, an essential engine that keeps cities clean and the planet more balanced. And that, above all, no woman ever needs to choose between survival and dignity again.

In Edileuza’s story, there is the poetry of small things. The shine of a collected can becomes a symbol of resistance; the gesture of separating papers turns into a metaphor for a reconstructed destiny. As she herself often says, “nothing is just trash.” Neither things nor people. And so, with the serenity of one who learned to transform pain into hope, Edileuza continues, walking between roots and horizons, showing that life, when recycled with love and courage, can always flourish.



*And so, with the serenity of one who learned to transform pain into hope, Edileuza continues, **walking between roots and horizons, showing that life, when recycled with love and courage, can always flourish.***



Uma engrenagem invisível, mas poderosa

NORMALMENTE, UMA HISTÓRIA é contada a partir do ponto de vista de quem vence. Vence guerras, disputas, sobretudo, vence a narrativa. De tal maneira, geração após geração, aprendemos a criar memória a partir de uma visão parcial de mundo, onde já está definido o que é bom ou ruim, certo ou errado. Essa perspectiva dual, sem nuances, é perigosa em um tempo afeiçoado a extremismos. Este livro buscou outro lugar: dar voz a quem raramente estampa capas de jornais ou protagoniza os capítulos oficiais. Aqui, contamos histórias de mulheres catadoras, líderes, mães, filhas e avós, que cuidam de si e dos outros, transformando o resíduo em dignidade.

O que se revela não são apenas trajetórias individuais, mas um padrão de resistência. Em quase todas as entrevistas, a catação apareceu primeiro como necessidade: uma alternativa diante da fome, da violência doméstica, da ausência de oportunidades. Contudo, o que poderia ter sido só improviso torna-se projeto de vida. Foi assim com Dona

Maria, que herdou dívidas e, sem galpão, persistiu até criar uma rede de cooperativas no Maranhão. Foi também assim com Trindade, que encontrou no antigo lixão do Aurá o ponto de partida para se tornar liderança respeitada no Pará.

Ao longo das narrativas, repete-se o gesto de transformar o que sobra em sustento. Lena, no Maranhão, viu nas latas e papéis uma renda que sustentaria seus filhos e, depois, a fundação de uma cooperativa. Edileuza, em Tocantins, dizia que “cada garrafa recolhida era um pouco de dignidade recuperada”. Madá, em Minas, resumiu de forma poética: “Aqui a gente não recicla só material, a gente recicla vidas”. Essas frases, que surgem como pequenas pérolas, dão autenticidade ao que poderia parecer uma epopeia distante: na verdade, são vidas comuns, mas extraordinárias em sua coragem.

Outro fio que atravessa os relatos é a liderança feminina. Muitas começaram tímidas, desacreditadas até por si mesmas, mas que logo perceberam que o coletivo exigia alguém para articular,

falar em público, negociar com o poder público. Gê, em Santa Catarina, transformou dor pessoal em liderança, fundando uma cooperativa e criando até um bazar de reaproveitamento criativo. Dulce, em Goiás, aprendeu que não bastava levar problemas ao Ministério Público — era preciso propor soluções. Dessa maneira, construiu galpões e caminhões para centenas de catadores. Verônica, no Paraná, que começou catando latas ainda muito jovem, tornou-se diretora financeira de uma das maiores cooperativas do Brasil, mostrando que formação acadêmica e experiência de vida podem caminhar juntas.

Essas lideranças, contudo, não nasceram de privilégios. Muitas são mães solo, responsáveis por sustentar filhos e netos. Elas encontraram na reciclagem algo para além da renda: independência e autoestima.

O modelo de cooperativa se revelou também espaço de acolhimento: mulheres que fugiam de relacionamentos abusivos, ex-presidiárias, sobreviventes de violência doméstica. Para todas,

o galpão foi lugar de recomeço. “Aqui ninguém é descartável”, disse Edileuza.

Um padrão evidente é a fé como sustento invisível. Socorro, em Sergipe, não hesita em dizer: “Do lixo fui para o luxo”, não no sentido material, mas como metáfora de dignidade recuperada. Fran, no Acre, se define como a “baixinha guerreira valente”, sustentada pela oração silenciosa em seu quarto. Dona Maria resume: “Tudo que eu tenho, foi Deus quem me deu”. Essa espiritualidade, traduzida em gestos concretos, se entrelaça à militância, dando às histórias um tom de esperança que resiste mesmo diante da precariedade.

Outro aspecto recorrente é a visão ambiental. Embora o reconhecimento governamental seja insuficiente, todas entendem que o serviço prestado vai muito além da renda. Trata-se de um serviço essencial às cidades, à limpeza urbana, à sustentabilidade. Muitas falam de forma simples, mas poderosa: “Cada quilo que tiramos do meio ambiente é uma árvore a menos derubada”, recorda Trindade. Essa consciência,

repetida em diferentes estados, mostra como o trabalho da catação é parte invisível da engrenagem ecológica do país.

Apesar das diferenças regionais — no antigo lixão amazônico ameaçado pelas enchentes até as cooperativas estruturadas no Sul —, há padrões de conquista. Hoje, muitas dessas mulheres têm casa própria, fruto direto da reciclagem. Outras conseguiram colocar filhos na universidade. Verônica celebra o filho contador, Trindade orgulha-se do primogênito que estudou graças ao trabalho coletivo. Essas vitórias são repetidas como troféus silenciosos, sinais de que valeu a pena persistir.

Curiosamente, grande parte dessas líderes já passou dos cinquenta anos. Mulheres que carregam décadas de luta, memórias de antigos lixões, de disputas com ratos e urubus, e que agora conduzem cooperativas com caminhões, galpões e contratos públicos. Muitas falam do futuro pensando nos filhos e netos — uma segunda geração que já nasce com mais oportunidades, alguns com formação técnica e superior.

O livro mostra que o lugar da mulher é onde ela quiser estar. Nenhuma delas se perguntou se tinha “direito” a ocupar o galpão, negociar com prefeitos, administrar milhões de reais em contratos. Simplesmente chegaram e fizeram. Brigaram quando foi preciso, negociaram quando a palavra virou o jogo, acolheram quando a vida exigiu ternura. E, sobretudo, abriram espaço para que outras viessem.

No fim, o que une todas as histórias não é a tristeza, embora ela exista, mas a capacidade de sonhar. Sonhar com cooperativas mais fortes, com reconhecimento social, com políticas públicas que valorizem seu serviço ambiental. Sonhar com filhos formados, netos crescendo em cidades mais limpas e em comunidades mais justas.

Nem o caos, nem o medo, tampouco as privações tiraram dessas mulheres a habilidade de imaginar dias melhores. Pelo contrário: ensinaram a todas nós que reciclar é mais do que separar resíduos — é mostrar que mesmo no resíduo que o mundo descarta há sempre algo de valor.

An invisible but powerful gear

History is usually written by the winners — those who wage wars, settle disputes, and control the narrative. Generation after generation, we learn to build our collective memory through a biased lens that rigidly defines good versus evil or right versus wrong. This binary perspective, devoid of nuance, is dangerous in an era that thrives on extremism. This book seeks a different path by amplifying the voices of those who rarely make the headlines or star in official history books. Here, we tell the stories of women who are waste pickers, leaders, mothers, daughters, and grandmothers — women who care for themselves and others by transforming waste into dignity.

What emerges is not just a collection of individual journeys but also a recurring pattern of resilience. In almost every interview, waste picking first appeared as a necessity, often serving as a desperate alternative to hunger, domestic violence, or a lack of opportunity. Yet, what could have been a mere makeshift solution became a life project. That was the case for Dona

Maria, who inherited debts and, despite having no warehouse, persisted until she built a network of cooperatives in Maranhão. So too for Trindade, who found her starting point in the former Aurá dumpsite to become a respected leader in Pará.

Throughout these narratives, the act of turning what is left behind into livelihood is a recurring theme. Lena, in Maranhão, saw cans and paper as the income that would support her children and eventually lead to the foundation of a cooperative. Edileuza, in Tocantins, used to say that every bottle collected was a bit of dignity recovered. Madá, in Minas Gerais, summed it up poetically by stating that they do not just recycle materials, they recycle lives. These phrases, emerging like small pearls of wisdom, lend authenticity to what might otherwise seem like a distant epic. In reality, these are ordinary lives made extraordinary by courage and persistence.

Another thread running through these accounts is female leadership. Many began timidly, doubted even themselves, but they soon realized that the collective

needed someone to speak out, negotiate with public officials, and organize. Gê, in Santa Catarina, transformed personal pain into leadership by founding a cooperative and creating a creative reuse market. Dulce, in Goiás, learned that it was not enough to bring problems to the Public Prosecutor's Office. She realized she had to propose solutions, this realization led to the construction of warehouses and the acquisition of trucks for hundreds of workers. Verônica, in Paraná, who started picking cans at age nine, became the CFO of one of the largest cooperatives in Brazil, proving that academic training and life experience can walk hand in hand.

These leaders, however, were not born into privilege. Many are single mothers responsible for supporting children and grandchildren. In recycling, they found something beyond income, particularly independence and self-esteem.

The cooperative model also revealed itself as a place of refuge for women fleeing abusive relationships, former incarcerated people, and survivors of domestic violence. For all of them,

the warehouse was a place to start over. Edileuza often said that “Nobody here is disposable.”

A clear pattern that emerges is faith as an invisible support system. Socorro, in Sergipe, does not hesitate to say that she went from trash to luxury, not in a material sense, but as a metaphor for reclaimed dignity. Fran, in Acre, defines herself as the fearless fighter sustained by silent prayer in her room. Dona Maria summarizes it by saying that everything she has was given to her by God. This spirituality, translated into concrete actions, intertwines with their activism to give the stories a tone of hope that persists even in the face of precariousness.

Another recurring theme is their environmental vision. Although government recognition is often lacking, these women understand that their service goes far beyond income. It is an essential service for cities, urban sanitation, and sustainability. Many put it simply but powerfully, such as Trindade, who recalls that every kilogram removed from the environment is one less tree

cut down. This awareness, echoed across different states, shows how waste picking is an invisible but vital gear in the country's ecological engine.

Despite regional differences, in the former Amazonian dumpsite threatened by floods to structured cooperatives in the South, there are shared milestones of success. Many now own their own homes as a direct result of recycling, while others managed to put their children through university. Verônica celebrates her son, who is an accountant, and Trindade is proud of her firstborn who studied thanks to their collective work. These victories are recounted like silent trophies and signs that the struggle was worth it.

Curiously, most of these leaders are over fifty. They are women who carry decades of struggle, memories of former dumpsites, and battles with rats and vultures, and they now manage cooperatives with trucks, warehouses, and public contracts. Many speak of the future with their children and grandchildren in mind, representing a second generation born with more

opportunities and higher education.

This book shows that a woman's place is wherever she chooses to be. None of them asked if they had the right to occupy a warehouse, negotiate with mayors, or manage millions in contracts. They simply showed up and did it. They fought when necessary, negotiated when words could turn the tide, and offered comfort when life demanded tenderness. Above all, they cleared the path so that others could follow.

In the end, what unites all these stories is not sadness, though it exists, but the capacity to dream. They dream of stronger cooperatives, social recognition, and public policies that value their environmental service. They dream of educated children, grandchildren growing up in cleaner cities, and more just communities.

Neither chaos, fear, nor hardship could strip these women of their ability to imagine better days. On the contrary, they have taught us all that recycling is more than just sorting waste. It is showing that even in the waste that the world discards, there is always something of value.

Referências bibliográficas

BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa. A invenção do feminino. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina. São Paulo: Selo Negro, 2003.

CHALHOUB, Sidney. Escravidão e invenção da liberdade: estudos sobre o século XIX brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

COLLINS, Patricia Hill. Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment. New York: Routledge, 2000.

DEL PRIORE, Mary. Histórias das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.

DEL PRIORE, Mary. O patriarcado à brasileira. Rio de Janeiro: Planeta, 2022.

FAJARDO, Washington (Org.). Recicladores de Sonhos. Rio de Janeiro: Secretaria de Cultura, 2010.

FIOCRUZ. Saúde e Catadores de Materiais Recicláveis. Brasília: Fiocruz, 2021.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. São Paulo: Zahar, 2020.

HILL COLLINS, Patricia. Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment. New York: Routledge, 2000.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua. Rio de Janeiro: IBGE, 2021–2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>

IPEA. Mulheres catadoras de materiais recicláveis. Brasília: Ipea, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/>

IPEA. Perfil dos Catadores de Materiais Recicláveis no Brasil. Brasília: Ipea, 2013.

LEVI, Giovanni. A herança imaterial: trajetória de um historiador. São Paulo: Edusc, 2000.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia, história e representação social. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MENEGUELLO, Cristina. A longa travessia: mulheres na saúde e na medicina. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.

MIRZOEFF, Nicholas. The Right to Look: A Counterhistory of Visuality. Durham: Duke University Press, 2011.

NASCIMENTO, Beatriz. O negro visto por ele mesmo. São Paulo: Instituto Kuanza, 2021.

NASCIMENTO, Beatriz. O negro e o poder: reflexões sobre a experiência negra no Brasil. Rio de Janeiro: IPEAFRO, 2022.

PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PINTO, Ana Maria Mauad; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de (Orgs). História Pública e Cultura Visual. São Paulo: Letra e Voz, 2020.

PONS CARDOSO, Cláudia. Mulheres regateiras: trabalho e espaço urbano na Bahia oitocentista. Afro-Ásia, Salvador, n. 24, p. 105-130, 2000.

RAGO, Margareth. Mulheres intelectuais no Brasil. São Paulo: Ed. da UNESP, 2003.

RANCIÈRE, Jacques. O partilhamento do sensível: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2009.

RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro?. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SAFFIOTI, Heleieth. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

SANTOS, Thereza. Eu, mulher negra. São Paulo: Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, 1985.

SCHUMACHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. Mulheres negras do Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Palmares, 2007.

SCOTT, Joan. O lugar da mulher. Rio de Janeiro: FGV, 1995.

SILVA, Heloísa Buarque de Hollanda. Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

THOMPSON, E. P. A miséria da teoria ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO (TCU). Auditoria operacional: gestão de resíduos sólidos urbanos – 2023. Brasília: TCU, 2023.

References

BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa. *A invenção do feminino [The invention of the feminine]*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina [Blackening feminism: the situation of Black women in Latin America]*. São Paulo: Selo Negro, 2003.

CHALHOUB, Sidney. *Escravidão e invenção da liberdade: estudos sobre o século XIX brasileiro [Slavery and the invention of freedom: studies on the Brazilian 19th century]*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

COLLINS, Patricia Hill. *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*. New York: Routledge, 2000.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias das mulheres no Brasil [Histories of women in Brazil]*. São Paulo: Contexto, 1997.

DEL PRIORE, Mary. *O patriarcado à brasileira [Patriarchy, Brazilian style]*. Rio de Janeiro: Planeta, 2022.

FAJARDO, Washington (Ed.). *Recicladores de Sonhos [Dream Recyclers]*. Rio de Janeiro: Secretaria de Cultura, 2010.

FIOCRUZ. *Saúde e Catadores de Materiais Recicláveis [Health and Waste Pickers]*. Brasília: Fiocruz, 2021.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas [The interpretation of cultures]*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição [The Cheese and the Worms: The Cosmos of a Sixteenth-Century Miller]*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro latino-americano [For an Afro-Latin American feminism]*. São Paulo: Zahar, 2020.

IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua [Continuous National Household Sample Survey]*. Rio de Janeiro: IBGE, 2021–2022. Available at: <https://www.ibge.gov.br/>.

IPEA. *Mulheres catadoras de materiais recicláveis [Female waste pickers]*. Brasília: Ipea, 2019. Available at: <https://repositorio.ipea.gov.br/>.

IPEA. *Perfil dos Catadores de Materiais Recicláveis no Brasil [Profile of Waste Pickers in Brazil]*. Brasília: Ipea, 2013.

LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um historiador [The Immaterial Heritage: The trajectory of a historian]*. São Paulo: Edusc, 2000.

MAUAD, Ana Maria. *Fotografia, história e representação social [Photography, history, and social representation]*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MENEGUELLO, Cristina. *A longa travessia: mulheres na saúde e na medicina [The long crossing: women in health and medicine]*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.

MIRZOEFF, Nicholas. *The Right to Look: A Counterhistory of Visuality*. Durham: Duke University Press, 2011.

NASCIMENTO, Beatriz. *O negro visto por ele mesmo [The Black person seen by themselves]*. São Paulo: Instituto Kuanza, 2021.

NASCIMENTO, Beatriz. *O negro e o poder: reflexões sobre a experiência negra no Brasil [The Black person and power: reflections on the Black experience in Brazil]*. Rio de Janeiro: IPEAFRO, 2022.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros [The excluded of history: workers, women, and prisoners]*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PINTO, Ana Maria Mauad; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de (Eds.). *História Pública e Cultura Visual [Public History and Visual Culture]*. São Paulo: Letra e Voz, 2020.

PONS CARDOSO, Cláudia. *Mulheres regateiras: trabalho e espaço urbano na Bahia oitocentista [Huckster women: work and urban space in 19th-century Bahia]*. Afro-Ásia, Salvador, n. 24, p. 105-130, 2000.

RAGO, Margareth. *Mulheres intelectuais no Brasil [Women intellectuals in Brazil]*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2003.

RANCIÈRE, Jacques. *O partilhamento do sensível: estética e política [The Distribution of the Sensible: Aesthetics and Politics]*. São Paulo: Editora 34, 2009.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro? [Who's afraid of Black feminism?]*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade [Women in class society: myth and reality]*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

SANTOS, Thereza. *Eu, mulher negra [I, a Black woman]*. São Paulo: Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, 1985.

SCHUMACHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. *Mulheres negras do Brasil [Black women of Brazil]*. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Palmares, 2007.

SCOTT, Joan. *O lugar da mulher [The woman's place]*. Rio de Janeiro: FGV, 1995.

SILVA, Heloísa Buarque de Hollanda. *Pensamento feminista: conceitos fundamentais [Feminist thought: fundamental concepts]*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros [The Poverty of Theory or an Orrery of Errors]*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

FEDERAL COURT OF ACCOUNTS (TCU). *Auditoria operacional: gestão de resíduos sólidos urbanos – 2023 [Operational audit: urban solid waste management – 2023]*. Brasília: TCU, 2023.



Woman who
recycle the future

**ORGANIZAÇÃO
E COORDENAÇÃO**
Organization and Coordination
Katia Rocha

**PRODUÇÃO
EDITORIAL**
Editorial Production
Jessica Santos

TEXTO
Text
Viviane Mansi

EDIÇÃO DE TEXTO
Text Edition
Jonar Brasileiro

**ASSISTENTE
DE PRODUÇÃO**
Production Assistant
Rayssa Dias
e Luana Rodrigues

**PROJETO GRÁFICO
E DIREÇÃO DE ARTE**
Graphic Project
and Design Director
Carmen Fukunari

EDIÇÃO DE ARTE
Art Editor
Adriana Harumi

**DIREÇÃO
FOTOGRAFICA
E FOTOGRAFIA**
Photography and Direction
Magali Moraes

**TRATAMENTO
DE IMAGENS**
Image Treatment
Adriana Harumi

REVISÃO
Copy Editor
Cristiane Maruyama

TRADUÇÃO
Translation
Jessica Santos

IMPRESSÃO
Print
MaisType

AGRADECIMENTOS
Acknowledgements

Agradecemos às mulheres
que dividiram suas histórias
com coragem e confiança e às
profissionais e apoiadores que
tornaram esta iniciativa possível.

We thank the women who shared
their stories with courage and
confidence, and the professionals
and supporters who made this
initiative possible

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mulheres que reciclam futuro = Women who recycle
the future / [texto Viviane Mansi ; tradução
Jéssica Santos]. -- 1. ed. -- São Paulo :
Rede Educare, 2026.

Edição bilíngue: português/inglês.
ISBN 978-85-906825-8-5

1. Cooperativismo 2. Economia circular
3. Economia solidária 4. Mulheres - Aspectos
sociais 5. Mulheres - Fotografias 6. Reciclagem
(Resíduos etc.) 7. Relatos pessoais 8. Superação
I. Mansi, Viviane. II. Título: Women who recycle
the future.

26-332630.1

CDD-334

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Cooperativismo : Economia solidária
334

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

MULHERES QUE RECICLAM O FUTURO nasce do encontro entre imagem e memória. Fotografias e relatos apresentam mulheres que fazem da reciclagem um trabalho criador, um ofício que organiza a vida com conhecimento. Cada rosto e cada narrativa revelam uma inteligência construída no cotidiano. À medida que se reconhecem como recicladoras, articulam suas trajetórias em torno do cuidado, da transformação e da preservação da terra e da vida.

Women Who Recycle the Future emerges from the intersection of image and memory. Photographs and stories present women who transform recycling into a creative labor, a vocation that structures life with expertise. Every face and every narrative unveils an intelligence forged in daily practice. As they recognize themselves as recyclers, they frame their life paths around the concepts of care, transformation, and the preservation of both the Earth and life itself.



MULHERES QUE RECICLAM O FUTURO

PATROCÍNIO



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais

Novelis



APOIO

CATAPOP
INSTITUTO ABRINDO CAMINHOS

REALIZAÇÃO



MINISTÉRIO DA
CULTURA
GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO